

Edição Especial
Rubens F. Lucchetti



SOMNIUM 125

Somnium é uma publicação oficial do CLFC - Clube de Leitores de Ficção Científica

Contos de

**Rubens F.
Lucchetti**

Leon Nunes

**Miguel
Carqueija**

**Romy
Schinzare**

**Roger Israel
Feller**

Artigos de

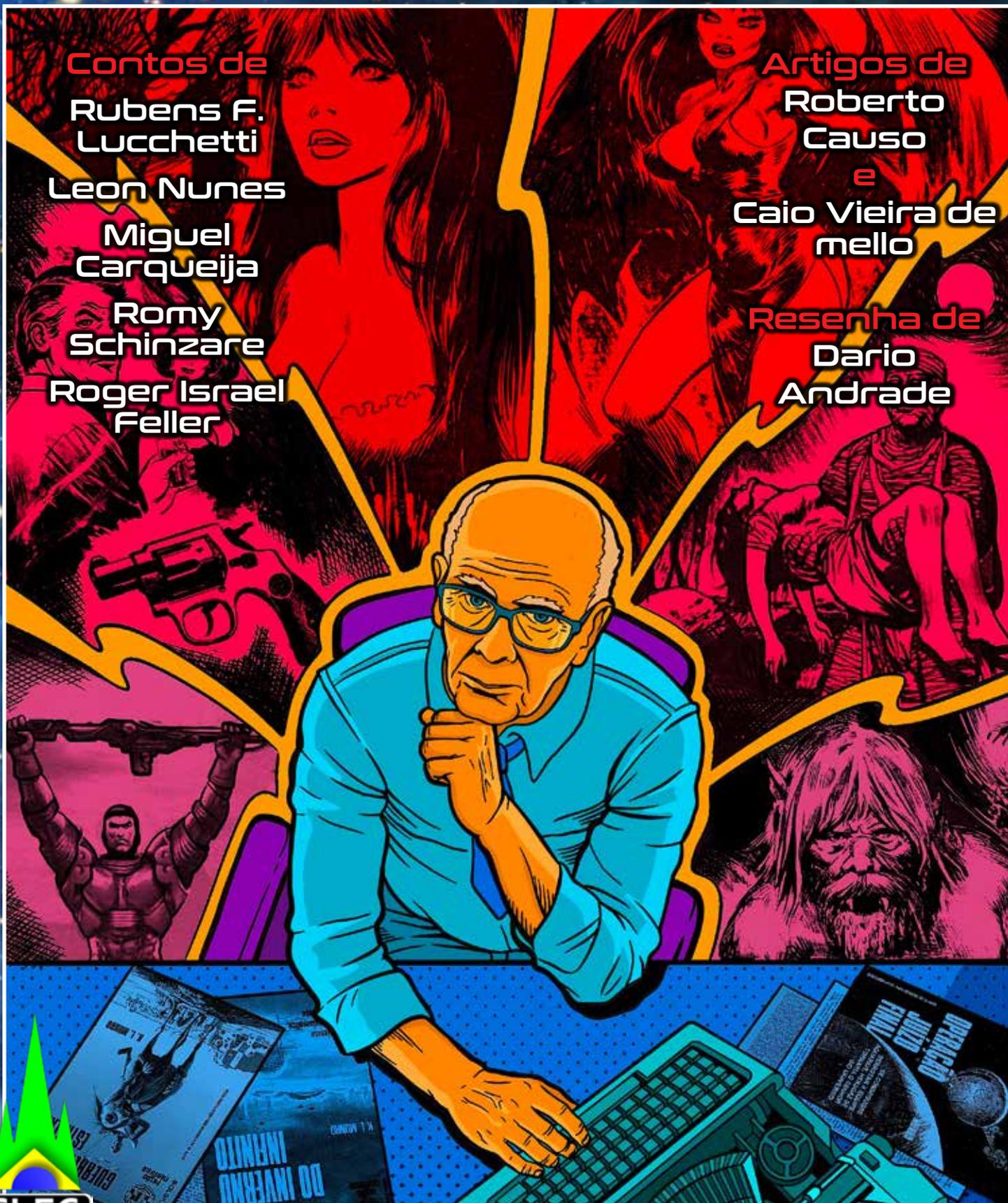
**Roberto
Causo**

e

**Caio Vieira de
mello**

Resenha de

**Dario
Andrade**



CLFC

www.clfc.com.br

Editorial

por Luiz Felipe Vasques

Saudações!

Rubens Francisco Lucchetti (1930-1924) foi um escritor e roteirista de cinema e quadrinhos, mais conhecido por sua paixão pelo terror embora também tivesse se aventurado na ficção-científica; sendo considerado o mestre brasileiro do pulp, havendo escrito mais de 1500 livros. Esta edição da Somnium é dedicada a ele, que nos deixou este ano, em sua jornada para além da Fronteira Final.

No momento em que escrevo estas palavras, o segundo turno do Prêmio Argos 2024 também está acontecendo, com escolhas abertas ao público em geral nas categorias Romance, Antologia ou Coletânea e Contos. O objetivo do prêmio é homenagear a produção literária fantástica original em língua portuguesa. Este ano suas regras foram, no primeiro turno (quando a escolha é somente dos sócios do CLFC), atualizadas para barrar os textos feitos por IAs. Os resultados finais serão divulgados em 15 de dezembro próximo.

E por falar em dezembro, Voltas ao Redor do Sol será publicado, antologia de diversos autores comemorando os 39 anos do Clube de Leitores de Ficção Científica, com participação de sócios e interessados.

Nesta edição, contamos com artigos a respeito do mestre por parte de nosso editor, Rubens Angelo, assim como do escritor e pesquisador Roberto de Sousa Causo; e Qiof Thrul fala um pouco dos



O conto “Vinte e dois de abril de 2500”, de Rubens F. Lucchetti, publicado em abril de 2000 no suplemento “Folhateen” da Folha de SP, para celebrar os 500 anos do descobrimento do Brasil. Uma ficção científica distópica do mestre da pulp fiction brasileira.

Editorial

por Luiz Felipe Vasques

pseudônimos do autor. Temos também um conto do próprio Lucchetti, contando com sua própria autorização, conferida este ano ainda e gentilmente corroborada por seu filho. A edição também conta com demais participações de nossos sócios homenageando Lucchetti à sua própria maneira: nossa pequena contribuição, no país dito sem memória, para preservar um pouco daquilo e daqueles que nos são caros.

Luiz Felipe Vasques
29/10/2024



Você pode conferir os finalistas do Prêmio Argos deste ano no final da edição.



EXPEDIENTE

SOMNIUM 125 - Outubro de 2024

Editores: Eduardo Torres, Gerson Lodi-Ribeiro, Luiz Felipe Vasques, Rubens Angelo; projeto gráfico: Sid Castro, diagramação: Rubens Angelo; **Colaboradores:** Dario Andrade, David Machado, Erick Rezende, Guilherme Xavier, João Gomes, Nana Calimeris, Sílvio César e Valter Cardoso. **Capa:** Rubens Angelo.

CLFC Diretoria 2021/2023 - Chapa ARGONAUTAS - PRESIDENTE: Luiz Felipe Vasques Fernandes Guedes; **SECRETÁRIO EXECUTIVO:** Sidemar Vicente de Castro; **TESOUREIRA:** Caroline Libar

Edição 125: Apresentação

por Rubens Angelo

Fazer a Somnium não é tarefa fácil, ainda mais quando nos propomos a homenagear um dos maiores nomes da literatura pulp brasileira: Rubens F. Lucchetti! Em 4 de abril de 2024 perdemos este grande mestre da palavra, capaz de transitar em múltiplos gêneros literários, como o terror, o policial e a ficção científica. Quero fazer um agradecimento muito especial ao Marco Aurélio Lucchetti, filho zeloso do mestre, que carinhosamente nos autorizou a publicar um conto de seu pai aqui na Somnium.

O que oferecemos nesta edição:

“**Vinte e dois de abril de 2500, mil anos de Brasil**”, de *Rubens F. Lucchetti*. O mestre da pulp fiction nacional nos brinda com uma ficção científica: num longínquo futuro, um homem desperta para ver novamente sua cidade... São Paulo. Mas algo mudou na cidade, de forma assustadora!

Em “**Pétalas no colo**”, *Leon Nunes*

mostra que o lado onírico do sonhar pode ser o ponto de união entre o autor do conto e o homenageado. Uma história de despedida.

“**Ciclos**”, de *Miguel Carqueija* é uma ficção curta, mas intensa: uma equipe do século 25 se encontra numa perigosa missão, em meio a uma selva densa que esconde monstruosidades.

Em “**O Colecionador**”, a autora *Romy Schinzare* adentra a escuridão para nos assustar com uma história sobre um legado familiar que revela ser uma terrível maldição.

“**O Quadro**”, de *Roger Israel Feller*, nos convida a explorar um antigo engenho no interior de São Paulo, onde um homem obcecado por uma misteriosa pintura desperta um mal ancestral.

No artigo “**R. F. Lucchetti e a Ficção Científica**”, *Roberto Causo* faz um relato em primeira mão da era de ouro da pulp fiction brasileira, quando Rubens Lucchetti, sob o pseudônimo de “K. L. Munro”, escreveu a “Coleção S.O.S.”, uma série de space ópera 100% nacional.

Em “**O corvo salvador**”, eu (*Rubens Angelo*) fiz um artigo que nos dá um pequeno retrato da Editora Corvo, que vêm resgatando a preciosa obra literária de Rubens F. Lucchetti.

No artigo “**O ano futurístico de 2024**”, de *Caio Vieira de mello*, descobrimos que o ano de 2024 já foi o futuro para diversos autores de ficção científica. Venha conhecer algumas obras que se passam neste antigo futuro que se tornou o nosso presente!

Na resenha de *Dario Andrade*, temos o “**Noite diabólica — Contos macabros, de R. F. Lucchetti**”, o primeiro livro publicado pelo mestre da pulp fiction nacional.

Rubens Angelo, Editor, outubro de 2024.

Especial Rubens F. Lucchetti

Índice

INTRODUÇÃO

Algumas palavras sobre Rubens F. Lucchetti 6

CONTO

Destaques FCB: “Vinte e dois de abril de 2500,
mil anos de Brasil” - Rubens F. Lucchetti 9

CONTO

“Pétalas no colo” - Leon Nunes 13

ARTIGO

R. F. Lucchetti e a Ficção Científica: “Meu contato com o
decano dos autores pulp nacionais” - Roberto de Sousa Causo .. 17

CONTO

“Ciclos” - Miguel Carqueija 28

QUADRINHOS

Toni Rodrigues 31

FATOS EM FICÇÃO

Quiof Thrul 34

ARTIGO

“O corvo salvador” - Rubens Angelo 35

CONTO

“O Colecionador” - Romy Schinzare 39

ARTIGO

O ano futurístico de 2024 - Caio Vieira de mello..... 47

CONTO

“O Quadro”- Roger Israel Feller 50

RESENHA

Noite diabólica: Contos macabros, de R. F. Lucchetti,
por Dario Andrade 59



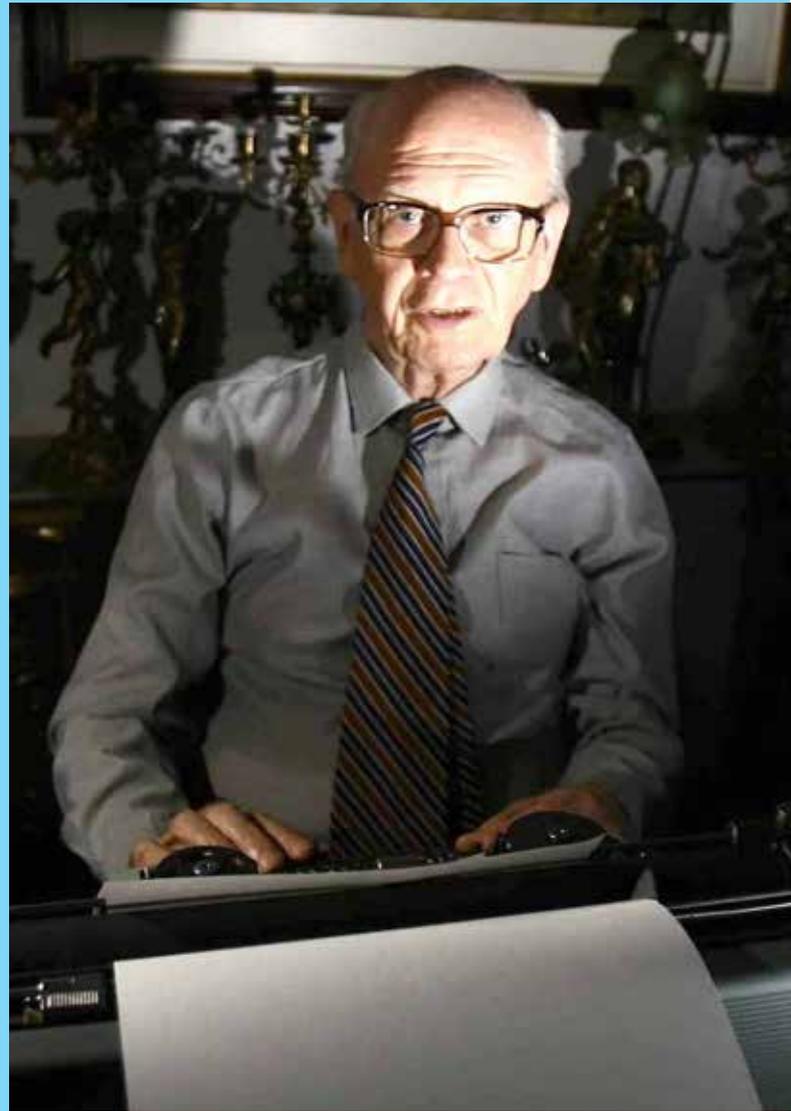
Introdução

Algumas palavras sobre Rubens F. Lucchetti

por Rubens Angelo

Conheci o nome “Lucchetti” ao ganhar uma revista de terror em quadrinhos, quando eu era criança, lá em meados dos anos 1980. Nas páginas sombrias da revista, destacava-se uma história sobre um repórter que viajava até a Hungria, a fim de investigar uma misteriosa Condessa. Não contarei detalhes da trama porque o enredo me escapa devido às brumas do tempo, mas posso garantir que o herói encontrava uma mulher belíssima e sedutora, por quem logo se apaixonava. O único problema é que a Condessa era uma vampira sanguinária! Foi uma envolvente história de terror, e magistralmente ilustrada também — Lucchetti estava sempre bem acompanhado por artistas como Eugênio Colonnese, Rodolfo Zalla e Nico Rosso. Bem, com o tempo fui percebendo que Rubens F. Lucchetti simplesmente estava em quase todas as HQs de terror que eu lia, ele parecia uma máquina editorial de criar histórias (e eu nem sabia, na época, que o autor ainda publicava sob inúmeros pseudônimos). Seus enredos eram mesmo envolventes, sempre com surpresas ao final, e repletos de referências cinematográficas — quem é fã dos filmes de terror da Hammer sabe do que estou falando. À medida que fui entrando na fase adulta diversifiquei minhas leituras e me apaixonei também pela ficção científica, que passou a ocupar mais espaço que o terror na minha pequena estante de livros e revistas. Mas jamais esqueci da beleza da literatura de horror, nem do Lucchetti, que sempre foi uma referência do gênero no Brasil.

Rubens Francisco Lucchetti nasceu em Santa Rita do Passa Quatro (SP), em 1930, mas se mudou com a família para São Paulo (SP), onde deu os primeiros passos na literatura. Ele cresceu lendo as histórias policiais mais famosas entre as décadas de 1940 e 1960, inspiradas na literatura de Arthur Conan Doyle, criador do detetive Sherlock Holmes, e Agatha Christie, em “Assassinato no Expresso Oriente” e “Convite Para Um Homicídio”. Aos 12 anos, Lucchetti conseguiu emplacar o primeiro texto da vida, chamado



“A Única Testemunha”, em um jornalzinho de bairro chamado “O Lapiano”. A frase que iniciava o conto não podia ser mais reveladora do seu gosto pelo terror: “*Ouçó, na noite fria, o dobrar do sino no campanário solitário*”.¹ Como o próprio autor declarou, anos mais tarde, a literatura sombria era a que mais lhe fascinava, uma paixão que veio da infância:

“*O horror nasceu comigo, está no DNA. Eu não sei explicar porque escolhi o horror, que escrevo aliado ao suspense. É o que eu sei fazer. Eu adoro essa*

¹“Lucchetti marcou terror brasileiro em livros, filmes e HQs”. Reportagem do jornal Folha de São Paulo, no Caderno Ilustríssima, em 11.abr.2024.

fantasia e, no fundo, é o que a gente cresce ouvindo. O que são os contos de fada? São histórias de terror em que a gente se apaixona pelas bruxas. E foi essa perspectiva que foi me moldando”.²

Considerado como o rei da “pulp fiction” brasileira, Lucchetti dedicou 80 anos de vida a criar histórias fantásticas. Ele ganhou muita notoriedade nos anos 1960 graças à sua parceria com o cineasta José Mojica Marins, famoso no papel do personagem Zé do Caixão. Lucchetti escreveu dezenas de roteiros de longas-metragens para Mojica, além dos scripts dos programas de tevê “*Além, Muito Além do Além*” e “*O Estranho Mundo de Zé do Caixão*”.

O que poucos sabem é que Lucchetti também escreveu ficção científica. Em 1949, o autor publicou em formato de folhetim no jornal *Diário da Manhã* (de Ribeirão Preto), o romance “*O Criador de Monstros*”, que apresentava um cientista louco chamado Dr. Anton Zola — personagem semelhante ao Dr. Moreau, de “*A ilha do Dr. Moreau*”, de H. G. Wells. O infame Dr. Zola faz experimentos de material genético de humanos e animais, criando abominações monstruosas. Nas palavras do próprio Lucchetti:

“Essa história foi escrita em 1949 ou 1950. Foi publicada, na forma de folhetim, no jornal Diário da Manhã, de Ribeirão Preto (era publicado um capítulo por dia). Seu título original era ‘O Criador de Monstros’. Na verdade, ‘O Abominável Dr. Zola’ é a primeira parte de ‘O Criador de Monstros’. A segunda parte eu utilizei na trama da primeira versão do roteiro de Um Lobisomem na Amazônia (infelizmente, essa primeira versão foi descartada pelo Ivan Cardoso e pelo produtor do filme), mas será publicada em livro pela Editora Laços (...). Quando escrevi ‘O Criador de Monstros’, eu estava muito influenciado pela leitura de ‘O Homem Invisível’ (de H. G. Wells), ‘O Médico e O Monstro’ (de Robert Louis Stevenson) e ‘Frankenstein’ (de Mary Shelley). Portanto, criei um cientista cujo interesse é unicamente suas pesquisas, não se importando com os resultados e as con-

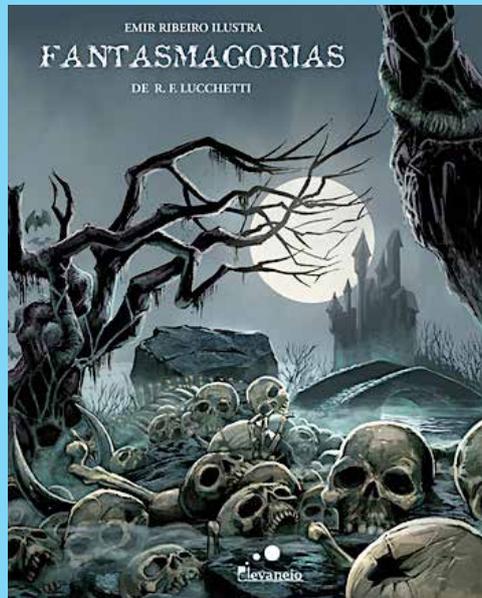
seqüências delas. O nome Zola foi escolhido aleatoriamente. Nem me lembrei do Émile Zola. Precisava apenas de um nome que fosse sonoro. E Zola me pareceu sonoro. O nome dele completo é Anton Zola.” 3

É importante citar a série de ficção científica escrita por Lucchetti sob o pseudônimo de “K. L. Munro”. A coleção, iniciada em 1974, envolve as aventuras espaciais da EQUIPE AQUARIUS, sendo esta série encerrada no número 16 — o título *SOS Ficção Científica* foi reaproveitado posteriormente, continuado com 4 novas coleções que não tinham nada a ver com R. F. Lucchetti, que eram: Série Amarela, Série Azul, Série Vermelha e Série Verde, onde foram publicados títulos lançados no mercado espanhol pela editora BRUGUERA.

Uma última curiosidade: em uma conversa que tive com Lucchetti em março de 2023 para pedir-lhe a autorização para publicar o conto “*Vinte e dois de abril de 2500*”, o

autor não apenas autorizou a iniciativa da Somnium, mas revelou que havia escrito um livro de FC ainda inédito, chamado “*Gênesis depois do fim*”. Infelizmente, ele explicou, esse manuscrito precisava de muita reescrita e seu foco na época era o preparo dos livros já programados para publicação na Editora Corvo — imagino que jamais conheceremos essa obra.

O universo desenvolvido por Lucchetti compõe uma miríade de obras: romances, contos, animações, histórias em quadrinhos e roteiros de cinema, rádio e TV. Uma verdadeira dimensão paralela, povoada por criaturas insólitas, castelos e casarões misteriosos, homens e mulheres perigosos, situações violentas, desdobramentos cheios de surpresas e um estilo de escrita direto e envolvente que assustou e encantou pelo menos duas gerações de leitores — um feito e tanto para um autor brasileiro. Registros dão conta de que ele publicou 1.547 livros, número impressionante que demonstra sua capacidade de produção criativa e a importância de seu legado. Rubens Francisco Lucchetti morreu no dia 4 de abril de 2024, em Ribeirão Preto (SP). Ele tinha 94 anos.



O conto “Vinte e dois de abril de 2500” foi republicado no livro “Fantasmagorias” (Devaneio, 2013).

2 Entrevista para o portal de notícias ao G1, em outubro de 2014.

3 <https://www.facebook.com/photo/?fbid=570252943144552&set=a.344802902356225>



Ilustração: Rubens Angelo + colagens com HQs escritas por Lucchetti: "O guerreiro do espaço" (arte de Alexandre Jubran); "Como Matar Sua Esposa" (Eugenio Colonnese); "A Condessa Czernich" (Eugênio Colonnese); "Natalie, Meu Amor!" (Eugênio Colonnese); "O Segredo da Múmia" (Rodolfo Zalla); "O Homem e a Besta" (Nico Rosso).

Destaques FCB

Vinte e dois de abril de 2500, mil anos de Brasil

Rubens F. Lucchetti

Ele ainda sentia as pernas trêmulas e a cabeça a girar como um carrossel. Não sabia ao certo o que havia acontecido. Tinha uma lembrança muito vaga do estranho mal-estar que se abatera sobre ele. A sensação de uma luz penetrando como corpo sólido e se alojando no seu âmago, deixando uma sensação de não-ser, e toda sua lembrança evaporou-se.

Olhou à sua volta. Estava no cume da Torre da Sé. Através da abóbada de vidro que o cercava, pôde distinguir a cidade; os grandes arranha-céus metálicos e foscos, que não refletiam a luz do Sol. Eram grandes monumentos, que representavam a mais alta conquista da tecnologia das *Cibores*. Estranhou um detalhe: nenhum *autocibor* cruzava o espaço.

Será que havia passado uma fração de segun-



Ilustração: Rubens Angelo

do entre o estado que o dominara e aquela retomada de consciência? Ligou a AudiVisão. Na grande tela apareceu a bela Femila, a mais perfeita *Cibor*, construída à imagem e semelhança humana.

“Boa tarde. Vinte e dois de abril de 2500, 13 horas. Repetindo nosso boletim de 13 de março. Depois do alerta do Grande Cérebro, situado no Planalto Central, o Serviço de Segurança mantém o estado de emergência e conclama a população a respeitar as instruções do Diretor-Mor.”

Treze de março, 22 de abril. O álbum de fotografias aberto na mesma página de quando perdera a consciência. Mais de 30 dias separavam as duas ações; e as imagens, cinco séculos. Sua cidade, uma província onde ainda havia divisões por bairros: Liber-



dade, Vila Mariana, Belém, Brás, o Ibirapuera com um grande parque... Há séculos que os museus conservavam amostras de árvores, gramas, flores e plantas.

O álbum tinha-lhe sido entregue para ser incorporado à biblioteca da Torre, o único lugar que guarda as relíquias culturais do passado, época em que a palavra escrita ainda era usada no que eles chamavam de livros, revistas e jornais. A fotografia, um processo arcaico de fixar uma imagem numa chapa sensível por meio da luz e depois copiá-la em papel. O precioso livro fora encontrado durante escavações, onde outra erguera-se a cidade de Ribeirão Preto, e fizera parte da biblioteca particular de um abnegado bibliófilo de poucos recursos financeiros. É o que se deduzia pelas demais pertences encontrados na residência e igualmente conservados. Segundo especialistas, sua conservação deveu-se a um fenômeno muito particular do terreno em que se erguia a casa. Sabe-se que aquela região, há milhões de anos, abrigara um vulcão.

A reconstituição das fotos e dos demais livros foi um trabalho desenvolvido durante dez anos por um grupo de *Cibores-mentores*, para as comemorações dos mil anos do Descobrimento.

Entre as principais manifestações do dia, estava marcada para às 9 horas uma parada no Corredor do Tietê, onde, há séculos, havia existido um rio de igual nome. Nela seria demonstrado todo o poderio bélico do exército de *Cibores*. Às 18 horas, haveria uma missa de Ação de Graças na Catedral da Sé, reconstruída exatamente como era no ano 2000.

Com a mente cheia de interrogações, dirigiu-se ao elevador. O *Cibor* que o manobrava cumprimentou-o como de hábito.

“Há dias o senhor não tem ido para casa. Certamente está tendo muito trabalho com as comemorações de hoje: Deve ter visto a parada pela AudiVisão.”

O elevador desceu em segundos os 500 andares da Torre. O *Cibor* acompanhou-o até a porta, abrindo-a, e ainda comentou: “Parece que o Sol anda preguiçoso nesses últimos dias”.

Na praça, não havia ninguém. Apenas os *autocibores* estacionados nos pontos. A Catedral erguia-se, majestosa, ao lado da Torre. Uma guarda de honra de *Cibores* perfilava-se nas suas escadarias. Preferiu caminhar. Tinha de encontrar alguém que pudesse explicar o que havia acontecido naquele dia 13 de março.

Por ser feriado, não estranhou, no primeiro mo-

mento, o Centro estar deserto, apenas guardado por *Cibores* que o cumprimentavam de forma cordial. Para eles, a vida corria normal, e não adiantaria interpellá-los.

À medida que caminhava e as horas se sucediam, o temor foi se apoderando de seu espírito, dando-lhe consciência de que estava completamente só. Havia apenas ele e os *Cibores*, e o silêncio a envolver tudo. Não se ouvia nem mesmo os incômodos zumbidos dos insetos. Numa praça, a imagem refletida de Felina repetia o mesmo boletim. Fez uma rápida refeição num dos refeitórios automáticos distribuídos por toda a cidade. Ironicamente, a máquina exigia sua identidade através da retina, e uma voz metálica informava que o débito seria lançado no seu prontuário.

Alojou-se no Centro de Comunicações. Irritava-se de ter como única companhia máquinas, diodos, magnétons, tiorostores, indutores e solencóides. O edifício comandado pelos *Cibores* era uma parafernália. E ficou ali, à escuta do silêncio.

Passaram-se vários dias. De repente... Uma voz!

Não entendia o que a voz falava. Era um idioma estranho, e, a cada repetição, em pequenos intervalos, parecia repetir a mesma mensagem, em outra língua. Era uma emoção, depois de tanto tempo, ouvir uma voz humana e saber que não estava sozinho no mundo! Era uma voz feminina, e falava agora o seu idioma.

Como ele, também não tinha consciência do que havia acontecido com o resto da humanidade. Depois de um tempo adormecida, ela não mais encontrara seus familiares e nem outro ser humano. Apenas os *Cibores*.

“Não há dúvida de que somos os únicos seres vivos em toda a Terra. Por qualquer razão inexplicável, conseguimos sobreviver.”

“Precisamos nos encontrar. Resido no Paraíso. Espero-o. Qual é o seu nome?”

“Adão.”

“E eu me chamo Eva.”

FIM





Especial Rubens F. Lucchetti

Pétalas no colo

Leon Nunes

Para Rubens Francisco Lucchetti.

Seu Rubens não era tão chegado a assuntos religiosos e ocultistas, apesar da descoberta. Lembro, não faz muito tempo, da conversa que tivemos, regada a cachaça da boa, permeada de assuntos verdadeiramente instigantes — meu ímpeto jovem entregue de bandeja ao que me era falado — e um tanto desconexo; fixou-se na memória porque o teor discutido não era trivial.

— Procurei até mesmo em cartas de Freud sobre sonhos, li, ávido, Poe, dentro da religião, ainda trabalhos acadêmicos da ciência, da psicologia, medicina, nada. Nada sequer pincelou o que vi, o que toquei, dos sonhos, desta porta invisível e imaginária à qual atravessei. Nada. Uma linha, um traço, um *ai*. Nada.

— Talvez ideia para um novo livro seu.

— Antes fosse.

— Você me falou alguma coisa com flores.

— Por isso pedi que você segurasse esse livro quando chegou.



— Borges. Alguma coisa a ver?

— Foi o primeiro que puxei depois do ocorrido, podia ter sido outro.

— Bem, além de Poe, que eu me lembre, Lovecraft escreveu algo sobre sonhos. Vá com calma, teu coração não é mais jovem.

— O que me deixa feliz e constrangido; talvez eu exista para provar esta passagem; meu coração aguenta. Abra o livro.

— Flores secas.

— Rosas negras. Estavam em minhas mãos quando dei por meu retorno. Eu atravessei esta passagem de corpo, alma e coração. Ida e volta. Não posso dizer que incólume. Sabe o que mais? Quero voltar. Vou voltar. Só ainda não sei como.

— Você não falou para mais ninguém?

— Como?! Não, não, não, não. Aventei

o assunto com meu filho, mas não aprofundei. Lembrei que você estava por aqui e disse: *é para ele que vou falar*. Não pense que é uma honra. A mecânica dos sonhos, o engenho que é formado neste lugar, de nada sei, ainda. Ainda. Mas eu vou. Algo me liga àquele lugar.



Rubens conseguiu, enfim; através de mensagem do filho, eu soube que, da noite para o dia, ele desaparecera. Não posso dizer que fiquei exultante, trata-se de um desaparecimento (Rubens deixou muita coisa escrita); não mentirei, entanto, ao afirmar que ele conseguiu, ter ficado feliz. Às vezes os escritores encontram a musa, o ambiente perfeito para viver, e com ele não foi diferente. Para muitos, um mistério, a mim, um mistério igualmente, o excelso.

A psicanálise pode discernir conceitos sobre sonhos, mas o que se tem não é nem de perto a verdade; superfície arranhada, apenas, apesar de esforços respeitáveis. Rubens foi quem primeiro conseguiu o acesso, por duas vezes.

Eu também procurei, motivado tanto pela curiosidade quanto pelo exemplo de Rubens, e, feito ele, nada deslindei. Fui acometido de tal vislumbre, o que, de certa forma, me deixa quase em pé de igualdade.

Ainda me questiono como ele teve acesso, como eu tive. Através dos sonhos, o sonho qual me conduziu àquele mundo, que era o lugar destinado ao mestre (inevitável e óbvia a comparação). Não houve esforço, pelo menos de minha parte.

Nada fiz de diferente; invocação, súplica, nada a não ser deitar e dormir. Talvez — meramente conjectura — os livros de Seu Rubens, todos a formar a chave que involuntariamente girei, ou ainda a porta aberta em meu subconsciente; entrei, vi e senti, toquei e me introduzi naquele que só foi meu pelo tempo a mim dedicado, emprestado. Não era questão de ser belo ou horrorífico (mais belo que horrorífico), não só de ser fantasioso, era real — foi real cada passo-toque-respiro-emoção — conquanto sonho (foi quando lembrei de Seixas, relembrei Poe). Descortinava-se, então, uma verdade, embora não fosse minha. “Para ele que vou falar”. Meu cérebro, até então embotado, fez funcionar as engrenagens a me dizer, se ninguém mais além de Rubens chegara tão longe e tão próximo, o bilhete de ida (não fazia ideia se o de volta eu tinha, e acho que nem me preocupei com isso) fora depositado em minhas mãos. “Não pense que é uma honra”. A transição foi demasiado sutil, vi-me diante de uma clareira dentro de uma floresta. Odor de flores, dos mais belos perfumes, inspirei. Uma pilha de livros, uma fogueira acesa, o fogo a crepitar, ali alguém estivera, e não fazia muito tempo. Nunca ima-



ginei a possibilidade de Seu Rubens partir, ainda que soubesse de sua idade, nunca quis que o mundo, qual eu considerava real, o perdesse — não sabia qual fora seu ponto de partida, o primeiro parágrafo, a primeira palavra, apenas sentia que aquilo tudo diante de meus olhos era Rubens.

Ao me aproximar da pilha de livros, um deles se abriu a mostrar, em página qualquer, um pequeno manuscrito, o qual li com avidez. Falava sobre o dia, a noite, o tempo e os séculos, do vazio e do preenchimento. Versava do caos também. Calafrio percorreu meu corpo de tal maneira que me vi cativo; ergui a cabeça para o alto e encontrei um emaranhado de estrelas fulgentes. Logo fui atraído por um caminho na floresta, iluminado por tochas de cores avermelhadas; por ele segui.

Não senti medo, apenas uma angústia, uma tristeza, desolação por saber que o meu mundo não dera o devido valor a Seu Rubens, apesar da importância e de sua presença; dei numa choupana com janelas vazadas — as luzes apagaram-se atrás de mim — e parcialmente escura; um bruxulear de vela num castiçal qualquer sobre a mesa. Para meu espanto, a máquina de datilografar, até então nas sombras, parara seu movimento automático, embora o constante *tec tec tec* permanecesse audível, e uma folha do rolo cuspidada à minha direção; a palavra *flo-*

res se repetia ao longo dos parágrafos sem margens; segurei-a como se fosse minha.

Perscrutei ao redor se encontrava alguma alma, ou criatura, um espelho que fosse, e encontrei mais escuridão. Nada de medo. Nada me atacava, nada me feria; pressupus esperada a minha presença. Havia muito a se observar, tirar proveito, mas tempo não parecia ter. Fui surpreendido por uma voz deveras familiar, e sorri.



— Hábil, não? Gostou do que viu? Há muito.

— Jamais duvidei.

— De certa forma, eu construí para mim. Ignoro como, importa apenas que este é meu lugar. E tenho vindo aqui para escrever.

— Você ainda vive, para sempre agora.

— Queria mostrar a casa onde moro, mas isso é sonho. Teu tempo é escasso. Terá de ir embora.

— Onde estou nisso tudo, sendo teu e apenas teu, e onde está a porta que atravessei?!

— Não importa. É e apenas é, continuará sendo, nunca deixará de ser.

— Enfim.

— Vai com algo *nosso*, pode ter certeza.

— Vai ficar bem?

— Como nunca! É o que me apraz, meu reúnio e minha eternidade. Vá e não esqueça. Só não fale.

— Um dia nos veremos?

— Não. Sente aqui. Só o que você já viu é um prazer. Chega. É hora de ir. Você tem muito que aprender.



Seu Rubens assoprou a vela, a escuridão nos engoliu; eu ainda segurava a folha, embora nela visse borões; dois tapinhas amigáveis nos ombros; sensação prazente a de, mesmo sem ter um quinhão de terra, pertencer.

Encantos. Fantasmagorias. Toda espécie de vida lá estava; embora me tenha sido impossível explorar, tive experiência única de um mundo originalmente irrestrito, sem limites; recorro apenas agora o longínquo rufar de tambores a trafegar — talvez rente ao solo, talvez por sobre árvores, planícies, rios — a superfície (a meu invulgar ver) gentil. Não me ocorreu o pensamento de que eu pudesse representar perigo, o flagelo a ruir raízes e filamentos do que o sustentava. Nem nomes ou datas obtive — penso seriamente que nomes e datas, salvo de Seu Rubens, descaracterizaria a alma-mor daquele *templo-vivo*. Não cabe a mim revelar quaisquer segredos que porventura eu trouxe junto do bilhete de retorno, tampouco poetizar imponderáveis belezas.

Quando dei por mim, recém desperto, estava em meu quarto, sentado na cama, a procura de qualquer coisa que remetesse a verdades entrevistas; ainda o som do *tec tec tec* da máquina de datilografar no fundo da cabeça; um feixe de luz do dia nascido a escapar por entre o buraco da cortina; o calor aprazente de seu toque matinal; eu — meu íntimo mais íntimo — a tentar entender o que me fora dado.

Seu Rubens sabia como ordenar e desordenar e ordenar outra vez tudo em que tocava, o que fazia e imaginava. Parte de mim queria voltar, outra sabia do impossível fora de meu mundo.

Não só isso.

Como prova de que pus os pés no além-de-mim, certificada existência daquele mundo-de-um-homem-só, no meu colo pétalas eu segurava.

Pétalas de rosas.

Rosas negras.

FIM

Leon Nunes nasceu em 1984, é um romancista, contista, e escreve desde 1997. Tem participações em diversas antologias. É autista, nível leve, diagnosticado, tardiamente, entre 2018 e 2019, com hiperfoco em literatura. Já publicou um punhado de romances, entre os quais *Em Busca da Vingança*, *O Funeral* (publicados em formato e-book) e *Eles estão dentro de mim* (e-book e sob demanda). Atualmente está escrevendo um novo romance, esse com um protagonista autista, e mantém uma Newsletter para esfriar — ou não — os miolos.

Newsletter

<https://leonnunes.substack.com/>

Em busca da vingança

<https://www.amazon.com.br/dp/B07T1SLW2L>

O Funeral

<https://www.amazon.com.br/dp/B07YZ34VJF>

Eles estão dentro de mim

<https://www.amazon.com.br/dp/B0CRF3CLC6>

<https://loja.uiclap.com/titulo/ua47483/>

Especial Rubens F. Lucchetti

R. F. Lucchetti e a Ficção Científica

“Meu contato com o decano dos autores pulp nacionais”

Artigo de Roberto de Sousa Causo

Como deve acontecer com um grande número dos meus contemporâneos, R. F. Lucchetti (1930-2024) fez parte da minha vida desde a infância. E em boa medida, de forma anônima. Por exemplo, li livros de bolso de ficção científica e de *western* editados por ele para a Editora Cedibra, e muito provavelmente li alguns de FC dentro do primeiro ano (1974) da Coleção S.O.S., escritos por ele como “K. L. Munro”. Mais tarde, viria a conhecer melhor a sua atuação marcante dentro da era de ouro da ficção de gênero no Brasil (entre 1961 a 1988, mais ou menos), com tantos livros de bolso circulando em bancas de revista e em livrarias de todo o país, parte de um esforço espontâneo (e comercial) de promoção da leitura.



Roberto de Sousa Causo

Meus vizinhos de muro e pertencentes à mesma geração, os irmãos Osvaldo e Eduardo Mondini — que mais tarde se tornariam conhecidos no mundo da ufologia nacional pela pesquisa que fizeram do “Caso Andréia” e do mais famoso “Caso Varginha” —, me apresentaram o assustador *O Livro Negro de São Cipriano*, escrito por Lucchetti sob encomenda. É claro, devo ter lido revistas em quadrinhos com histórias de horror escritas por ele e ilustradas por nomes como Nico Rosso, Eugênio Colonnese, Rodolfo Zalla, Júlio Shimamoto... Nas madrugadas da infância, vi na velha Telefunken em preto e branco da família, os filmes do Zé do Caixão com roteiros também escritos por Lucchetti.

Vivi no interior do Estado de São Paulo, na cidade



O escritor R. F. Lucchetti na década de 1960.

de Sumaré, até os 25 anos, e os produtos culturais que chegavam pelas bancas de revista (Sumaré não tinha livrarias), pelo pequeno Cine São José do lugar e pelo tubo de raios catódicos da TV, tiveram um papel essencial na minha formação como leitor e escritor. Isso ocorreu nas décadas de 1970 e 80, e foi um processo que incluiu a correspondência com outros fãs de FC e horror, e meu envolvimento com boletins mimeografados e fanzines “xerocados”, desde 1981. Isso aconteceu depois que os Mondinis, meu irmão Antonio, eu e várias outras pessoas ao longo dos anos, nos reunimos em um clube de ficção científica — mais tarde, grupo de estudos ufológicos, o CEPEX.

Passsei a conhecer fanzines de quadrinhos e de FC especialmente depois de meu contato por correspondência com o fã e fanzineiro José Carlos Neves. Como eu desenhava, dei um jeito de colaborar com eles — fanzines como o *Hiperespaço*, o *Boletim Antares*, o *Space*, o *Somnium* e, mais tarde, o *Megalon*. Contribuí também com artigos e resenhas, e, a partir de 1985, contos. O nome de Lucchetti aparecia às vezes



*“O Livro Negro de São Cipriano”,
escrito por Lucchetti
sob encomenda*

nas páginas desses e de outros fanzines, e igualmente nas páginas de jornais e revistas da época. Por conta disso, em meados da década de 1990, quando vim a me comunicar diretamente com ele, já tinha uma ideia de quem era R. F. Lucchetti e do seu papel de destaque em tantos campos diferentes e do meu interesse.

Minha primeira publicação profissional aconteceu em 1989, com o conto de FC “A Última Chance” na revista semiprofissional francesa *Antarés – Science-fiction & fantastique sans frontières*, fundada e editada por Jean-Pierre Moumon (1947-2020). Desde então, não fiquei um ano sem ter ao menos uma história publicada

profissionalmente em algum lugar, em 35 anos. Meu empenho era constante, em achar espaços para as minhas histórias. Em muitos casos, espaços encontrados em publicações de banca, como a revista de quadrinhos *Os Guerreiros de Jobah*, editada em Campinas e onde publiquei meu conto “Duelo Neural” (1990), e mais tarde, na *Isaac Asimov Magazine*, *Playboy*, *Dração Brasil* e *Só Aventuras*.

Uma das minhas estratégias, sempre frustrada, era

propor séries de FC e fantasia às editoras de ficção de banca ainda ativas no início da década de 1990. A princípio, imaginei que seria mais viável partir de gêneros já fortes nesse campo, e misturá-los com aqueles de minha preferência. Outro ângulo seria uma ficção científica menos *high tech* e mais aventureira. Meus primeiros projetos foram as séries Forasteiro do Tempo, de FC e faroeste, e Lôbo: Armagedon Brasil, esta baseada na HQ criada por Luiz Eduardo L. de Castro, o “Luga”, com aventuras de pós-holocausto numa paisagem brasileira do futuro próximo. O *western* sempre foi o carro-chefe da ficção de banca no Brasil, e na série Lôbo, a aventura imperava.

O Forasteiro do Tempo apresentava um viajante temporal envolvido num projeto planetário de reconstituição da biosfera da Terra, coletando no passado animais e plantas extintos para reintrodução no futuro próximo. O herói, é claro, seria enredado em uma trama de gente que desejava usar a tecnologia da viagem no tempo para acumular riqueza e poder. Já Lôbo é um herói solitário que perambulava por um Brasil destruído pela proliferação de milícias e grupos armados — no depois de amanhã de um hoje que já tem essa cara, pela presciência de Luga —, e que tenta reconstruir a sociedade em outras bases. Um conto inicial, “Trilhas Cruzadas”, apareceu no *Somnium* em 1990, e na *Dragão Brasil* cinco anos depois.

Submeti os argumentos para as editoras ainda presentes nas bancas de então, especialmente a venerável Editora Monterrey, que havia dominado a produção de *pocket books* de faroeste e espionagem, publicando também as séries ZZ7, mais famosa, e FBI — na maioria absoluta, com textos escritos na Espanha por autores daquele país empregando pseudônimos anglos. Na década de 1970, a Monterrey tinha publicado uma coleção de FC, a Futurama Ficção Científica, e em 1988 fez circular a Século XXI, de vida curta e escrita exclusivamente por Ryoki Inoue (sob dois pseudônimos), escritor nipo-brasileiro celebrizado pelo *Guinness World Records* como o autor mais prolífico no mundo — escrevendo *westerns* de banca.

Cheguei a enviar meus argumentos a Inoue, que havia abandonado a Monterrey e fundado a própria editora. Capitalizava em cima da fama agrupando um número de escritores iniciantes à procura de uma fórmula de sucesso. Tinha um projeto de livros populares, mas com as tiragens e a sua consultoria editorial pagos pelos autores. É claro, não me interessassei. Meu objetivo era *ser pago* para escrever — e ter livros acessíveis a um público variado, espalhado

pelo Brasil todo. Não fazia ideia então — e custaria a acreditar, se me tivessem dito de antemão —, mas seria R. F. Lucchetti a me oferecer uma abertura real dentro de um campo que, honestamente, eu cobiçava por acreditar que seria um lugar possível para um escritor como eu.

Uma terceira ideia que tive, no interim, foi misturar ficção de detetive com FC e horror — mais ou menos nos moldes da série de TV *Kolchak e os Demônios da Noite* (*Kolchak: The Night Stalker*; 1974-1975), que tanto me impressionara na infância, mas com um detetive particular e não um repórter fazendo as vezes do investigador do sobrenatural. Deveria se passar em São Paulo, e escrevi dois ou três tratamentos de um ou dois capítulos do primeiro episódio. Em princípio de 1995, por mecanismos que nunca consegui rastrear, uma cópia de um desses tratamentos chegou até Lucchetti, que editava uma linha de livros de banca para



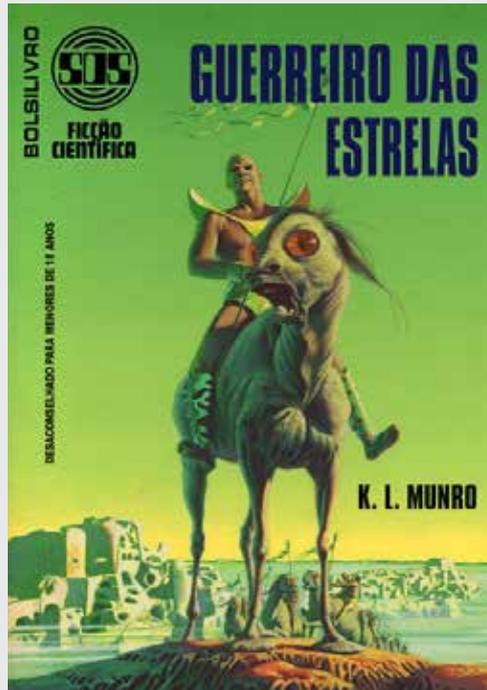
Primeiro livro da Coleção S.O.S - Ficção Científica (1974), escrito por R. F. Lucchetti como “K. L. Munro”.

Editora Fittipaldi, com a qual já havia lidado no passado editando livrinhos de faroeste.

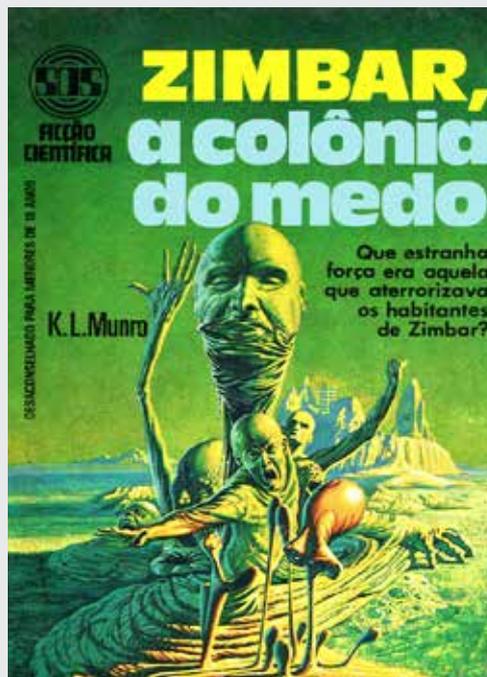
Ele me ligou, e tivemos uma longa conversa em que discutimos os parâmetros da série que eu havia imaginado, e que ele desejava alterar. Apesar dessa posição dele, eu o ouvi com deleite. Afinal, era uma personalidade admirável dentro da área em que eu desejava entrar. Segundo Lucchetti, as histórias deveriam ser escritas sob um pseudônimo anglo-americano — como ele mesmo havia feito durante décadas —, deveriam se passar no exterior (Estados Unidos, de preferência), e ter aproximadamente 100 laudas de manuscrito, com capítulos curtos. Demandas graves e determinantes, mas Lucchetti falava como alguém que havia entendido o projeto, ganhando com isso a minha admiração e desejo de seguir com a empreitada.

De pronto, adaptei o contexto de São Paulo para Nova York e batizei meu herói de Ray Parker, em homenagem a dois dos meus autores favoritos na ficção de detetive: Raymond Chandler (1888-1959), e um dos seus melhores seguidores, Robert B. Parker (1932-2010). Comprei guias da Big Apple, e reuni jornais e revistas americanas como *The New York Times* e as famosas *The Atlantic Monthly* e *The New Yorker*, numa época em que o novo Plano Real dava paridade entre o dólar e a moeda brasileira. Com sorte, daria para amparar os meus esforços de conferir cor local e verossimilhança às narrativas. No início da década de 1980 eu havia sofrido um surto de interesse por Nova York, e não foi difícil reavivá-lo.

Eu viria a escrever quatro novelas de “Ray Parker, o Detetive do Impossível”: “Ray Parker e o Casamento do Lobisomem”, escrita entre os dias 4 e 17 de



Segundo livro da Coleção S.O.S - Ficção Científica, também de Lucchetti.



Terceiro livro da Coleção S.O.S - Ficção Científica, também de Lucchetti.

fevereiro de 1995; “Ray Parker e a Grande Chance de Charlie Jakubowsky”, terminada em 20 de março; “Ray Parker e o Santuário da Rua 36”, escrita entre 10 de abril e 4 de maio; e “Ray Parker e a Sociedade dos Novos Vampiros”, escrito entre julho e agosto. Lucchetti, é claro, reclamou do tamanho dos títulos: “Talvez os seus títulos sejam muito extensos para *pocket book*” — ele me escreveu em 11 de abril, a propósito do exagerado “Ray Parker e a Grande Chance de Charlie Jakubowsky” —, “uma vez que os livros são de pequeno formato”. Haja espaço nas capas.

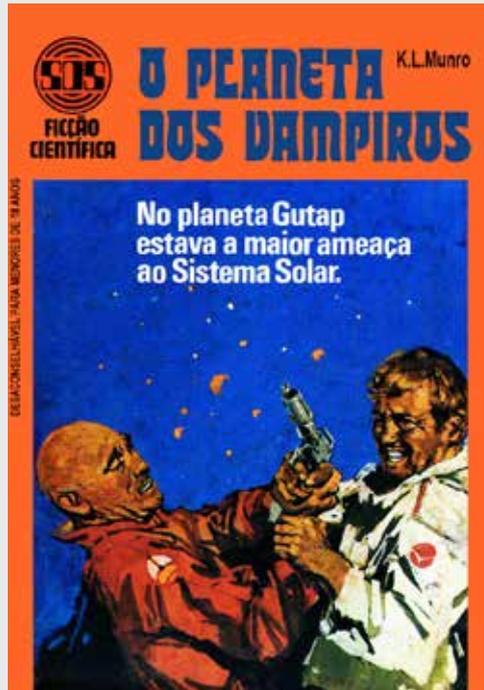
Sempre tentando aumentar a chances de ser publicado e de incrementar o produto, fiz uma ilustração a nanquim para a primeira novela, inspirado nos livros da Monterrey e os fabulosos desenhos de frontispício de Benício. Mostrava o herói, o seu carro e o modelo da sua arma com as balas de prata exigidas, e a garota que motiva a trama. Lucchetti me respondeu, em 13 de março: “Nesta data estou mandando também para a editora seu desenho — eu gostei bastante. Está ótimo. Talvez frontispício seja um pouco difícil para ser utilizado. Eu também gosto, ou melhor, gostaria que todo frontispício tivesse uma ilustração (poderia ser até a própria capa em preto e branco) mas, como dependo do departamento de arte...”

Lucchetti preparava os manuscritos a partir de Ribeirão Preto, onde tinha uma residência cheia de livros e revistas *pulp*, obras de arte e memorabilia. Dali, controlava uma equipe com autores de todo canto, que enviavam os manuscritos a ele para serem despachados a seguir, com suas recomendações, para a editora em São Paulo. Cerca de um mês após receber um manuscrito, ele fazia o pagamento de R\$ 150,00. Por minha

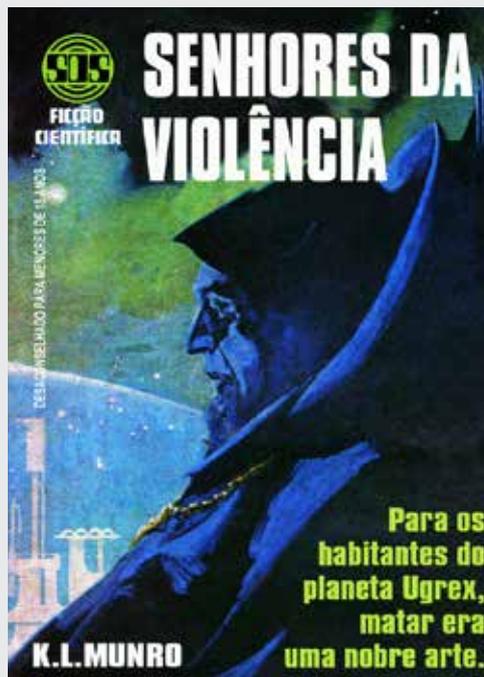
insistência, os meus eram feitos via cheque pelo correio — já tinha perdido dinheiro em transferências bancárias, e receber o cheque pelo correio parecia mais próximo da tradição *pulp* em que eu ingressava. Dava gosto abrir o envelope e ver o cheque com a assinatura de Rubens Francisco Lucchetti.

Ele entendia esse tipo de coisa. Mesmo quando escrevemos por dinheiro, escrevemos por algo mais. Inclusive, pelo ritual que nos conecta a outros operários das letras, irmãos daqui e de outros lugares. Fazia parte do seu mundo, assim como a experiência de escrever sob pseudônimo anglo e rodear as edições de índices de um pertencimento a outras tradições. Em 11 de maio ele me fez um telefonema e conversamos muito sobre Ray Parker. Apaixonado pela noção da indivisibilidade da experiência ficcional em relação à experiência real, ele queria que eu mergulhasse mais fundo na *persona* de “Robert Horton”, o pseudônimo que eu havia adotado e com o qual já brincava, criando títulos em inglês para as novelas.

Pouco depois, recebo nova missiva dele: “Acabo de falar pelo telefone com você e apresso-me a enviar-lhe o texto sobre o ‘autor’ Robert Horton. Escreva umas três laudas sobre ele e se quiser, faça também um retrato como imagina que ele seja. Quem sabe seu próprio retrato.” Foi para mim, sinal de que Lucchetti se envolvia com a série. Na mesma carta datada de 11 de maio, ele me enviava um texto pseudo-biográfico sobre Horton, o escritor. Acho que ele se sentou à máquina de escrever assim que desligou o telefone! Eu o imaginei com uma mente fervilhante de ideias — como uma força que moldava os signos em torno, para criar um envolvimento maior do que o das histórias contadas e o das



Quarto livro da Coleção S.O.S - Ficção Científica, também de Lucchetti.



Quinto livro da Coleção S.O.S - Ficção Científica, também de Lucchetti.

relações de consumo.

É pena que nenhuma das aventuras de Ray Parker tenha chegado às bancas. Em 27 de julho, Lucchetti me escreveu: “A Editora Fittipaldi suspendeu a aquisição de novos textos. As vendas não estão correspondendo e eles querem diminuir consideravelmente o estoque de originais. Infelizmente a recessão que estamos atravessando — talvez a maior de todos os últimos tempos — faz com que as pessoas correm de imediato o chamado lazer cultural: cinema, jornal, revista e no nosso caso, os livros-de-bolso que são adquiridos exatamente pela faixa de público de baixíssima renda.” Um golpe duro, porém uma decisão editorial compreensível. Os anos 1990 foram anos de transição, nesse mercado de livro de banca de revista.

A orientação masculina desses livros cedia rapidamente àquela orientação feminina marcada pelas coleções Sabrina, Júlia e Bianca da Nova Cultural (parte da Abril), mas que a partir de 2005 sofreria a competição da edição local da canadense Harlequin, a maior do mundo na área, com livros de acabamento superior, com o feitio dos *paperbacks* americanos. Eu viria a publicar nessa área, inclusive: a novela *A Deusa do Amor* (1999), sob o pseudônimo de “Jeremias Moranu”, pela Cristal Editora — um projeto logo abandonado quando as vendas dos títulos da editora não corresponderam às expectativas.

Embora eu tivesse combinado nessa história pornô *soft* com fantasia contemporânea, não era mesmo a minha praia...

Uma outra tentativa viria pouco depois, com a Coleção Império, que propus e coordenei junto à M&C Editora, também de São Paulo. Essa editora tinha nas bancas um dos títulos mais vendidos, uma revista so-



O cineasta Ivan Cardoso com Lucchetti, que foi responsável por vários roteiros de seus filmes, como o “Segredo da Múmia” (1982), “As sete vampiras” (1986) e o “O Escorpião Escarlate” (1990).

bre vestidos de noiva. Desejando diversificar, publicaram um livrinho nas bancas, sobre o revolucionário Carlos Maringhella. Vi o livro e abordei a editora com a ideia de uma coleção de FC, que aos poucos iria assumir uma cara de revista do gênero. Publicamos três volumes, incluindo uma edição de *A Pirata Espacial* (1935), de Stanley G. Weimbaum, pela primeira vez no Brasil; e em outra edição, o conto clássico de Ursula K. Le Guin, “Os que se Afastam de Omelas” (1973), traduzido por Ivan Carlos Regina.

A primeira história das aventuras do Detetive do Impossível, *Ray Parker e o Casamento do Lobisomem*, acabou aparecendo apenas em 1998 na Coleção Especulativa, que editei com os préstimos de Edgard Guimarães Editor, um fanzineiro superimportante lá de Minas Gerais, com quem eu também fazia a coleção de ensaios Biblioteca Essencial da Ficção Científica Brasileira. Nos dois casos, livros amadores, feitos com xerox, encadernados em capa dura e com sobrecapa. O único registro, portanto, de que Ray Parker e Robert Horton jamais existiram... R. F. Lucchetti foi o seu patrono e testemunha. Escrever essas novelas e interagir com Lucchetti me deram muito prazer e foram imensamente recompensadores.

A experiência de escrever com rapidez e de elaborar os enredos e as situações com ligeireza, também contribuíram para o meu aperfeiçoamento no ofício.

Ou é o que acredito. Também acredito na ideia absurda da “democracia nas artes”, mesmo compartilhando de toda a vaidade e ambição que caracteriza a atividade do escritor — e até para ser justo com minhas influências e com o espaço nostálgico da minha infância e adolescência. Teria sido um orgulho fazer parte da tradição (sempre desprestigiada) da literatura *pulp* brasileira — dentro da qual R. F. Lucchetti foi o nome de maior relevo no país, publicando 1.547 livros, a maioria dentro da área dos livros de banca. Em si, uma marca fabulosa e avassaladora, mas há muito mais.

Lucchetti publicou pela primeira vez aos 12, com o conto “A Única Testemunha” (1942), em um jornal de bairro aqui da Lapa, em São Paulo. Em Ribeirão Preto, criou o seu próprio herói *pulp*, o detetive Reginaldo Varela, protagonista do seriado radiofônico *O Escorpião Escarlate*, que foi ao ar em 1956. Em 1990, essa experiência foi reaproveitada no roteiro do filme de título idêntico, dirigido por Ivan Cardoso, mas aproveitando também situações de outro seriado, *As Aventuras do Anjo*, escrito por Alvaro Aguiar e veiculadas de 1948 a 1966 na Rádio Nacional. Antes disso, porém, R. F. Lucchetti foi imortalizado como roteirista de filmes de horror de José Mojica Marins (1936-2020), o popular e internacional Zé do Caixão.

Lucchetti também se envolveu com a adaptação dos

filmes do Zé do Caixão para as HQs, com as quatro edições da revista *O Estranho Mundo de Zé do Caixão* (1969). O seu trabalho com o horror nos quadrinhos é capítulo à parte, capaz até mesmo de ofuscar suas outras atividades na memória dos fãs. Ele escreveu mais de 300 HQs, e a parceria como Nico Rosso (1910-1981) motivou o livro amador de Edgard Guimarães, *Rubens Lucchetti – Nico Rosso* (1994), que adquiri prontamente e cujo acabamento me levou a propor a Edgard as coleções Biblioteca Essencial da Ficção Científica Brasileira e Especulativa. O livro não se limitava à parceria com Rosso, tratando das várias atividades de Lucchetti em outras áreas.

O prodígio que foi R. F. Lucchetti chamou também a atenção de acadêmicos universitários interessados no campo da paraliteratura. A Prof.^a Jerusa Pires Ferreira (1938-2019), especialista em literatura medieval e de cordel, publicou com ele *Rubens Francisco Lucchetti: O Homem de 1000 Livros* (Com-Arte; 2008), em formato de entrevista. Seu lançamento me deixou muito entusiasmado com a possibilidade de falar com Lucchetti pessoalmente, mas ele acabou não vindo a São Paulo. Por essa época, conversei com o Prof. John Milton, especialista em estudos de tradução, sobre Lucchetti como autor de pseudotraduções brasileiras. A Prof.^a Jerusa esteve na banca de

livre docência de John Milton, e adorou a menção feita a Lucchetti.¹

A relação de Jerusa com Lucchetti data de 1989, quando o visitou e publicou o ensaio “Heteronômios e Cultura das Bordas: Rubens Lucchetti” na *Revista USP*, escrevendo: “Contratado para escrever livros e mais livros para editoras populares, teve de conviver com muitas dificuldades, a partir das quais passou a armar suas estratégias, para



Cena do filme “O Escorpião Escarlate” (1990), que homenageia o original radiofônico.



Cartaz do filme “O Escorpião Escarlate” (1990)

conciliar suas inclinações com as demandas. Transitou sempre pelas próprias armadilhas, transformando os clichês pela interferência da paródia, ou algum efeito estranho, como pude observar depois, e há quem considere *As sete vampiras* um interessante texto antropofágico.”² Um jogo em que o oportunismo literário é transformado em uma forma de arte e de resistência.

A mecânica disso, segundo Jerusa Pires, se deu pela prática da heteronímia: “[P]ode perceber como foi importante a heteronímia em seu mundo, em sua obra e em sua vida”, ela escreveu. “Foi uma saída, o jogo criativo, o modo de enfrentar os impasses, ou a máscara da representação múltipla.” Seu método seria semelhante ao de Fernando Pessoa, “procurando agrupar seu ‘eu’ disperso, usando-se a si mesmo como criador e personagem”. A pesquisadora também via nisso algo como uma tática de guerrilha literária, evocando

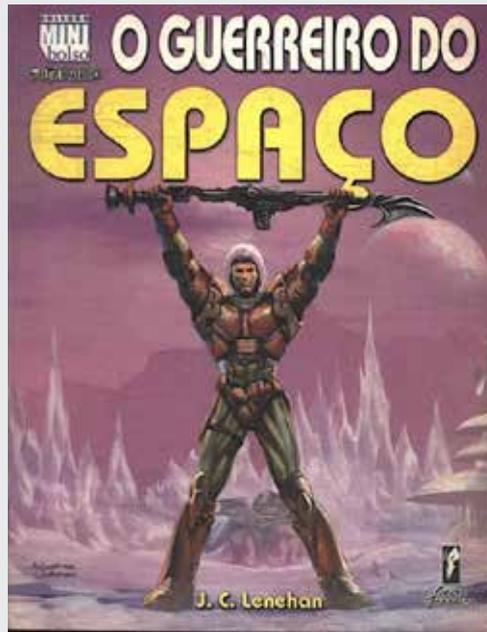
1 Também presente no livro de John Milton, *O Clube do Livro e a Tradução* (Bauru-SP: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2002, páginas 129-30).

2 Veja <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25516/27262>.

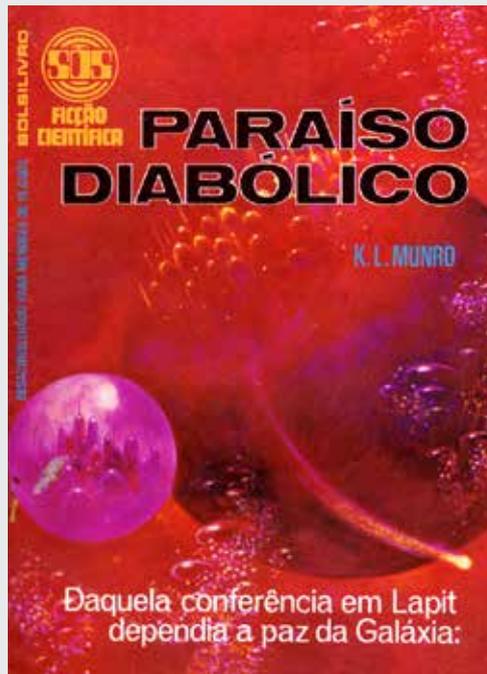
a imagem de Ho Chi Min, que “se heterominizou em muitos guerreiros”. Assim, ao assumir muitas vozes, muitos nomes, muitos caracteres literários, um único ficcionista se transforma em todo um campo literário.

A pesquisadora o afirma “leitor assíduo de Ray Bradbury, Isaac Asimov, H. P. Lovecraft”, e eu já havia me deparado com um livro de FC de sua autoria: o já tardio *O Guerreiro do Espaço* (2003), publicado pela Opera Graphica com o pseudônimo de “J. C. Lenehan”, e bela ilustração de capa de Alexandre Jubran. Mas foi apenas ao pesquisar para um livro sobre *space opera* que me meti a escrever, que me dei conta de que Lucchetti foi um pioneiro desse subgênero da FC no Brasil. De fato, foi o criador e autor — sob o pseudônimo de “K. L. Munro” — da primeira série brasileira de *space opera*, de que se tem notícia: a Equipe Aquarius, vista no primeiro ano da coleção SOS da Editora Cedibra (a antiga Bruguera), do Rio de Janeiro.

Isso foi em 1974. Lucchetti havia assumido a posição de editor de publicações especiais da Editora Bruguera (futura Cedibra) em 1972, a convite de Jaime Rodrigues, diretor do Departamento Editorial daquela editora. Ele conta que livros de faroeste assinados por “Miguel ‘Chucho’ Santillana” eram escritos pelo brasileiro Sandro Pivato e traziam — certamente por sua determinação — falsos tradutores, e títulos originais em espanhol também fictícios. Mas ter brasileiros escrevendo essas coisas não foi algo automático ou natural. Lucchetti conta, no livro *Procurados: O Faroeste Segundo Homobono* (2023), que “até o terceiro trimestre de 1972, todos os bolsilivros da



“O Guerreiro do Espaço” (2003), também de R. F. Lucchetti.



Sexto livro da Coleção S.O.S - Ficção Científica, de Lucchetti, sob o pseudônimo de “K. L. Munro”.

Bruguera/Cedibra eram traduzidos do Espanhol”.³

A ideia de empregar brasileiros “partiu do editor geral, José Attico Lebrão Rocha e de seu assistente, Gilson Baptista Soares”, conta Lucchetti, que os apoiou. “Porém ela logo esbarrou na oposição de Jaime Rodrigues.” Em uma reunião para discutir a programação de 1973, Rodrigues se mostrou abertamente contrário a essa proposta: “Vocês são uns sonhadores. Como e onde iremos encontrar autores que consigam concorrer com os espanhóis, mestres absolutos em escrever livros de bolso?”, indagou. “Por aqui há algum Donald Curtiss, algum Silver Kane ou Clark Carados? Além do mais, lembrem-se de que não poderemos fazer grandes exigências, já que não temos condições de pagar muito por original.”

Bem se vê que o famigerado “fator Brasil”, composto de acusações contra o material humano brasileiro e denúncias de falta de retorno financeiro, já operava nesse contexto. Mas os autores não precisaram ser buscados longe da Cedibra: os próprios Gilson e Lucchetti tomaram a iniciativa, acompanhados de revisores e tradutores da casa. Nos argumentos de Rodrigues revela-se a perene descrença de que o brasileiro seria capaz de escrever ficção de gênero não apenas como os americanos, mas também como os seus imitadores espanhóis. E ainda, um conservadorismo editorial

brasileiro sempre disposto a investir mais na tradução de ficção de gênero, do que na remuneração das “aventuras malucas” nacionais.

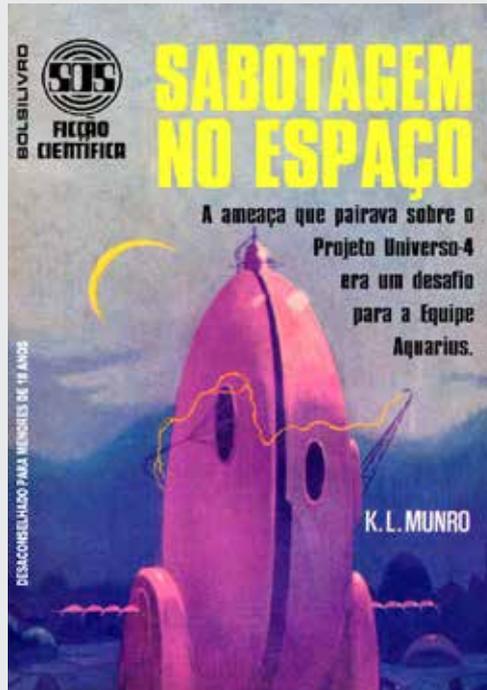
Pois foi desse modo que Rodrigues se referiu à insistência de Attico, Gilson e Lucchetti, Rodrigues te-

3 R. F. Lucchetti. “Bang-Bang com Sabor Tropical”. In *Procurados: O Faroeste Segundo Homobono*, de R. F. Lucchetti & Antonino Homobono Balleiro. São Paulo: Ucha Editorial, 2023, página 8.

ria dito: “Se vocês querem se lançar nessa aventura maluca, tudo bem! Mas, depois, arquem com as consequências!” Uma dessas consequências foram as quinze aventuras da Equipe Aquarius, na coleção SOS — ao menos até 1975, quando o time de heróis foi aposentado e a coleção se ramificou em quatro outras no mesmo formato e com o mesmo título, mas divididas pelas cores Amarela, Azul, Verde e Vermelha no selo, agora publicando pseudotraduções escritas em uma “sweat shop” espanhola de escrita, lançadas nesse país como as coleções Heroes del Espacio e La Conquista del Espacio da Bruguera espanhola.

Assinavam pseudônimos ou *house names* como “Clark Carados” — o prolífico Luis García Leche (1919-2005), autor de mais de duas mil novelas de ficção de gênero, também sob os pseudônimos de “Louis G. Milk”, “Glenn Parrish”, “Casey Mendoza”, “Konrat von Kasella” y “Elmer Evans”. O que a adoção dessas pseudotradução indica, é uma identificação da ficção de gênero — e da FC espacial em particular — com nações desenvolvidas. Mas isso vai além de um preconceito cultural quando assume um aspecto mercadológico motivado pela ideia de que FC brasileira não venderia tanto quanto as traduções; e ainda, um aspecto *subjetivo*, em que é o autor quem deseja se associar a uma cultura mais avançada.

A Equipe Aquarius apresentava cinco heróis, lembrando com isso a estrutura da série de quadrinhos *Cinco por Infinitus*, criada em 1967 e desenhada por Esteban Maroto. Os heróis imaginados por Lucchetti eram Jarko, o comandante da equipe; Lolla, linda



Sétimo livro da Coleção S.O.S - Ficção Científica, também de Lucchetti.



Oitavo livro da Coleção S.O.S - Ficção Científica, também de Lucchetti.

morena com uma queda por ele; Jorgens, um jovem impetuoso mas de grande coragem; o Dr. Alphonsus, um cientista; e Robbie, um robô que segue de perto à descrição do seu xará apresentado ao mundo em 1956, no filme clássico *O Planeta Proibido* (*Forbidden Planet*; dirigido por Fred M. Wilcox) — uma das muitas maneiras que Lucchetti encontrava para parodiar e homenagear suas influências e afetos, especialmente no campo do cinema e da televisão.

Os títulos da Equipe Aquarius: *Operação Juízo Final*; *O Guerreiro das Estrelas*; *Zimbar, a Colônia do Medo*; *O Planeta dos Vampiros*; *Senhores da Violência*; *Paraíso Diabólico*; *Sabotagem no Espaço*; *Párias do Universo*; *Filhos do Tempo*; *Intriga Interplanetária*; *Sotun, o Mundo das Trevas*; *Odisséia Cósmica*; *As Máquinas Infernais*; *O Terror vem de Dradis* e *O Mundo do Inverno Infinito*. Segundo a informação do *site* Bolsilivros Club,⁴ são portanto quinze novelas no formato bolsilivro (neologismo lançado pela Bruguera espanhola e copiado no Brasil) com aventuras integradas a uma mesma série publicada entre 1974 e 1975, acessíveis aos leitores por meio de bancas de todo o Brasil (inveja de K. L. Munro!).

Recorrendo à sócia do CLFC Cristina Annelise Carreiro de Castro (via Estante Virtual), adquiri exemplares de *Zimbar, a Colônia do Medo* e *O Planeta*

dos Vampiros. Por esses e outros títulos, bem se vê que Lucchetti enfiava o horror na sua *space opera*. *Zimbar* é uma colônia mista de humanos e alienígenas, em que algumas pessoas desapareceram, gerando grande tensão entre os dois grupos. A Equipe Aqua-

4 Veja <https://bolsilivro-club.blogspot.com/search/label/SOS%20-%20FIC%33%87%33%83O%20CIENT%33%8DFICA%20-%20CEDIBRA>

rius descobre — após peripécias envolvendo o rapto de Lolla e com Jorgens e Alphonsus sofrendo perigo de morte — a existência de uma criatura tentacular lovecraftiana no subsolo, causando tremores, desaparecimentos e mortes. A equipe também desencava tramoias políticas do chefe do grupo, o burocrata Vulpus.

Já o Planeta dos Vampiros é um mundo em que a nave dos heróis vai parar inadvertidamente, para lá encontrar um grupo de exilados extragalácticos, os axxonianos, seres de tecnologia superior mas que se encontram em um avançado processo de envelhecimento. São descritos com aquela aparência simpática de Nosferatu. É claro que a energia vital dos heróis é transferida deles para os axxonianos (vampiros tecnológicos!), enquanto Lolla se torna objeto de desejo dos alienígenas rejuvenescidos. Ao fim e ao cabo, é Robbie quem salva o dia: selou um acordo de conveniência com os axxonianos, que viola assim que tem acesso aos companheiros. Afinal, é apenas uma máquina e não tem senso de honra ou de palavra empenhada.

Para além do componente de horror nessas aventuras de *space opera*, fica claro que tais narrativas de Lucchetti se focam menos no lado heróico dos protagonistas, do que os exemplos americanos do subgênero. Há também alguns sinais que registram as circunstâncias da ditadura militar de então, e o modo como os generais que governavam o Brasil lidavam com a Amazônia e com as populações enviadas para lá — na história de colonização planetária de Zimbar, com os alienígenas fazendo, talvez, as vezes dos indígenas amazônicos, inclusive com um episódio de violência dos colonos contra eles. Novamente, o caráter brasileiro do autor

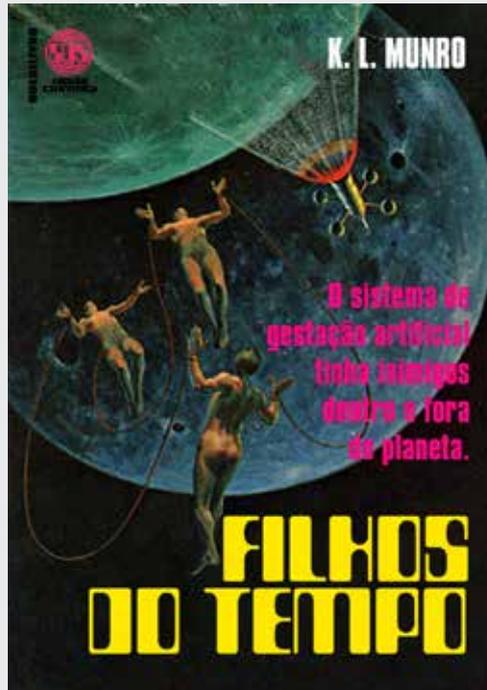
estaria se manifestando entre as costuras de uma FC identificada com o estrangeiro.

As “cosmoaventuras da Equipe Aquarius” tinham uma estrutura de patrulheiros espaciais que, à moda de *Jornada nas Estrelas* (*Star Trek*), por exemplo, encontravam em suas andanças fenômenos, enigmas e ameaças que tinham de enfrentar e solucionar a cada episódio. Quinze livros é uma marca significativa, especialmente considerando onde a ficção científica brasileira se encontrava na década de 1970, voltada principalmente para distopias políticas e ambientais, e sátiras diretas ao regime. Imagino que, não fosse a oposição contra as “aventuras malucas”, a série poderia ter tido cinquenta, cem ou mais episódios. De qualquer modo, é instigante para mim que R. F. Lucchetti tenha sido um pioneiro da *space opera* no Brasil.

Rubens Francisco Lucchetti nos deixou em 5 de março de 2024, aos 94 anos, depois de um período de internações que se seguiram a um AVC. Seu filho Marco Aurélio Lucchetti nos conta que ele esteve ativo mesmo no hospital. Em anos recentes, a Coleção R. F. Lucchetti, iniciativa de pai e filho por meio do Editorial Corvo, vinha republicando versões definitivas das obras do escritor consideradas por ele como as que melhor o representavam: *As Máscaras do Pavor*, *O Museu dos Horrores*, *O Mistério de Mary Rogers*, *O Abominável*

Dr. Zola, *O Fantasma de Greenstock*, *Sortilégio*, *O Último Manuscrito do Dr. Watson*, *A Possuída*, *A Mansão de Sorona*, *Noite Diabólica*, *A Filha das Trevas*, *Longe da Luz*, *O Dobre Sinistro...*

A coleção persiste.⁵ Com uma barra amarela no alto da capa, lembra a venerável Coleção Saraiva (1948-

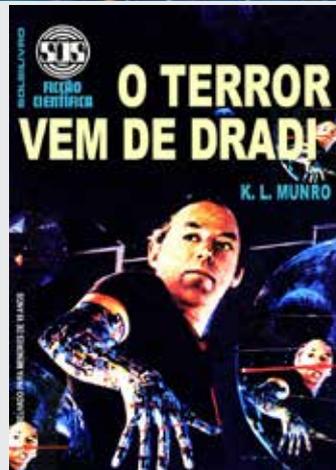
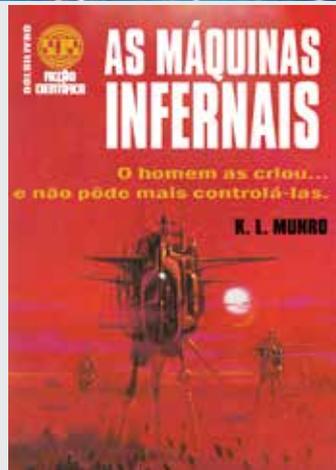


Nono livro da Coleção S.O.S - Ficção Científica, também de Lucchetti.



Décimo livro da Coleção S.O.S - Ficção Científica, também de Lucchetti.

⁵ Para ter notícias dos lançamentos e modos de aquisição, visite a página Rubens Francisco Lucchetti no Facebook: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100004795548524>



Os últimos livros da Coleção S.O.S - Ficção Científica escritos por Lucchetti, nº 11, nº 12, nº 13 e nº 14.

1972). Mas o Editorial Corvo vai além de recuperar a sua obra selecionada. Também publica uma série de livros de não ficção, com destaque para nove ou mais volumes de memórias literárias, editoriais, cinematográficas e pessoais, que devem ser um tesouro para pesquisadores, fãs e escritores interessados em uma experiência tão singular: *Reminiscências: Memórias do Pai da Pulp Fiction Brasileira*. Testamento de R. F. Lucchetti, que nos deixou em 5 de março de 2024, aos 94 anos... Com ele se foram K. L. Munro, Sheila MacCarthy, Mark Donahue, Frank Luke, Brian Stockler, Terence Gray, Theodore Field...

E ainda, Mary Shelby, Peter L. Brady, Isadora Highsmith, Christine Gray, William Shark, Helen Barton, Lee Sheridan, J. Luther Brown, Marcelo Francis, Janete Chantal, Frank King, Erich Von Zagreb, Barbara Bailley e J. C. Lanehan... Foi-se toda uma pletera de autores. Todo um campo de uma literatura desprezada mas que ousou existir; um campo dominado pela imaginação de um único homem, que, por estar tão presente por tanto tempo nessa área, assinala com essa mesma presença uma gritante *ausência*: a de um campo de ficção popular que reconheça e recompense os seus praticantes brasileiros. Hoje, é claro, a matriz editorial alterou-se, com a internet e a cultura jovem que a acompanha, e muitos avanços ocorreram.

Mas o que fica agora é a ausência de uma *presença* tão marcante e polivalente. As condições em que ele atuou não serão mais reprisadas. As leituras e outras influências que moldaram a consciência de R. F. Lucchetti vão se tornando cada vez mais tênues, com o passar do tempo, ou deslocadas por outras referências. Quais são as chances de hoje uma única figura cravar a ferro e fogo pela insistência em se realizar como escritor profissional, a sua marca em tantas áreas diferentes? A sombra agigantada de Lucchetti vai se lançar sobre essas áreas durante muito tempo ainda. E é só o tempo que vai provar se a ausência que ele marcou com a sua presença vai ou não se transformar em um espaço de contribuição literária importante.

Roberto Causo, paulista, é autor, editor e pesquisador de ficção científica, fantasia e horror. Sem dúvida, é um dos mais completos e competentes escritores brasileiros de literatura fantástica, tem uma obra extensa, que vai da fantasia urbana (*A corrida do rinoceronte*) à space opera (*Shiroma, matadora ciborgue*), passando pela fantasia heróica baseada nos romances de espada e feitiçaria (ou borduna e feitiçaria, como o autor se refere ao romance *A sombra dos homens*), e pelo horror (*Mistério de Deus*). Também merece destaque a sua obra de ficção científica militar, como os excelentes *O par: uma novela amazônica e Selva Brasil*.

Além de escritor, Causo também é um importante pesquisador da ficção científica brasileira. Em 1997, em parceria com Edgard Guimarães, Causo editou, de forma independente, a Biblioteca Essencial da Ficção Científica Brasileira, publicando estudos, catálogos e ensaios de autores da ficção científica brasileira. O livro de Causo, *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil: 1875 a 1950*, publicado em 2003, é um estudo verdadeiramente extenso, que traça em detalhes as origens e o desenvolvimento da ficção científica brasileira.

Mais recentemente, o autor vem se dedicando ao seu projeto mais ambicioso: o Universo GalAxis, com duas séries de space opera ambientadas quatrocentos anos no futuro, prevendo uma época em que a humanidade teria dominado a viagem interestelar, aventurando-se pela galáxia e começando a manter contato com outras espécies inteligentes. O Universo GalAxis comemora 15 anos de existência em 2023. Saiba mais sobre o autor e como adquirir seus livros em:

<http://universogalaxis.com.br>



Especial Rubens F. Lucchetti

Ciclos

Miguel Carqueija

Enós quatro corríamos e corríamos, no meio daquela selva de fetos arborescentes, fugindo espavoridos à aproximação dos velociraptors. Sabíamos que a corrida estaria perdida, se de vez em quando não os espantássemos com os nossos raios calóricos. Mas por quanto tempo durariam as cargas, e eles desistiriam?

— Nós temos que dar a volta à colina — gritou Ega-lon — e retornar o caminho da espaçonave! Corram, coragem!

Corríamos ofegantes em meio a nuvens de libélulas tão grandes que pareciam micro-aeroplanos, enquanto Ariel lembrava que, se decolássemos de volta ao hiperespaço, talvez conseguíssemos atravessar a barreira do tempo e retornar ao século 25, deixando para trás aquele odioso Cretáceo



onde caíramos por acidente.

E então esbarramos com aquilo que jamais eu gostaria que tivéssemos esbarrado. Foi a Beatriz quem viu primeiro:

— Uma estátua! Desabada!

Sim, uma estátua. E pudemos ainda ler no seu pedestal: Alberto Santos-Dumont, Pai da Aviação. Em volta, óbvias ruínas sob a ocultação da jangal.

A verdade então surgiu diante de nossos olhos embasbacados.

Não fôramos projetados ao passado e sim ao futuro. Um futuro de dinossauros e plantas pré-históricas, como se o ciclo humano devesse revezar com o ciclo dos répteis... e que outros houvessem... como se o Tempo, como pensavam os antigos, fosse uma eterna renovação dos ciclos.



Miguel Carqueija é carioca e participou da Segunda Onda da Ficção Científica a partir de 1983, publicando em diversos fanzines e participando em muitas antologias. Publicou livros individuais como “O fantasma do apito”, “A Esfinge Negra”, “Tempo das caçadoras”, “Farei meu destino” e outros. O conto de terror cômico “O tesouro de Dona Mirtes” foi filmado em curta-metragem e pode ser visto no YouTube. Carqueija escreve, além de FC, fantasia,

terror e policial, além de poesias, crônicas e resenhas de livros, filmes e quadrinhos. Colaborador assíduo no Recanto das Letras.

Contatos:
mcarqueija@gmail.com

<https://www.recantodasletras.com.br/autor.php?id=141191>

Quadrinhos fantásticos!

Toni Rodrigues

MEMÓRIA EM QUADRINHOS

LIMA DAS COISAS QUE EU MAIS GOSTAVA DE FAZER NA ADOLESCÊNCIA ERA ME SENTAR PREGUIÇOSAMENTE NUM CANTO QUALQUER E LER OS BOLSILVROS QUE NARRAVAM AS ESTONTEANTES AVENTURAS DO ESPÍAO INTERNACIONAL CLINT SUSSEX.

ESCRITOS EM PRIMEIRA PESSOA, DURANTE MAIS OU MENOS UMA HORA, OS LIVRINHOS ME TRANSPORTAVAM PARA UM MUNDO DE AÇÃO E AVENTURA, COM BOAS DOSES DE EROTISMO.

RECENTEMENTE, DESCOBRI QUE CLINT SUSSEX ERA MAIS UM DOS INÚMEROS PSEUDÔNIMOS DE R. F. LICCHETTI, QUE NOS DEIXOU NA SEXTA FEIRA.

QUE BOM QUE FOI POSSÍVEL AGRADECER DIRETAMENTE A ELE POR TANTAS BOAS HISTÓRIAS E PELAS SAUDADES QUE TENHO DAQUELAS TARDES PREGUIÇOSAS.

VALEU MESMO, RUBENS!
OBRIGADO DE NOVO!



Sem qualquer comentário, ela abriu sua valise sobre a cama. Apanhou no seu interior um pulôver grosso.

— Você reparou como a temperatura caiu um bocado? É melhor botar uma roupa mais quente.

— Sentei-me na beira da cama. Em silêncio, observei os movimentos de Anne. Ela arrancou a blusa pela cabeça e se curvou para apanhar o pulôver grosso. O sutiã, de tecido dourado, era totalmente transparente.

— Isso é uma covardia... — murmurei, lentamente.

Ela empertigou o corpo, já com um sorriso nos lábios.

— O que é uma covardia? — perguntou, docemente.

— Você sabe muito bem — retruquei. — Como pode um homem pensar em seus negócios, assim?

— Não olhe, ora! — exclamou ela, num tom levemente desafiador.

Segurei sua mão direita e a puxei para junto de mim. Ela veio, dócil e sorridente. Sentei-a no meu colo. Primeiro, procurei, com os dedos, o calor do vale estreito entre

—91

Quadrinhos fantásticos!

Toni Rodrigues

MEMÓRIA EM QUADRINHOS
BRIGITTE
O AVISO ERA MUITO CLARO EM TODAS AS CAPAS. APESAR DISSO, LI MEU PRIMEIRO AOS DOZE ANOS. POR SORTE, CREIO, NUNCA FUI DE PEDIR CONSELHOS AOS JORNALEIROS E ELES TAMBÉM NUNCA SE RECUSARAM A ME VENDER OS LIVRINHOS.
BRIGITTE MONTFORT EM AÇÃO
DESACONSELHADO PARA MENORES DE 16 ANOS

AINDA BEM, PORQUE ERA MUITO DIFÍCIL PARA UM GAROTO ADOLESCENTE RESISTIR ÀQUELAS CAPAS...

MAIS QUE ISSO, ERA IMPOSSÍVEL RESISTIR ÀQUELA MULHER...

DISFARÇADA COMO JORNALISTA, MAS NA VERDADE UMA DAS MAIORES AGENTES DA CIA, SALVOU O MUNDO MAIS DE UMA VEZ, USANDO SUA ENORME BELEZA E SEU IMENSO PODER DE SEDUÇÃO COMO ARMAS QUASE SEMPRE LETAIS!
MAS A BELA BRIGITTE "BABY" MONTFORT TINHA MESMO A QUEM PUXAR...

AFINAL, COMO SE LIA NAS CAPAS DOS LIVRINHOS DURANTE SEUS PRIMEIROS ANOS, ELA ERA "A FILHA DE GISELLE"...

VOCÊ SABE QUEM ERA GISELLE?

...FUZILADA PELOS NAZISTAS EM 1944, A BELA GISELLE ESCREVEU UM DIÁRIO NA CADEIA, CONTANDO SUAS AVENTURAS ENQUANTO AGUARDAVA SUA EXECUÇÃO...

...MAS ANTES DE SER PRESA, CONSEGUIU CONTRABANDEAR SUA FILHA RECÉM-NASCIDA, A PEQUENA BRIGITTE, PARA OS ESTADOS UNIDOS, ONDE MUITOS ANOS DEPOIS FOI RECRUTADA PELA CIA...

MÃE E FILHA TEM UMA HISTÓRIA EDITORIAL BASTANTE INTERESSANTE, QUE COMEÇA EM 1948, QUANDO O JORNALISTA DAVID NASSER CRIA UM FOLHETIM SOBRE "A ESPIA NUA QUE ABALOU PARIS", A PEDIDO DE SEU PAIÃO, ASSIS CHATEAUBRIAND, PARA ALAVANCAR AS VENDAS DO JORNAL "DIÁRIO DA NOITE".

...E ADENTROU A ALCOVA DE GISELLE JÁ COM A PISTOLA EM RISTE...

GISELLE FEZ MUITO SUCESSO, MAS ACABOU SENDO ESQUECIDA... ATÉ QUE EM 1964, O EDITOR JOSÉ ALBERTO GUEIROS, DA EDITORA MONTERREY, COMPROU A HISTÓRIA, A REESCREVEU EM PARTE E A REPUBLICOU COM SUCESSO NA SÉRIE Z77. MAS, COMO A HEROINA MORRIA NA TRAMA, GUEIROS CRIOU BRIGITTE PARA CONTINUAR A SÉRIE COM NOVAS AVENTURAS.

MAS GUEIROS LOGO PERCEBEU QUE NÃO IA CONSEGUIR ESCREVER DOIS DAQUELES LIVROS TODOS OS MESES, POR ISSO A EDITORA CONTRATOU O PROLÍFICO ESCRITOR ESPANHOL ANTONIO MIGUEL DE LOS ANGELES CUSTODIOS VERA RAMIREZ, QUE ENVIAVA AS HISTÓRIAS DE BARCELONA, ASSINADAS COM UM DE SEUS VÁRIOS PSEUDÔNIMOS: LOU CARRIGAN.

AGORA, O GRANDE ACERTO DA MONTERREY MESMO, NÃO FOI TER ENCARREGADO LOU CARRIGAN DAS HISTÓRIAS, MAS SIM TER ENTREGADO AS CAPAS DA SÉRIE AO JOVEM ILUSTRADOR GAUCHO, DE APENAS 28 ANOS, JOSÉ LUIZ BENICIO...

O TRABALHO DO BENICIO ERA TÃO BOM QUE FAZIA OS LIVRINHOS SE DESTACAREM NO MAR DAS PUBLICAÇÕES QUE SE ENCONTRAVAM NAS BANCAS DAQUELE TEMPO E LOGO ELE NÃO ESTAVA FAZENDO SÓ AS CAPAS DE Z77, MAS DE TODAS AS SÉRIES DA EDITORA!

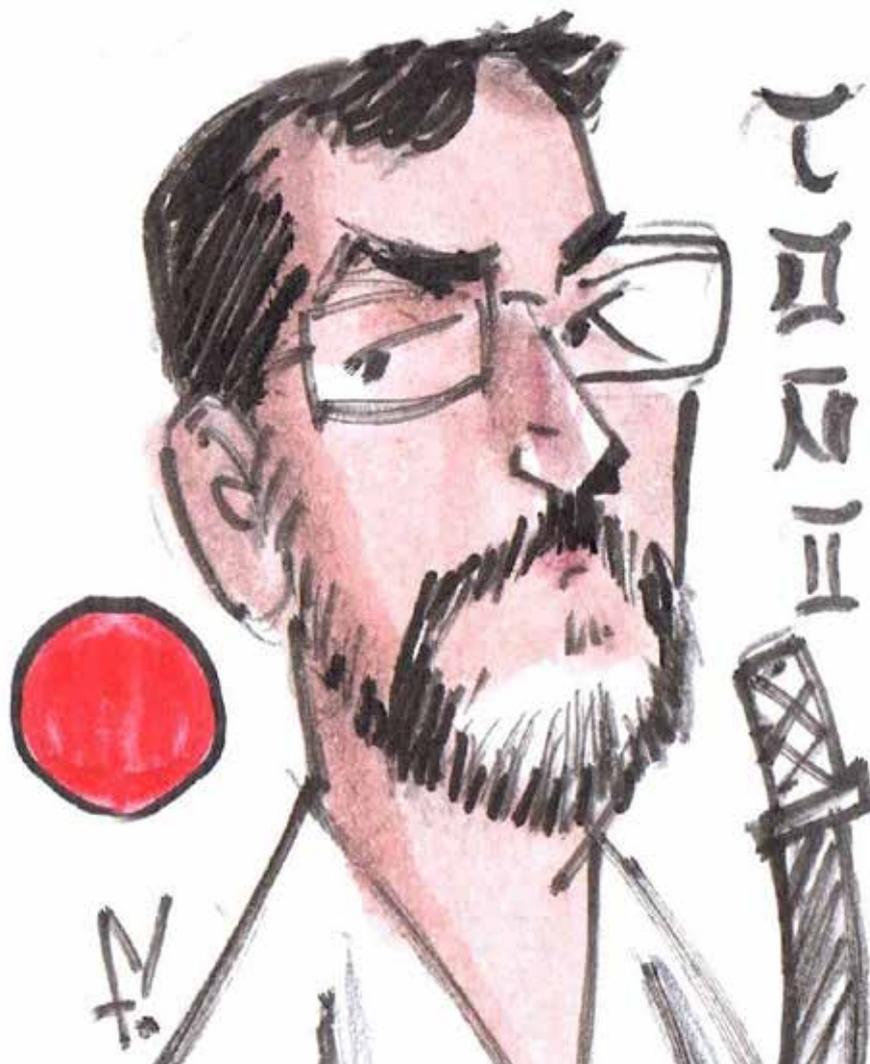
MAS VOLTANDO A Z77 E A BRIGITTE MONTFORT... EU SEI QUE A SÉRIE TEM SEUS FÃS, AFINAL SAIRAM QUINHENTAS HISTÓRIAS NO TOTAL, SEM CONTAR AS REPRISAS, SÓ QUE ELA SEMPRE TEVE UM GRANDE PROBLEMA: A AÇÃO E O EROTISMO QUE BENICIO VENDIA NAS CAPAS, LOU CARRIGAN JAMAIS ENTREGOU NAS HISTÓRIAS, QUE ERAM REPETITIVAS E QUASE SEMPRE BASTANTE PREVISÍVEIS...

OS "BOLSILVROS" DA CEBIBRA, MAIOR CONCORRENTE DA MONTERREY, PERDIAM EM QUASE TODO: IMPRESSÃO, QUALIDADE DO PAPEL E, PRINCIPALMENTE, NAS CAPAS! PORÉM, GANHAVAM EM UMA COISA: NAS HISTÓRIAS, DE MODO ESPECIAL NAS QUE (DESCOBRÍ DEPOIS) ERAM ESCRITAS PELO GRANDE R. F. LUCCHETTI, USANDO UM MONTE DE PSEUDÔNIMOS...

HOJE, QUANDO OLHO MINHA COLEÇÃO, FICO IMAGINANDO COMO TERIA SIDO LEGAL TER A BRIGITTE COM AS CAPAS DO BENICIO, MAS HISTÓRIAS DO LUCCHETTI...

Quadrinhos fantásticos!

Toni Rodrigues



TONI RODRIGUES

Ele nasceu em São Paulo e conhece o trabalho de R. F. Lucchetti desde quando era adolescente e lia as histórias de Drácula e Zé do Caixão que Lucchetti escrevia assinando com seu próprio nome e também os livros de bolso, onde usava pseudônimos. Ainda estudante de Artes na ECA-USP, Toni trabalhou com Rodolfo Zalla nas legendárias revistas Calafrio e Mestres do Terror, e depois foi trabalhar em publicidade, sempre em grandes agências,

numa longa carreira onde ganhou muitos prêmios. Recentemente abriu seu próprio estúdio, onde trabalha fazendo storyboards e animatics para grandes clientes e agências e voltou aos quadrinhos recentemente contando suas memórias, que você pode ler em <https://www.facebook.com/groups/1128898421422748>.

Por este trabalho está concorrendo pela terceira vez ao Prêmio HQ mix.

Coluna FATOS EM FICÇÃO

Por Quiof Thrul

Ao longo dos anos, Lucchetti usou diversos pseudônimos em livros de bolso, tais como Theodore Field, Terence Gray, Christine Gray, R. Bava, Helen Barton, Frank Luke, Brian Stockler, Vincent Lugosi, Constance Gray, Frank King, Frank Luke, Helena Barton, J. Luther Brown, King Sherman, Lee Sheridan, Mark A. Luke, Mark Donahue, Mary Shelby, Peter L. Brady, R. Brava, Vera Waleska, Will Scott, Willian Sharpe, Leslie Brown.

Alguns pseudônimos eram claras homenagens, veja os exemplos:

Frank Luke e Mark A. Luke

Adaptações dos nomes dele e do filho (Marco Aurélio Lucchetti) mas segundo Marco, o do pai foi criado com esse pseudônimo por erro.



Vincent Lugosi

Homenagem aos atores de filmes de terror Vincent Price e Bela Lugosi.



J. C. Lenehan

Do livro *O Guerreiro do Espaço* (2003), pode ter vindo do escritor irlandês de histórias de crimes John Christopher Lenehan.



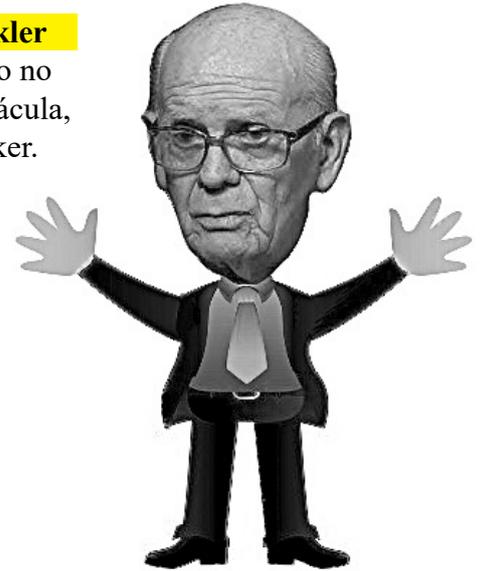
Mary Shelby

“Autora” do livro *A Volta de Frankenstein* (1975), é inspirada na criadora do livro original, Mary Shelley.



Brian Stockler

Foi inspirado no criador do Drácula, Bram Stocker.



Especial Rubens F. Lucchetti

O corvo salvador

Artigo de Rubens Angelo

Em 2014, a Editorial Corvo, uma empresa do grupo Editorial ACP, publicou “As Máscaras do Pavor”, lançando a Coleção R. F. Lucchetti, salvando assim o legado literário do mestre da *pulp fiction* brasileira.

Mesmo sendo um pioneiro da literatura de terror, suspense e sobrenatural no Brasil, ultrapassando a surpreendente cifra de mais de 1.500 livros publicados, Rubens Francisco Lucchetti não teve um merecido reconhecimento por sua extensa obra. A popularidade que alcançou na década de 1960 e 70, especialmente por suas incursões no cinema com José Mojica Marins e Ivan Cardoso, foi se arrefecendo nos anos 80 e 90, até que Lucchetti entrou nos anos 2000 como um autor praticamente desconhecido dos *millennials*, geração mais acostumada à internet. Cansado de enviar originais para editoras e receber todo o tipo de recusas como desculpa, Lucchetti desistiu das publicações e optou por “dei-

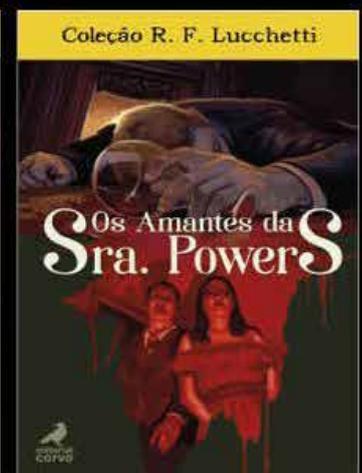
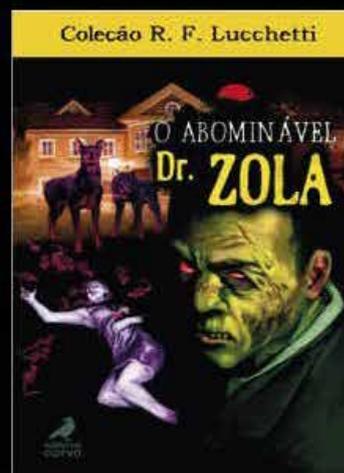
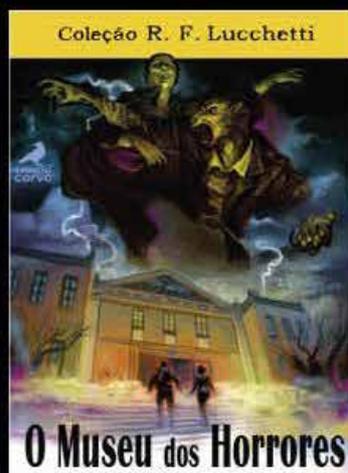
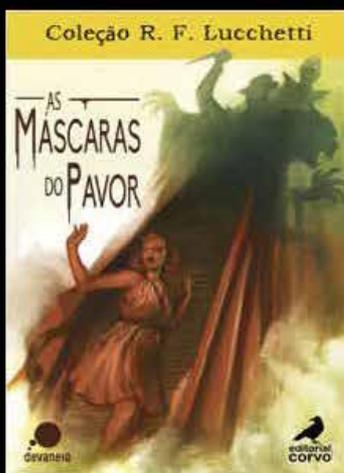


Rubens Angelo

xar tudo para o caso de aparecer algum interessado”. Apesar do enorme volume de obras realizadas, o próprio autor era bastante crítico com seu trabalho: “Escrevi milhares de livros, mas a maioria é coisa desprezível, que fiz para sobreviver”. Ele até admitiu que, certo dia, jogou fora muitos de seus livros, guardando apenas uma lista de títulos e algumas capas, para fins de arquivamento e memória pessoal. Mas nem tudo foi descartado e o autor guardou o que julgava ser o mais valioso de seu legado literário: cerca de 100 livros! De fato, muito de sua produção literária estaria perdida caso uma

providencial editora não tivesse surgido para resgatar o legado desse brilhante autor brasileiro. Nessa época, Lucchetti estava com mais de 80 anos e suas esperanças de ver suas obras republicadas eram poucas.

A salvação literária aconteceu em 2014, quando dois fãs de Lucchetti — que seriam também os dois sócios da futura Editorial Corvo — o visitaram em



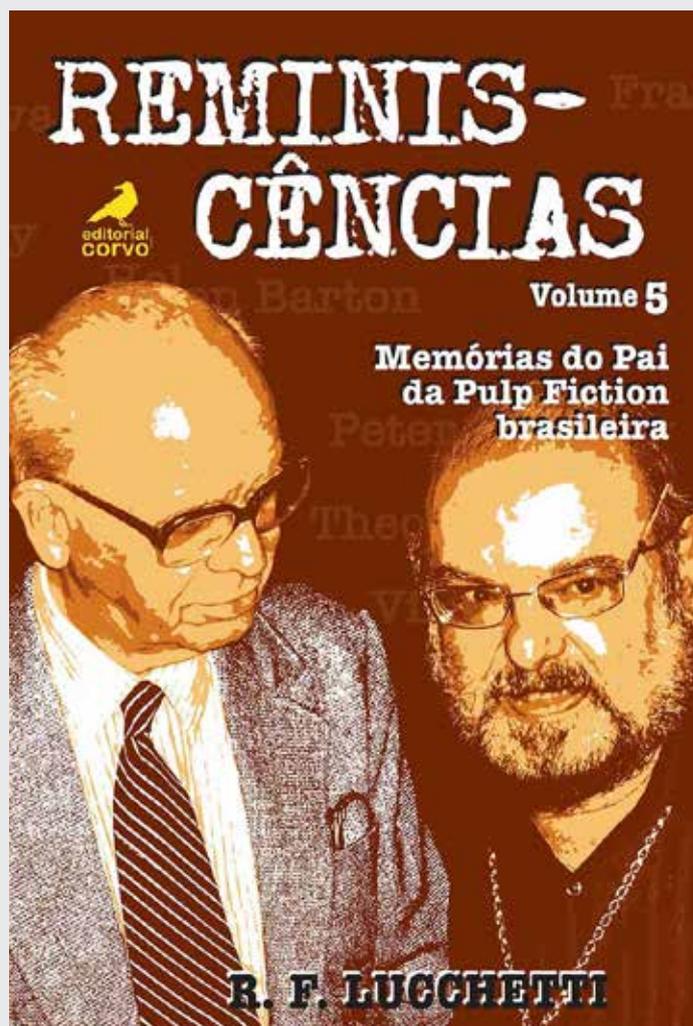
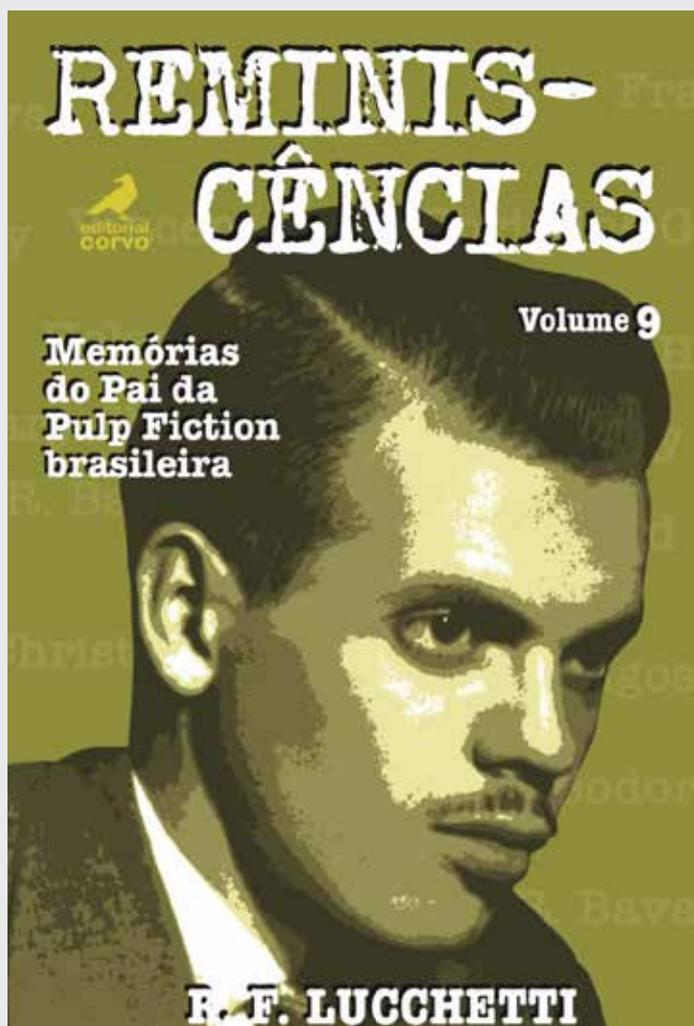


sua casa em Jardinópolis, na região metropolitana de Ribeirão Preto (SP). Eles queriam lançar uma coleção de suas obras, mas explicaram que tinham apenas uma exigência para o autor: R. F. Lucchetti teria que usar o Facebook. Sem compreender muito bem o estranho pedido — achou que se referiam a um *notebook* —, o autor teria respondido de pronto: “Trabalho com máquina de escrever.” Mas tão logo Lucchetti aderiu à rede social e o primeiro livro da coleção foi lançado, os fãs começaram a aparecer, a prestigiar o octogenário autor e a comprar seus livros. Nas palavras do próprio autor:

“Aos 38 anos de idade, tive de me reinventar, deixando de ser chefe de escritório e me aventurar como

roteirista de Cinema. Aos 42, tive de me reinventar novamente e ser editor de publicações especiais de uma grande editora. Aos 52, nova reinvenção. Dessa vez, passei a ser autor de livros por encomenda. Quando cheguei aos 84 anos, pude finalmente dedicar-me em tempo integral aos meus livros, os livros que realmente integram minha obra e que estão sendo lançados pela Editorial Corvo.”

Da parte de Lucchetti, sua maior exigência para a Editorial Corvo era que seus livros tivessem algumas ilustrações. O autor sempre defendeu a ideia de que os livros deveriam ser ilustrados, particularmente as histórias no estilo *pulp*, onde as ilustrações são fundamentais para insuflar as emoções do leitor. O primeiro



Os volumes de “Reminiscências” contam as memórias de Lucchetti.

livro da coleção que foi publicado foi “*As Máscaras do Pavor*”, um *thriller* de horror e mistério lançado originalmente em 1974. A história, que parte de uma série de crimes inexplicáveis, é uma grande homenagem ao cinema de horror e a grandes personagens sobrenaturais como Drácula, Frankenstein, Lobisomem e o Fantasma da Ópera. A incursão de Lucchetti nas redes sociais, a despeito de sua idade, não poderia ser mais bem-sucedida. O autor arregimentou uma legislação de amigos e fãs, além de interagir com todos que o procuravam, sempre solícito e atencioso. Em um *post* de dezembro de 2014, o autor fez um comente desabafo:

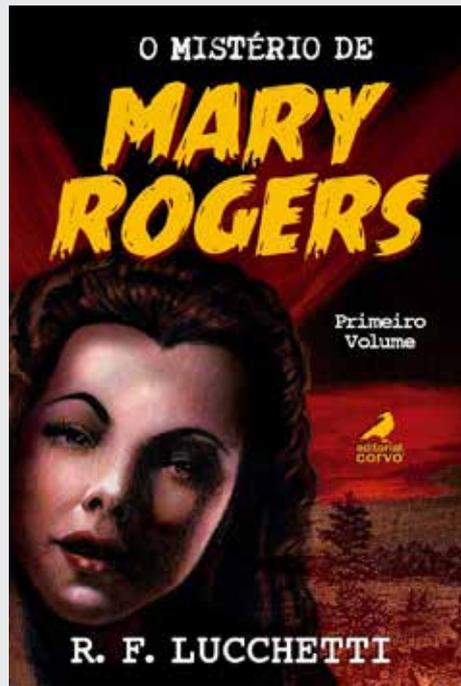
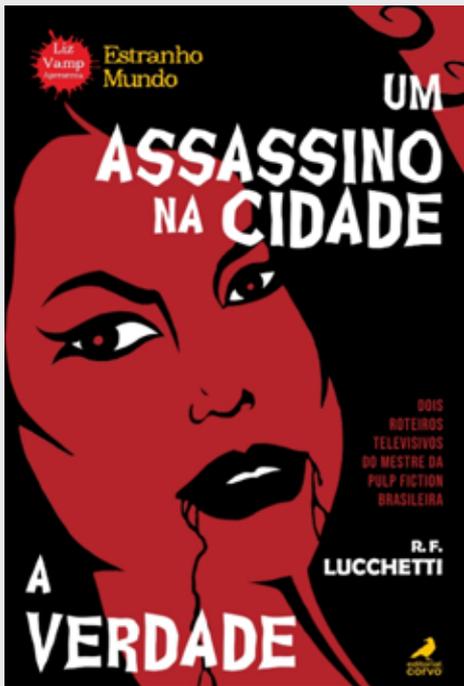
“Este foi um ano atípico na minha vida. Com apenas 50 dias, meu perfil no facebook atingiu mais de 3.500 amigas e amigos de todos os rincões do Brasil e do Exterior. (...) E o que me aconteceu de setembro para cá não me aconteceu em toda a vida. Fiquei até

*assustado, porque há mais de dez anos que não era publicado nenhum livro meu. Mas, de repente, com a publicação de ‘As máscaras do pavor’ pela Editorial Corvo, minha vida virou de pernas para o ar, no bom sentido. Fui até notícia do The New York Times. Estou me sentindo jovem. E devo isso a vocês, minhas amigas e meus amigos.”*¹

Quanto à matéria no *The New York Times*, o jornal dedicou a Lucchetti uma reportagem com o seguinte título: “*A Human Pulp-Fiction Factory Becomes a Cult Hero*” (Uma fábrica humana de *pulp fiction* torna-se um herói cultuado). O texto trata principalmente da redescoberta do autor pelas novas gerações. Em um breve relato, o repórter resume o que torna Lucchetti tão especial:

“Alguns escritores publicam apenas um livro em sua vida. Outros, de alguma forma, conseguem produzir dezenas, em feitos prolíficos de criatividade.

1 <https://www.nytimes.com/2014/10/18/world/americas/a-one-man-pulp-fiction-factory-keeps-his-motors-running-in-brazil.html>

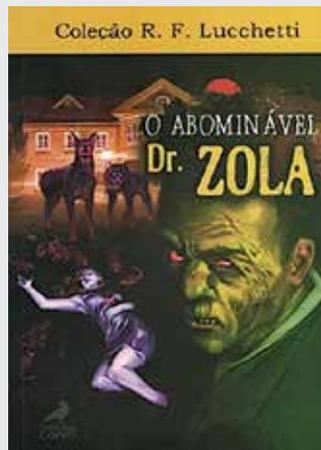


Histórias de crime e mistério também estão presentes na coleção de Lucchetti.

Mais além, há R. F. Lucchetti, a eminência brasileira da ficção pulp, que se orgulha de publicar nada menos que 1.547 livros ao longo de uma longa carreira, empregando uma série de pseudônimos, incluindo Vincent Lugosi, Brian Stockler e Isadora Highsmith.”

Os livros da Coleção R. F. Lucchetti, atualmente com 16 volumes, podem ser adquiridos direto pelo perfil do autor que, após sua morte, continua ativo sob administração de seu filho Marco Aurélio Lucchetti. Também no perfil do Marco, é possível adquirir outros livros do autor, como quadrinhos, biografias e até raridades.

Um destaque da coleção é “Noite



O Dr. Zola, de Lucchetti, é um personagem típico da ficção científica clássica: um cientista louco.

Diabólica”, que foi o primeiro livro de Lucchetti a ser publicado, em 1963. É uma coletânea de contos clássicos de terror, e é considerado, por muitos especialistas, o primeiro livro de terror genuinamente nacional. Quando enviou os contos para a editora, o próprio autor não tinha a intenção de publicá-lo como livro e esperava que as histórias fossem adaptadas pelo roteirista Hélio Porto e desenhadas por Nico Rosso para serem usadas em quadrinhos. Mas ao invés de transformar seus contos em quadrinhos, a Editora Outubro (conhecida por publicar quadrinhos) resolveu publicá-los em uma coletânea que daria início a uma coleção de livros, chamada “Super Bolso”.

Rubens Angelo nasceu em Brasília, passou uma década em São Paulo e agora vive no Rio. Trabalha como designer e também é professor. Começou a escrever e desenhar ainda na adolescência, principalmente criando quadrinhos de fantasia em fanzines. Desenvolveu infográficos e projetos multimídia usando animação e quadrinhos para jornais como Folha de SP, Estadão e O Globo. A paixão por contar histórias o levou a cursar uma pós-graduação em escrita criativa, o que aumen-

tou sua produção literária. Já publicou contos em diversas antologias de Ficção Científica, em editoras como a Cartola, Cyberus e Caligo. Seus projetos atuais envolvem traduções exclusivas de contos antigos de ficção científica, como o livro “Estrelas: mulheres pioneiras da ficção científica” (<https://a.co/d/cVzKGWr>) e a “Biblioteca dos livros impossíveis”, coleção de contos raros lançados em seu site (<https://scifitropical.wordpress.com/>)



Especial Rubens F. Lucchetti

O Colecionador

Romy Schinzare

Foi encaixotada e abandonada no fundo do guarda-roupa. Suas partes, uma a uma, embrulhadas em notícias requentadas de velhos jornais. Relegada à escuridão e ao isolamento imposto pela clausura, esperava resignada quem a resgatasse um dia, afinal fora muito famosa, exposta, admirada... sabia, este tempo retornaria. Resiliência! Sempre lhe aconselharam os ancestrais.

O casal mudaria de endereço, desconhecia se seria levada porque Sara, desde que se casara com Pedro, nutria grande aversão por ela, motivo de estar naquele estado. No entanto acreditava que o rapaz, por tê-la desde tenra idade, não a deixaria. Fora presente do avó ao menino quando completara cinco anos de idade. Passava de geração em geração, enfrentara percalços, mas sempre saía vitoriosa.

Muito alarde pela casa, homens carregando mobílias, ei-la resgatada do guarda-roupa e levada para o caminhão — diga-se de passagem, sem o devido cuidado. Sentia-se aviltada! Não compreendia o descaso de seu dono nos últimos anos! O rapaz, antes amoroso e cuidadoso, após o casamento tornara-se distante e indiferente. Quem sabe a mudança traria sentimentos mais nobres entre eles! Talvez um lugar especial somente para ela no novo apartamento. Os últimos séculos e a história comprovavam, mais cedo ou mais tarde, receberia a devida atenção. Centelhas

de esperança reluziram em seus olhos.

Ouviu quando os rapazes da transportadora falavam sobre o novo apartamento. Era apertado, menor que o antigo, mas bem localizado. Ficava no penúltimo andar de um lindo prédio de esquina num dos bairros mais nobres da cidade de São Paulo. “— Em nada comparável ao antigo!” Diziam admirados os carregadores. Para ela, talvez, as notícias não fossem tão boas: Teria alimento em abundância em bairro tão nobre?

Foi depositada no chão da sala de maneira descuidada. As faces de seu caixote se abriram e ela pode ver um pouco do lugar. Ficou ali, analisando o ambiente, verificando onde poderia se colocar de forma a ser vista por todos que entrassem no local. Os olhares alimentavam sua vaidade e ampliavam seus poderes.

Após uma semana, continuava no chão, tal qual fora deixada. O casal passava indiferente por ela. As faíscas de seu olhar foram se apagando, algumas de suas partes se perdiam pelo entorno, outras se desfaziam por serem muito delicadas; seus olhos — eram tantos! Foram ganhando uma fina camada de poeira que turvava a visão, quando não corroíam as íris, deixando-a cega. Foi crescendo nela um sentimento de tristeza misturada com raiva. Nada podia fazer, senão aguardar conformada.

Seis meses! Esse fora o tempo durante o qual defi-



nhara naquelas condições, quando sentiu dois braços fortes erguerem-na e carregarem-na. Enfim lembrou-se dela! A alegria virou desespero quando percebeu ser levada para o quarto, aquele lugar trazia péssimas lembranças de abandono no imóvel anterior. No entanto, apesar de gritar e espernear, foi ali outra vez colocada. O móvel fechado e ela deixada na escuridão, só. Podiam seus antepassados ter aventado essa possibilidade criando formas de evitá-la? A despeito de quaisquer adversidades, não seria ela a decepcioná-los rompendo a corrente.

No escuro, entre roupas velhas pensava em sua vida. Estavam deixando partes de seu corpo entrarem em estado de putrefação! A raiva foi cedendo espaço para o ódio. Afinal, onde estavam os olhares e elogios que a alimentavam? Morria aos poucos! Precisava reverter esta situação! Era atacada por poeira, baratas famintas... perdia pernas, orelhas... asas! Perder a capacidade de voar era insuportável! Aplacou sua dor naquele isolamento sombrio. Passava horas ouvindo o casal andando e sorrindo pela casa sem nada poder fazer em seu favor, senão aguardar o momento certo de agir. O tempo corria devagar, as horas se arrastavam tornando o dia infinito. Numa noite, Pedro, atendendo a um chamado inexplicável, abriu a porta do guarda-roupa. Alguém intercedera por ela! Pensava. Pedro pegou o caixote onde se encontrava, colocou no chão do quarto e suas partes foram retiradas, uma a uma, do meio das velhas notícias. Indignado, seu dono inquiria a companheira sobre o estado de desmantelamento em que ela se encontrava. Um atribuía ao outro a culpa por aquela situação. Ouvia calada enquanto o casal fazia acusações mútuas. No entanto, em seu íntimo, responsabilizava Sara por toda aquela situação.

O moço, com olhar dócil e dedos zelosos, se contorcia de dor diante daquela visão: Como deixara aquilo acontecer! Como a amara! Tomava consciência da dimensão do desleixo e abandono ao qual fora submetida sua história. Ele pertencia à quinta geração de herdeiros! Ela fora tão importante em suas vidas! E assim, entre devaneios, cuidou ele de suas feridas e restituiu muito do antigo encantamento, contrariando a vontade da esposa. A moça temerosa, não sabia bem o porquê, sentia arrepios diante daquela coleção. Não emanava boas energias, por mais que lhe dissessem serem relíquias familiares, sentia algo de maligno naqueles olhos.

Limpa, polida e muito arrumada, foi colocada no lugar da sala onde havia escolhido tão logo chegara.

Um ponto de luz difusa foi instalado para destacar sua beleza, mantinha todas as partes iluminadas da mesma forma, sem fazer sombras. O melhor foi quando o rapaz depois de tantos cuidados, parou diante dela e começou a admirá-la. Comovia-se com as lembranças que lhe trazia. Mais ele se recordava daqueles momentos, mais se sentiam completos. Compunham-se numa cumplicidade rara de luz e sombra.

Quanto mais ele a amava, mais a esposa a detestava, podia sentir e não fazia nada para mudar isso, ao contrário, alimentava esse distanciamento, precisava de Sara fora daquele lugar.

Nos dias subsequentes, fora mote de muitas visitas ao apartamento. Pedro convidava amigos e familiares para apreciar sua Coleção de Corujas. Outra vez os olhares de admiração, elogios, se voltaram para ela. Começou a se multiplicar, pois cada visitante fazia questão de presentear o rapaz, de forma singular e às vezes até excêntrica, com um novo membro. Foi crescendo e se diversificando. Com sua beleza cresceram sua vaidade e seu orgulho e bem aí tudo se complicou para o moço, sem antever o problema que se seguiria. Nunca um antepassado falara de um segredo sobre aquela coleção: era amaldiçoada.

A esposa evitava ficar na sala porque sentia vários olhos sinistros lhe vigiarem. Insistiu para o marido colocá-la de volta no guarda-roupa, sem sucesso. Junto com a gravidez, vieram as brigas intensas entre o casal, muitas vezes, sem motivo aparente. A Coleção acalentava aquele feto, Sara podia sentir. E quando o marido saía para o trabalho, ouvia aqueles bichos piando pela casa. Pedro, sabendo dessas histórias, levou a esposa ao médico. Diagnosticada com estresse profundo, foi medicada e passava o dia sonolenta em casa e isso só fez piorar a situação. Sozinha, via quando as aves voavam em seu redor, sondavam seu ventre e cantavam para aquela criança ainda em formação. Sem poder fazer com que Pedro acreditasse — até ela já duvidava da própria sanidade mental — e com medo de ser internada num hospício, fugiu daquele apartamento.

Foi embora numa madrugada fria. Vários olhos vitrificadas na sala de estar acompanharam felizes aquela partida e em unísono cochichavam “Sara, seu filho será o próximo”. Atormentada, segurando a cabeça entre as mãos, a moça passou rápido pela Coleção e se foi, sem levar nada consigo e sem olhar para trás. Pedro sentiu aquela separação, mas não se importou muito. Para a própria surpresa pensava ser o mais adequado, pois estavam vivendo de forma muito

conflituosa nos últimos meses. Os pais de Sara cuidariam dela e se precisassem o chamariam.

O rapaz, sozinho, dedicou-se ainda mais à sua Coleção de Corujas. O fascínio o dominava, aprisionado no passado, se alimentava de memórias. Como gostava de cada um daqueles seres! Ficava inerte e extático diante dela. Amou-a mais que nunca! Sem perceber parou de ir ao trabalho, de encontrar os amigos... foi ganhando asas, bico, dois olhos amendoados grandes os quais enxergavam melhor no escuro. Incorporou-se àquela coleção, assim, vagorosamente, e ali ficou, esperando visitas, elogios e olhares de admiração que o fizessem se sentir menos humano. O processo estava se iniciando.

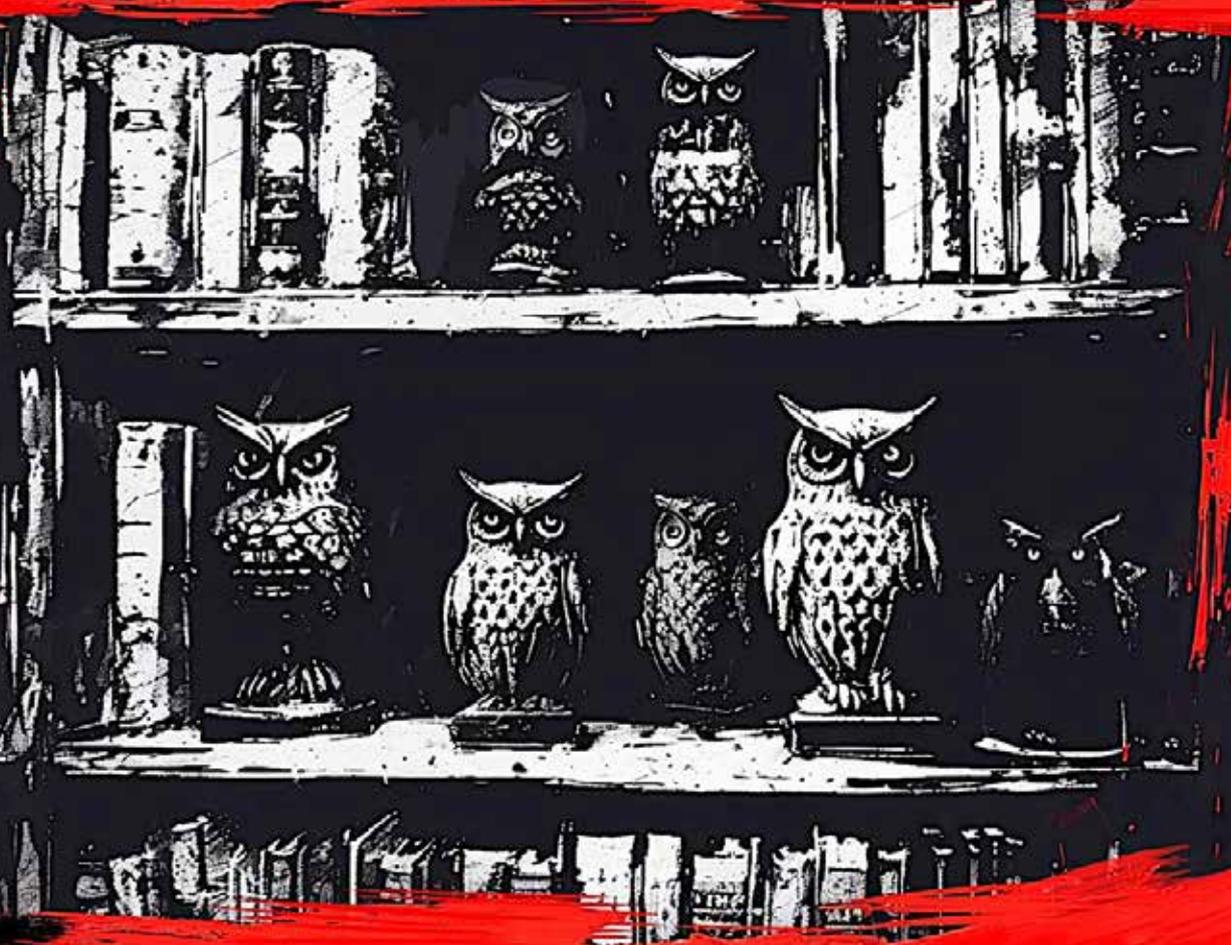
O policial chegou junto com a névoa fria da noite. A rua estava começando a ser invadida por carros e pessoas vindas do trabalho. Confirmou o endereço nos autos em sua mão. A ocorrência fora registrada há três dias no site da polícia local. Afirmava o denunciante ter um cheiro fétido exalando daquele imóvel, se espalhando pelos arredores, incomodando os mo-

radores.

Retirou um lenço do bolso da farda e levou ao nariz, precisava se proteger daquele odor. De fato era forte! Alguma coisa se encontrava em estado de putrefação, não tinha dúvidas.

Um grupo de moradores — vendo a viatura estacionar — correu para falar com o guarda. Um rapaz loiro, identificando-se como o autor da denúncia, se apressou em informar que vivia no prédio e ali ninguém mais conseguia dormir por causa daquele fedor. Acreditavam que o problema estava no penúltimo andar.

O apartamento fora ocupado por um casal de jovens. Haviam se mudado há pouco para a região. Eram desconhecidos no bairro. Observaram, durante a mudança, movimentos comuns, idas e vindas de móveis, caixas. Eram vistos no elevador saindo para trabalhar. Nos finais de semana recebiam algumas visitas. Tudo parecia normal, nada conduzia a suspeitas ou atitudes incômodas com os vizinhos. Eram distintos e discretos.



O jornalista da esquina, velho morador e conhecido por todos, dissera que numa madrugada fria a moça passara por ele chorosa. Desde então nunca mais a vira. Após isso, percebeu também o sumiço do rapaz. Não mais saíra para o trabalho, nem viera a sua banca buscar o periódico, como fazia há um mês. Suspeitavam que pudesse estar morto dentro de sua casa.

Tudo tivera início quando começaram a sentir um cheiro estranho no prédio. Acreditaram se tratar de lixo, higiene geral, foi aventada até a possibilidade de haver ratazanas mortas nos encanamentos. O Síndico tomara várias providências e o odor só piorava, foi quando notaram vir mesmo daquele lugar. Na reunião de condomínio, os moradores daquele apartamento não compareceram, tentaram contato e nada. Não eram mais vistos ali e o imóvel mantinha-se fechado, isso gerou espanto e suspeitas, mas não poderiam proceder a um arrombamento sem ordem da justiça.

O policial registrou as observações e solicitou a um colega o isolamento da área enquanto outro cuidaria de arrombar a porta. Adentraram o prédio. No entanto, no elevador o responsável percebeu estar o cheiro muito acima do normal. Quanto mais se aproximavam, pior ficava. Deu ordem de evacuação daquele andar, assim como dos superior e inferior, para segurança dos condôminos. Parecia ser um problema bem maior que o relatado na ocorrência. Um corpo em estado de putrefação não cheirava tão mal assim! Já conduzira cadáveres para o IML neste estágio e não tinham este odor. Esse cheiro era parecido, mas tinha uma diferença... não conseguia identificar, era estranho. Decidiu chamar uma equipe especial de apoio composta por cinco policiais. Desconhecia o que havia ali dentro e preferia não enfrentar com apenas dois colegas de trabalho.

Lá embaixo, na calçada, a equipe de TV do Programa “Que País é Esse?” se posicionava para iniciar uma transmissão ao vivo. Eram especializados em reportagens sobre ocorrências policiais. Em posse de informações sobre os casos a serem investigados, selecionavam alguns. Era procedimento comum a este telejornalismo fazer cobertura simultânea de várias ocorrências pela cidade.

Todas as matérias eram acompanhadas por um âncora no estúdio. Esse profissional, com base nos índices de audiência, determinava aquelas cujo destaque deveria ser especial e, portanto, permanecer mais tempo no ar, com maior número de chamadas pelo apresentador. Este se alternava em falar sobre diferentes casos ao mesmo tempo, com apoio de vários

vídeos abertos na tela.

Naquele momento exibiam sob a manchete “crime na zona nobre da cidade”, entrevistas com moradores, falando sobre a ocorrência, o odor no prédio, o casal. As pessoas se revezavam no microfone, todos queriam contribuir e aparecer na televisão.

Quando chegou, a equipe especial de apoio, seguiu direto até o penúltimo andar para auxiliar nos procedimentos. Todos usavam máscaras especiais, a descartável não daria conta de proteger contra o cheiro. Com um pontapé a porta foi abaixo.

A sala estava escura, olhos de vários tamanhos pelo ambiente. O policial próximo ao batente da porta levou a mão ao interruptor enquanto tinha espasmos de vômitos: Que diabos era aquilo! Esbravejava. A luz não acendeu, provavelmente tinham cortado a energia por falta de pagamento. Os olhos se movimentavam, pelo teto, nos quatro cantos da sala, no centro. Eram muitos e estavam por toda parte. Não paravam, pareciam... Voar? Os policiais sacaram as armas enquanto gritavam para a retaguarda trazer lanternas. Conforme se moviam sentiam que algo gosmento sob seus pés também se movia.

As lanternas não eram grandes, mas suficientes para ver um pouco do lugar. Corujas por todos os lados, giravam os pescoços quase trezentos e sessenta graus, todas se fixavam nos focos de luz. Das aves exalava um cheiro adocicado, tão intenso que causava fortes dores de cabeça. Do chão subia um fedor insuportável. Quando iluminaram, se depararam com amontoados de bolas regurgitadas pelas aves com restos de ossos, penas, pelos e dentes. De algumas daquelas bolas saíam vermes, estes se espalhavam pelo chão formando um emaranhado, uma espécie de rede a tomar o chão da sala e avançar para os demais cômodos. Ratos corriam de um lado para o outro. Aquilo fedia muito!

Alguns policiais se afastaram diante daquela cena. O cheiro proveniente da mistura daquelas bolas com dejetos estomacais e o adocicado das aves tornavam o ar irrespirável e repulsivo.

Com sacrifício abriram as janelas daquele cômodo, as corujas ocupavam somente aquela parte do apartamento. Nenhuma ave voou para fora, continuavam a observá-los. Um cheiro mais estranho ainda vinha de um dos quartos. Quando lá chegaram, se depararam com um guarda-roupa entreaberto, nele, muito retorcido dentro de uma caixa estava o que parecia ser um rapaz, talvez o morador daquele imóvel. O moço se encontrava na posição de uma coruja, movia a cabeça



de um lado para o outro, pegava ratos ao redor e os colocava na boca, engolindo o animal inteiro e ainda vivo, indiferente aos olhares estarecidos dos policiais.

Mal pensaram em como lidar com aquele ser, quando ele soltou um jato de vômito sobre seus pés. Dois policiais saíram em direção à sala, desviando das corujas a voarem por todos os lados e esmagando vermes pelo chão a cada passo. No quarto os outros três agentes tentavam descobrir o que era aquilo! Parecia um homem, mas estava muito magro e se comportava como se fosse uma ave, para ser mais exato, uma coruja. Tentaram falar com ele, em vão.

Chamaram assistência médica. Lá embaixo o tumulto se iniciava, chegara a notícia — ninguém sabe como — de haver muitas corujas no apartamento e naquela região nunca tinham avistado aquela ave. Como ter tantas delas dentro de um imóvel, presas, sozinhas? O alarde aumentou com a chegada de profissionais da saúde. No estúdio o âncora já priorizava aquelas notícias, mobilizando mais telespectadores.

Duas ambulâncias, com as luzes intermitentes e sirene acionada numa altura ensurdecadora estacionaram às pressas diante do prédio. Era cada vez mais difícil cruzar a cidade naquele horário, pensava o motorista. Os funcionários da TV cercaram os auto-

móveis enquanto faziam perguntas aos assistentes e médicos que desciam com macas e demais aparatos de primeiros socorros. Subiram todos calados, desviando das filmadoras, dos celulares e microfones. Sabendo das notícias, outro canal de TV se dirigiu para o local e disputavam a audiência. No programa “Que País é Esse?”, tudo era acompanhado ao vivo. O assunto fora priorizado pelo editor chefe, a equipe era pressionada por respostas que ainda não tinha. Abriam o caso também na internet.

Os paramédicos se dirigiram ao quarto, acompanhados por olhos de diferentes tamanhos, como faróis na escuridão. Sorte ser noite e enxergarem somente o lugar onde os focos de luz iluminavam! Usavam máscaras profissionais e botas para proteção contra as matérias regurgitadas pelo chão. Com dificuldade e à revelia, colocaram o rapaz na maca e o imobilizaram. Ele começou a emitir um som, parecido com um pio de coruja. De pronto todas as aves atenderam, pousando sobre seu corpo. Algumas atacavam os policiais e médicos que faziam o atendimento. Em poucos minutos, todas as aves cantavam e quando parecia levar todos à loucura, pararam. Voaram pela janela aberta da sala e sumiram na noite escura. O corpo do moço foi retirado do apartamento sem vida.

O número de acessos na internet travava o sistema

o tempo todo. Ninguém dava conta dos comentários e sugestões para o caso. Na TV a audiência estourava. Nunca aquele canal conseguira tamanha façanha! Sara, sentada no sofá da sala com os pais, acompanhava aquela história muito abalada. Andava de um lado para o outro retorcendo as mãos. Vez por outra agarrava o filho entre os braços querendo protegê-lo daqueles seres.

Mantivera tudo em segredo, para evitar ser tratada como louca, mas o que assistia na televisão era a prova de que estava certa. Agora ninguém poderia negar suas impressões e visões enquanto estivera naquele lugar. Não podia se calar, aquele homem era o pai de seu único filho! Seus pais, assustados, não cansavam de inquirir a filha, a moça nada dizia. Só fazia chorar, balançando o filho no colo.

O corpo do rapaz foi levado para o IML, o imóvel interditado para futuras averiguações. Os repórteres mudavam as manchetes na TV o tempo todo: “A maldição das Corujas”; “Rapaz Morto por Corujas”; “O Apartamento da Morte”, enquanto exibiam cenas do lugar com tomadas frontais do prédio, fechando o foco na janela do penúltimo andar. Nada sabiam informar ou tinham para mostrar de fato, mas isso pouco importava porque o público era ávido por qualquer coisa, fosse ela relevante ou não. Enquanto ganhavam tempo com estes sensacionalismos, uma equipe foi designada para aprofundar as investigações sobre o caso e preparar um programa específico a ser exibido no dia seguinte. Isso já era anunciado em rede, sem que tivessem material para tanto.

Buscaram por Sara, mas não foram os únicos. A moça mal apontava na janela, era abordada por vários repórteres. Após muitas negociações e intermediação de um advogado, resolvera atender a reportagem do programa “Que País é Esse?” por lhe parecer mais sé-

rio e por fazer uma oferta financeira muito atraente, a qual proporcionaria a fuga imediata do país, acreditava a moça que a distância protegeria seu filho. Numa tarde ensolarada, sentada na sala da casa dos pais, tendo presentes somente um repórter e um câmera, a moça contou o que sabia sobre aquelas aves.

Herdara o rapaz a Coleção de Corujas do avô, este a herdara do bisavô e assim fora, sucessivamente, há cinco gerações. Todos os familiares de seu esposo acreditavam que as corujas afastavam o mau agouro, era costume manterem-na em um móvel na sala de estar, local onde as visitas ficavam. Seu canto, para eles, simbolizava a morte, logo, presságio do mal.

A Coleção, passada de geração em geração, era tra-

tada como uma relíquia e a ela deveria ser erguido uma espécie de altar sagrado, Sara sempre se opusera a isto. Indagada sobre as corujas vivas, a moça disse terem o poder de se transformar, não sabia como nem o porquê, mas fato é que as vira voar pela casa e depois retornar ao local do altar, inanimadas. Desconhecia mais informações e a partir daí, recusou-se a continuar dando entrevista. Pediu ao seu advogado

para acertar o recebimento pelo trabalho e se retirou.

A equipe resolveu então procurar o único parente vivo de Pedro, irmão mais novo de seu avô que o havia presenteado com a Coleção, tio Tyto. Encontraram o homem internado num hospício, dizendo coisas desconexas. Falava de uma maldição naquela família. Todos os ancestrais morreram em condições semelhantes à de Pedro, daí o medo das aves que em verdade eram feiticeiras a se vingarem da ação de um parente muito distante.

Foram elas perseguidas e mortas de forma violentíssima por este homem que as acusava de serem bruxas. Enquanto queimavam juraram se vingar até a sexta geração daquela família e assim agiam, trans-



formando seus primogênitos em seres repugnantes, desprezíveis e faziam-no da forma mais perversa seduzindo-os e transformando-os em adoradores de seus algozes a ponto de viverem entre vermes e ratos por vontade própria até definharem e morrerem.

Tyto falava e se encolhia na cama do pequeno quarto, olhando para todos os lados conferindo se não havia Corujas à espreita. Repetia sem parar a frase “Sara precisa proteger seu filho, elas vão retornar”. O repórter ouvia aquela história e tentava esclarecer ao telespectador que o rapaz estava sob efeitos de calmantes. Bruxas e maldições não existiam. Havia sim um rapaz que enlouquecera e pensara ser coruja, passando a viver sob condições adversas. Foram embora deixando Tyto com sua loucura.

Lá fora, o céu ficou turvo, era a festa de seis anos de Miguel. Um lindo embrulho chegou pelo correio. Sara chamou a criança e com ela abriu o presente. Dentro de uma caixa, dez lindas corujas de tamanhos e cores diferentes. Os olhos da criança faiscaram enquanto sua mãe ia ao chão.

Romy Schinzare é educadora e escritora. Graduada em Pedagogia pela Universidade Paulista com especialização em Docência do Ensino Superior. Extensões universitárias em Psicologia Social e Arte na Cultura Infanto-Juvenil pela USP. Publicou os livros Mandrágora pela Patuá (2017) e Contos Reversos pela mesma editora, em 2018. Participou também de várias antologias, como “Mundo-Vertigem / ficção fantástica brasileira” (2020), da alinkeditora, com organização de Luiz Bras e “Outros Brasis da Ficção Científica” (2021), da editora Caligo, organizado por Davenir Viganon (livro vencedor do prêmio Argos em 2022 na categoria de melhor coletânea). Romy Schinzare ama escrever histórias de ficção científica, horror e fantasia.

Contato da autora:

romyschinzare@gmail.com



Especial Rubens F. Lucchetti

O ano futurístico de 2024

Artigo de Caio Vieira de mello

Onde você leitor(a) esteve no dia 21 de outubro de 2015? Um dia normal para qualquer pessoa, mas para os cinéfilos e fãs de ficção científica foi a data que os personagens Marty McFly e o Dr. Emmett Brown do segundo filme da famosa trilogia cinematográfica “*De volta para o futuro*”, viajaram para a cidade futurística de Hill Valley. Virou uma sensação das previsões acertadas (e outras nem tanto) das tecnologias usadas no filme e o oba oba do “Legal, estamos no futuro” do tão sonhado nas histórias da ficção científica... Bem, infelizmente não temos ainda carros voadores, espadas de luz ou roupas ultra futuristas, mas desde quando estamos no futuro ou definiram qual ano é o futuro?

O ano 2000 virou sinônimo do futuro, mas tecnicamente estamos no futuro desde 1984 (por conta do livro “1984” de George Orwell), mas outras fontes falam que o futuro começou nos anos 90, 70 e até anos 60 do século XX. Associaram o futuro no ano 2000 talvez pelo livro “*Olhando para trás: 2000-1887*” (*Looking Backward 2000-1887*) de Edward Bellamy, publicado em 1888, ou, creio eu, por conta do filme “*2001 uma odisseia no espaço*”, de 1968, do diretor Stanley Kubrick.



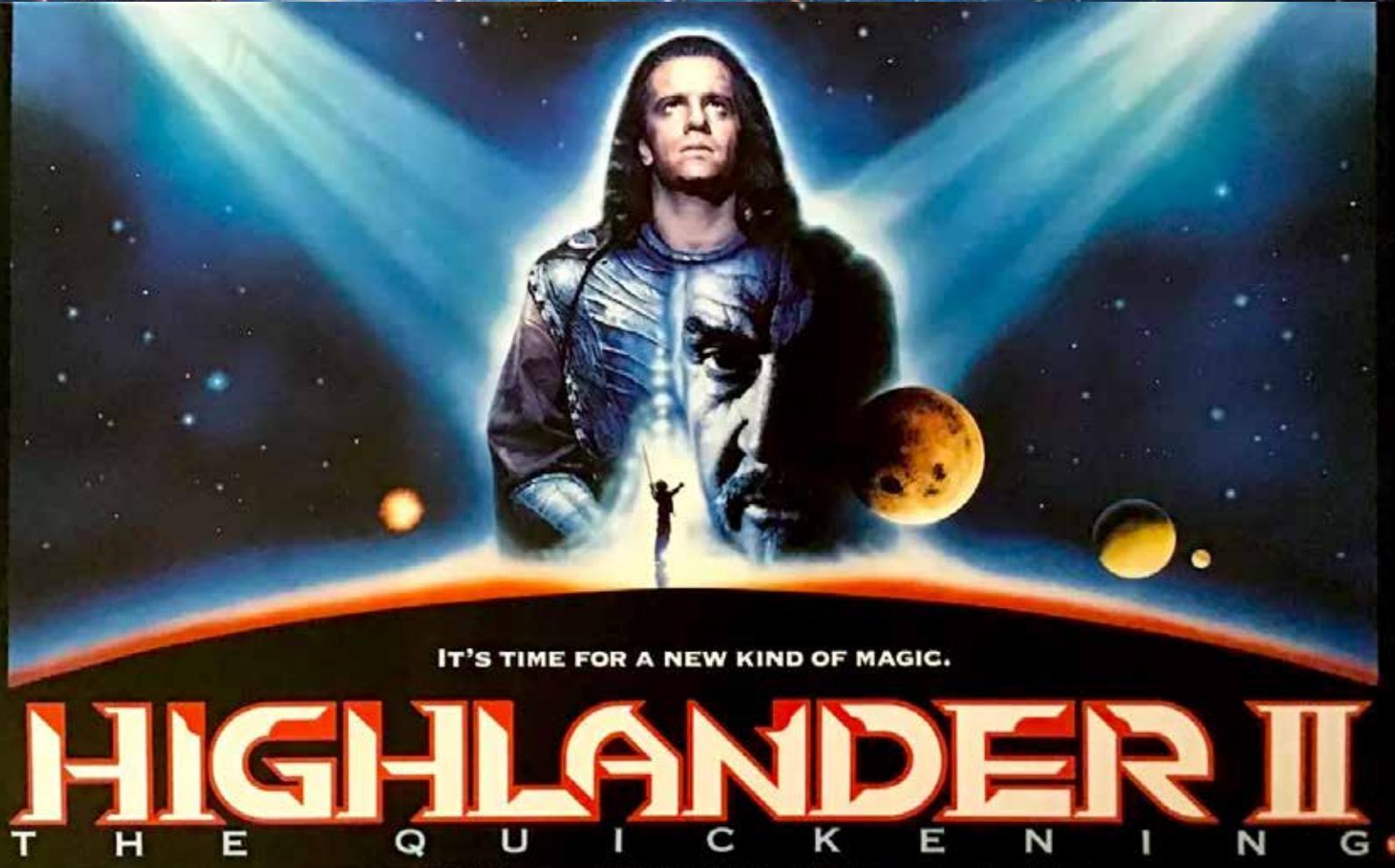
Caio Vieira de mello, do blog “Validade 2099”.

Quando falam, popularmente, sobre as previsões acertadas sobre o futuro, sempre pensam nos *Simpsons* como “novo Nostradamus”, mas existem previsões de outras mídias do entretenimento da SCI-FI que acertam em alguma previsão, como o filme “*De volta para o futuro II*”. Diferente dos *Simpsons*, as outras mídias SCI-FI não tem muito destaque quando acertam nas suas previsões: ficam só na curiosidade apenas em alguma publicação que as resgatam e são logo esquecidas.

O Blog *Validade 2099* surgiu em 2016 num outro blog cuja finalidade é coletar e catalogar somente as

previsões do futuro do século XXI (2000-2099) resgatando das mídias da ficção científica e estudos de futurólogos publicados no século 19, 20 e começo dos anos 2000, com a finalidade de — além de apreciar a curiosidade dos fãs da ficção científica — contribuir na análise reflexiva do presente e tentar melhorar a sociedade evitando os tantos erros (se possível) do passado para nunca se repetir.

Começando com 6 mídias da ficção científica (quatro filmes, um quadrinho e um game) que falam de acontecimentos que vão rolar no futuro (não tão distante) alternativos do ano 2024 que eu achei até o momento



“HIGHLANDER II: A RESSURREIÇÃO”

O segundo filme (ruim) da famosa franquia *Highlander* onde, em 2024, devido a poluição industrial, o planeta Terra perde a camada do ozônio, o que leva à criação de um campo eletromagnético para impedir a entrada dos raios solares perigosos. Se descobre que o envelhecido highlander Connor McLeod era um alienígena(!?) e agora deve enfrentar o terrível ditador Katana do planeta Zeist que este quer matá-lo.

“13º ANDAR”

Na história do filme, lançado nos cinemas em 1999, o engenhoso pesquisador de informática Douglas Hall, ao lado do sócio Hannon Fuller, criam um mundo virtual realista, mas seu colega Fuller é morto e Douglas investiga o misterioso assassinato do sócio para limpar o seu nome (ele é acusado desse crime). Ele entra nesse mundo simulado em busca de pistas.



“BRAZILIAN FIGHTERS”

É um game brasileiro nunca lançado (somente sua DEMO existe) pela extinta empresa PC System em 1997 para os computadores MS-DOS. No enredo da história que se passa em 2024, um político corrupto chamado Toni Bad Guy faz um golpe apoiado pela maioria do congresso e derruba o presidente da república. O presidente deposto convoca os melhores lutadores de artes marciais em várias regiões do Brasil para acabar com o atual governo ilegítimo na base da porrada.



“BEYOND THE TIME BARRIER”

É um filme de 1960 e conta a história de um piloto que, durante os testes militares com seu avião de guerra, sofre uma dobra temporal que o leva para o futuro de 2024, onde uma parcela pequena da humanidade está estéril por conta de uma praga e a maioria dos humanos viraram mutantes.



A BOY AND HIS DOG

The year is 2024

a future you'll probably live to see.

Produzido por CLAUDE BOURLIOT e ALVY MOORE
Escrito por LQ. JONES e baseado no conto de HARLAN ELLISON "A BOY AND HIS DOG"
Com DON JOHNSON e SUZANNE BENTON e ALVY MOORE e HELENE WINSTON e o personagem de JASON ROBARDS
Direção de RON FENBERG e CHARLES MCGRAW • Música de TIM McPHER • Fotografia de JOHN J. MURPHY • TÉCNISCOPE • TECHNICOLOR
GAUMONT Distribution ©

“O MENINO E SEU CACHORRO”,

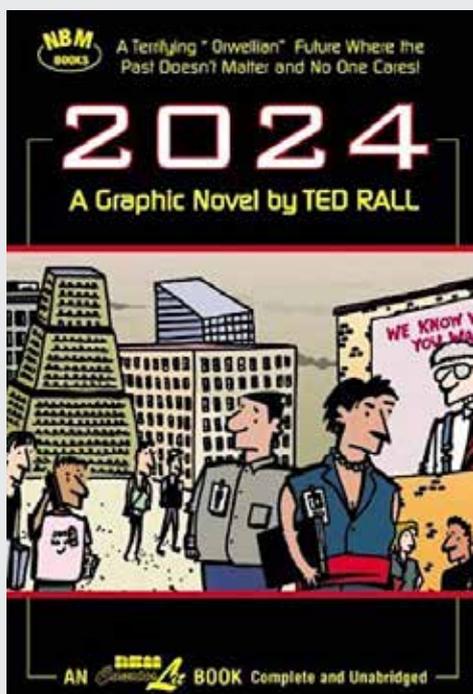
Filme de 1975. Foi adaptado de um conto com o mesmo nome pelo falecido escritor Harlan Ellison, que influenciou as famosas franquias *Mad Max* e *Fallout*. Fala sobre o mundo de 2024, destruído pela Quarta Guerra Mundial, onde um garoto e seu cachorro telepata — que conversa com esse menino — tentam sobreviver nas ruínas da civilização pós-apocalipse.

previsões com possíveis acertos (e que já ocorreram anos antes) como mudanças climáticas, realidade virtual, vigilância eletrônica, golpe de estado. Mas outras erraram feio, erraram rude, como o colapso da civilização pós-apocalipse, viagens no tempo, pranchas voadoras, criação de campo eletromagnético, surgimento de mutantes e alienígenas. Bem, recomendo verem essas mídias que citei para tirar suas conclusões.

“2024: A GRAPHIC NOVEL”

É uma história em quadrinhos tragicômica do cartunista yankee Ted Rall, publicada em 2001. O cartunista “atualiza” o clássico livro distópico “1984” do escritor George Orwell para os tempos atuais (segundo a visão do cartunista em 2001 sobre o futuro de 2024).

As dimensões alternativas para o ano 2024 mostram uma seleção de variadas



Nascido no dia 22 de setembro de 1988 em Florianópolis, Santa Catarina, **Caio** é artista visual Autodidata e museólogo, e se interessou pela ficção científica após assistir ao filme “Viagem à lua”, de Georges Méliès. Depois, lendo os livros do gênero, começou a escrever os primeiros textos de Sci Fi em 2012. Seus contos já publicados: “O destruidor de fantasmas”, “o ataque dos demônios de ferro” e “o Robô atômico”. Também produziu alguns vídeos de Sci Fi da minissérie “Agente fiscal D.E.T.” no youtube e atualmente publica o blog “Validade 2099”, sobre as previsões do futuro do século XXI. Confira mais sobre o autor aqui:

Blog validade 2099:

<https://caiovieiramello.wixsite.com/validade2099>

Página oficial do facebook: @validade2099



Especial Rubens F. Lucchetti

O QUADRO

Roger Israel Feller

Depois de uma temporada estudando no exterior, voltar para essa cidadezinha do interior de São Paulo era a última coisa que poderia desejar. Só quando pisei em solo estrangeiro é que percebi o quanto minha vida era medíocre. Ainda bem que seria apenas um período de férias. Nunca prestei muita atenção aos passeios turísticos que a prefeitura implantou na cidade, embora talvez devesse, já que levam os visitantes até a área rural, onde ficam as ruínas dos engenhos da época colonial.

A prefeitura criou um plano para ganhar uma grana com turismo: o município arrendaria os terrenos históricos das famílias da região para visitas monitoradas, em troca, a administração se comprometia com a restauração das construções tombadas (que saíam bem caras). Os bens ainda pertenceriam às famílias, mas os ganhos, durante uns vinte anos, seriam da prefeitura.

O maior destes engenhos pertenceu à minha família, o “Engenho dos Barreiros”, cujo dono mais ilustre foi meu bisavô ou trisavô (sei lá, nunca me importei com isso), o grande Barão de Barreiros. Hoje moramos em uma casa de campo, nos arredores da cidade, sem vizinhos, sem barulho... O engenho não era usado como residência há muitos anos, mas meus avós e meus pais sempre se recusaram a vender o terreno que

sobrou do engenho original (que era muito maior), principalmente depois do tombamento das construções originais. Pois este barão foi homem rico e influente além de, dizem, muito cruel. Pode haver algo

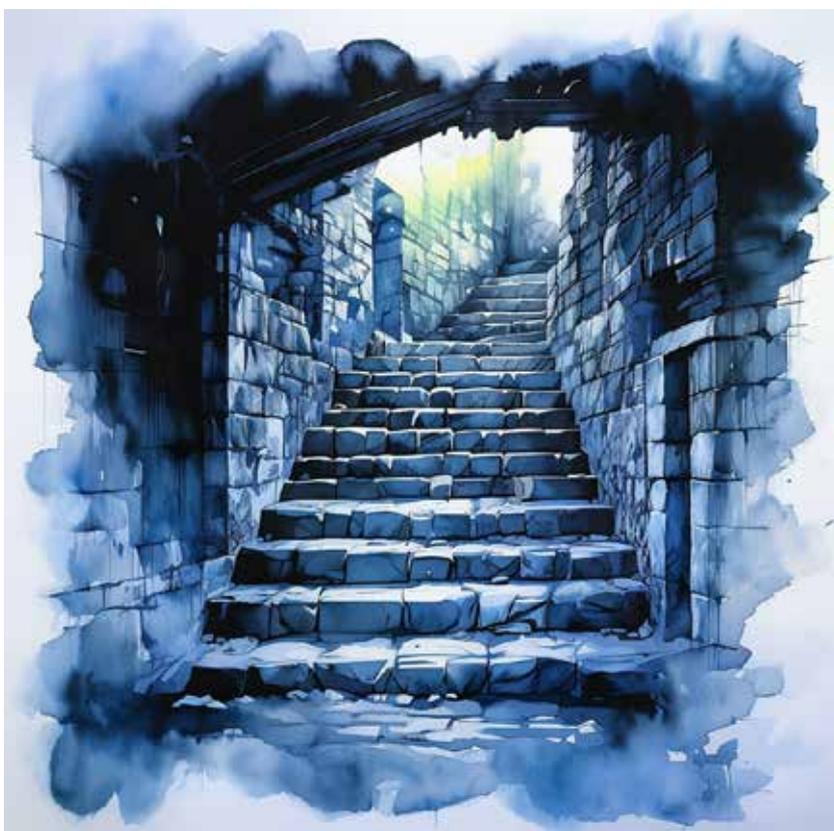
mais maçante que isso? A guia devia informar isso aos turistas: “aquele cidadão parado ali, então, a família dele é dona de tudo isso”... celebridade instantânea. Pensando bem melhor não. Ia odiar ficar tirando “selfies” com esse pessoalzinho... Opa!! Parece que o papo ficou mais interessante agora!

— E agora, por favor, me acompanhem. Recentemente foram descobertas algumas câmaras secretas perto da casa gran-

de. Alguns objetos de época encontrados são muito interessantes.

Descemos alguns lances de escada de pedra para o que parecia ser uma catacumba e entramos numa espécie de sala. Havia alguns móveis bem deteriorados ali. Em cima de uma mesa que mal se aguentava em pé, a guia descobriu um quadro coberto por plástico bolha.

— Este quadro, por exemplo, é bem curioso, apesar de seriamente avariado, estamos tentando restaurá-lo. Ele mostra o retrato possivelmente de uma escrava. Digo que é curioso porque a pintura foi muito bem feita, e provavelmente saiu bem cara para a época... mas quem encomendaria o retrato de uma negra escrava?





A guia continuou com seu blábláblá. Eu dei a volta na mesa corroída para ver o tal retrato. Deus... era a mais linda mestiça que eu já tinha visto... Corrijo: era a mais linda MULHER que eu já tinha visto. Meu coração parecia querer explodir no peito, eu suava em profusão.

Eu olhei mais atentamente a pintura. Os olhos... meu Deus... os olhos dela! Mesmo através da poeira era como se eles olhassem diretamente para mim! Era como se eu estivesse encarando outro ser humano!

Pensei que era minha imaginação, ou que estivesse me deixando levar pela história, pela atmosfera do lugar. Mas era muito real! Me senti paralisado enquanto aquela mulher me encarava. Uma mulher de tinta! Mas eu poderia jurar que sua expressão mudava... eu não fitava mais uma figura, mas sim um ser humano como qualquer outro. Tudo o mais pareceu sumir ao meu redor. Eu não via mais nada, nem ouvia mais a guia e o burburinho dos visitantes. Havia apenas o retrato. Sua face alternou expressões de medo, um leve sorriso e por fim súplica.

Era como se estivesse a me pedir algo. Lágrimas escorriam de seus olhos. O que eu via desafiava a sanidade de qualquer pessoa. Me senti zozzo, uma náu-

sea começou a me afetar, e em poucos segundos as paredes pareceram se fechar sobre mim.

— Moço, o senhor está bem? — era a guia que colocava a mão em meu ombro. O ambiente voltou ao normal, mas tive que segurar minha ânsia de vômito. Empurrei de forma pouco gentil a mão da guia enquanto alguns turistas me olhavam.

Saí correndo da catacumba que se tornara claustrofóbica. Cheguei em casa ofegante. De noite, deitado em minha cama, mesmo com as janelas abertas (apenas as telas impediam a entrada dos mosquitos), eu não conseguia dormir. O retrato da escrava não saía da minha cabeça... precisava saber mais sobre ela a qualquer custo.

O dia seguinte foi infernal. A lembrança do retrato... o que estava acontecendo comigo afinal? Havia agora uma angústia dentro de mim. Eu precisava saber mais sobre a história do engenho... e consequentemente, do quadro.

O que me preocupava tanto? Era ridículo!

Havia uma pessoa que talvez pudesse me ajudar, um amigo de infância. Fui até o centro velho da cidade e encontrei logo a casa que lembrava desde quando era criança. A cidade é minúscula e as famílias não

— mudaram tanto de residência. Toquei a campainha da casa centenária e quase de imediato Gustavo atendeu.

— Mas quem diria! Achei que nunca mais você voltava do exterior! Bem-vindo, entra aí.

Depois de nos abraçarmos e falarmos algumas bobagens convidei Gustavo para bebermos uma cerveja num boteco que pretendia ser um bar chique para turistas (grande pretensão, mas a cerveja artesanal até que é boa e a cachaça é um patrimônio da região).

Depois de algumas garrafas abordei o assunto que me incomodava.

— Gustavo, me diz uma coisa: você é arquiteto, né?

— Sou...

— Então, nessa cidadezinha fim de mundo... dá pra sobreviver *brother*? Quer dizer, acho que não tem muito trampo por aqui...

— Cara, vou te dizer: não tem mesmo! Só estou sobrevivendo porque estou trabalhando com meu pai. Só faço algum bico quando a prefeitura abre esses processos de tombamento, mas mesmo assim, quanto você acha que o prefeito paga para nós? Merreca, meu irmão, merreca.

— Esse lance aí... você é que checou a parte arquitetônica dos prédios tombados né? Inclusive dos engenhos?

— Foi. Muito trampo pra pouca grana.

— E o engenho da minha família? Você que analisou a planta também?

— Só tinha eu pra fazer o serviço, não tô te dizendo? Você tá interessado na história da família agora, é? Se eu bem me lembro você nunca se interessou por nada disso.

— É... é que tô meio curioso mesmo. Hoje de manhã acompanhei a visita guiada lá nas nossas terras, uma guia chata pra caramba, mas ela falou de passagens e câmaras secretas. Nem meus pais nem meus avós jamais contaram nenhuma história a respeito.

— Cara... quer dizer que vocês não sabiam? Bom, aquelas áreas secretas foram descobertas por acidente durante umas obras de restauração. Eu não estava presente, quem conduziu essa parte foi uma comissão de arqueólogos e historiadores. Mais um bando de otários trabalhando quase de graça... não tem muito campo pra eles também, entende? Então esse povo vem ganhando pouco, alguns formados há pouco tempo aproveitam para usar esse material para suas teses de mestrado e doutorado, sabe como é.

Sim, eu sei como é. Sempre a mesma choradeira pela falta de grana. Eu nunca tive que me preocupar

muito com esse quesito, então a conversa com o Gustavo começou a me cansar. Aqui na cidade apenas eu e mais meia dúzia de crianças éramos os “riquinhos”, o resto da criançada era gente comum ou pé-rapado mesmo.

— Olha, se você tá mesmo interessado na história, eu ainda tenho cópias das plantas originais em casa. Posso te mostrar se quiser.

Aproveitei a deixa para encerrar o papo furado. Gustavo me levou para sua casa e começou a remexer em vários canudos, destes que servem para transportar documentos de grande porte. Finalmente escolheu um e abriu as plantas sobre a mesa.

— Bom, é isso aí. A tal sala secreta fica mais ou menos aqui. Debaixo da sala de estar, a sala principal da casa. A entrada foi selada, mas você viu onde fica.

— Mas aí não aparecem as salas secretas?

— Não, claro que não. Estas eram as plantas “oficiais”. Se alguém queria construir um quarto secreto não iria colocar no desenho. Afinal, eles se chamam “secretos” por um motivo não acha? Ninguém queria que soubessem da sua existência.

— Isso eu sei porra... mas como fizeram isso na surdina?

— Coisa mais fácil do mundo, ainda mais naqueles tempos! Mão-de-obra tinha de sobra, era só pegar os escravos. Um bom mestre de obras poderia fazer esse trabalho, e depois... os escravos eram fáceis de silenciar...

As últimas palavras de Gustavo me deram um arripio passageiro, claro, se algum antepassado construiu as tais câmaras, não iria querer um intrometido se metendo, afinal elas deveriam servir para ocultar algo. Enfim, escravos mortos não podiam contar histórias.

O retrato se tornou uma obsessão! A imagem daquela mulher não saía nem por um instante da minha cabeça. Sua expressão tão realista! Comecei a pensar se algum tipo de demência ou loucura estava começando a se manifestar. Sentia uma pressão insuportável em meu peito... uma sensação de que estava sufocando quando pensava na bela mulher do quadro.

Decidi fazer uma “visitinha” ao velho engenho à noite... afinal não era propriedade da família? Reuni algumas “ferramentas” numa mochila e saí furtivamente de madrugada. Não conseguiria passar mais uma noite como a anterior.

Pular a cerca do engenho foi fácil. Se havia um zelador ou segurança estava em algum alojamento perto da casa grande. Não percebi nenhum movimento, nem humano nem de cães. Cheguei à câmara subterrânea e

habilmente abri o cadeado do portão que instalaram. Acendi a lanterna que levei na mochila e corri até a mesa, rezando. SIM! O retrato ainda estava sobre a mesa! Embalado no plástico bolha. Sem pensar duas vezes, levei o quadro comigo. Deixei o carro numa estradinha de terra próxima para não chamar muito a atenção. Enquanto caminhava ouvi uma voz às minhas costas.

— Ei, moço! — Era a maldita da guia turística em uma bicicleta. Isso era hora desse estorvo aparecer?

— Moço, foi o senhor quem passou mal outro dia lá no engenho, né? Depois me disseram que o senhor é da família dos Barreiros, é uma grande honra conhecê-lo! Imagine: o senhor faz parte da história da cidade... O senhor também tem insônia? Eu às vezes saio para andar de bicicleta à noite, o senhor faz caminhada? O senhor melhorou? Sabe, tem uma receita caseira...

Como a mulher era tagarela, meu Deus! Eu não conseguia me livrar do encosto nem conseguia cortar a conversa — não, me corrijo: conversa não, MONÓLOGO! Já estava quase explodindo quando a merda aconteceu.

— Ô, moço! Essa não é aquela pintura que encontramos? O senhor não pode retirar ela daqui, é um objeto histórico e está sob a tutela da prefeitura, faz parte do acordo. Me dá ela aqui!

A guia tentou agarrar a pintura para arrancá-la das mãos de Daniel. No desespero ele afastou o quadro e empurrou violentamente a mulher que caiu no chão. Meio atordoada, ainda balbuciou:

— Isso é furto! Sua família não tem mais direito de mexer no engenho. Vou chamar a polícia!

Daniel desferiu um chute no rosto da guia. Largou o quadro e se jogou em cima dela, socando-a com ambas as mãos. Quando parou, a mulher gemia muito baixo.

Como se estivesse alucinado, Daniel agarrou uma pedra grande e começou a bater na cabeça da guia. Em minutos o cérebro dela estava espalhado pelo chão de terra.

— Você não vai falar nada para ninguém agora, sua vaca!

Daniel arrastou o corpo da guia até o carro e a jogou no porta-malas. Prendeu a bicicleta na traseira do carro e andou por um tempo pela estradinha. Numa vala de um córrego desovou o corpo, e mais além jo-

gou a bicicleta em um matagal. Ele estava tranquilo, não havia testemunhas e ele tinha certeza de que não deixara pistas.

Não havia como identificar o pintor. Talvez pelo estilo um expert pudesse, mas independente de quem o fez, a obra era magnífica... rica nos detalhes... como se fosse uma pessoa real na minha frente, e não uma pintura. Tocá-lo me excitava, como se uma corrente elétrica subisse pelos meus braços! Quase não consegui desgrudar os olhos dele, até que finalmente de madrugada guardei-o em meu armário. Eu mesmo iria mandar restaurá-lo.

O sono veio rápido, mas não foi tranquilo. A bela morena apareceu em meus sonhos, em carne e osso. Usava um vestido simples da época colonial que moldava suas curvas voluptuosas, seus lábios carnudos estavam rubros, seus cabelos eram lisos e escorriam pelas suas costas, seus olhos eram duas belas pérolas negras que brilhavam quando ela fixava o olhar... em quê? Seria em mim? Como se fosse uma resposta, ela ergueu uma de suas mãos, suas unhas longas como garras.

“— Venha para mim... venha meu querido... encontre-me...” — sua voz era uma doce melodia em meus ouvidos...

Acordei assustado e suado. Foi tão real! Foi como se pudesse tocá-la... parecia que eu estava enlouquecendo. De manhã me afastei o máximo possível da fazenda, almocei fora, bebi um pouco com alguns amigos que não via faz tempo... mas algo me chamava de volta, sentia um impulso irresistível de voltar para casa, mais especificamente voltar para ver o quadro... Comecei a tremer quando a noite chegou... uma espécie de pavor tomou conta de mim, talvez a expectativa do que a noite me reservava.

Dormi rapidamente como na noite anterior, e então... ELA voltou! Como na noite anterior, bela e exuberante. Seu olhar agora continha uma espécie de súplica, ela voltou a estender a mão para mim, e então, com um gesto removeu seu vestido revelando toda sua maravilhosa nudez. Tão real... podia sentir meu membro ereto por baixo do pijama... ela passava a língua sedutoramente pelos lábios carnudos. novamente ela falou.

“— Venha para mim... encontre-me... você não me quer?” — a morena avançou. Em um instante eu pude sentir como se ela subisse na cama comigo. Havia

um som no fundo, uma batida ritmada de atabaques e sons metálicos de agogôs. Seus lábios encontraram os meus, sua língua penetrou em minha boca, ávida... Eu tentei sentir as batidas de seu coração...

— Ainda não, querido. Para sentir meu coração você deve me encontrar... e aí eu serei sua...”

De manhã eu estava desesperado. Sim, eu estava apaixonado... meu Deus... apaixonado por um fantasma, uma imagem do passado! Eu precisava descobrir quem era essa mulher! Fui novamente ao passeio turístico, um novo guia, mas com a mesma lenga lenga, só acrescentando o fato dos furtos recentes de objetos históricos “valiosíssimos”, mas a prefeitura já estava tomando providências para proteger seu patrimônio.

Quando o guia fez uma pausa eu aproveitei a deixa.

— Onde as pessoas desta época foram enterradas? No cemitério municipal?

— Oh não meu jovem — respondeu o guia. — Na época colonial as pessoas de posses eram sepultadas nas igrejas...

— Os negros, digo, os escravos também?

O guia deu uma risada rápida.

— Não, não. Jamais. Os escravos nunca seriam enterrados com seus patrões num mesmo terreno, eram sepultados em cemitérios públicos, geralmente para indigentes, etc. Aqui na nossa cidade alguns engenhos tinham uma área específica só para isso. Entretanto, os cemitérios desta época foram desativados e as ossadas removidas. Se o engenho dos Barreiros tinha alguma área destinada ao sepultamento de escravos... bem, a localização se perdeu no tempo.

Eu me senti desanimado e perdido com essas informações.

— Entretanto — continuou o guia —, com os novos investimentos em turismo, estamos recuperando terrenos históricos, como o da igreja matriz, e lá está

localizada a antiga cripta que pertenceu à família do Barão de Barreiros...

Nem esperei o guia terminar. Saí apressado e voltei para casa... comecei a planejar uma nova incursão noturna...

Era um risco! Mas por onde mais eu poderia começar? Se essa mulher tinha uma certa importância... poderia estar sepultada na cripta. Senão... como poderia esquadrinhar o velho engenho procurando o cemitério dos escravos?

Eu não conseguiria dormir. Não podia arriscar sonhar com ela de novo! Mais uma vez, enfrentei a madrugada. Sorte que a iluminação pública nestas cidades do interior é péssima. Cheguei até a igreja matriz.

Com um pouco de jeito e certas manhas abri a velha porta que dava para a sacristia. A igreja estava silenciosa e escura, fui andando pela nave central com auxílio de uma lanterna. Em um dos transeptos maiores perto do altar localizei a capela com o nome dos Barreiros.

Uma grade fechava o local, mas eu também dei um jeito nesta fechadura. Na boa, eu não estava cometendo

nenhum crime, né? O sepulcro era da família, apenas a hora era imprópria.

Descobri que a cripta tinha um andar subterrâneo, havia uma escada estreita do lado direito, escondida pelos nichos ocupados pelos caixões. Nesse andar estavam os ocupantes mais antigos. Comecei a olhar os nomes nos nichos, mas eram todos de pessoas da família.

O que eu deveria fazer agora? Meu coração palpitava, eu senti o desespero se apossar de mim novamente. Notei então um túmulo na parede oposta à entrada. O nome havia sido riscado na pedra com algum objeto pontiagudo. Não havia placa, e poucos caracteres eram visíveis: dava para distinguir um “C”, um “T”



e talvez fosse um “A” no final. Apenas um primeiro nome, mais nada. Na lápide não havia mais nada que identificasse o ocupante, mas eu PRECISAVA saber de quem era! Um som de atabaques! Vindo do nada, eles quase estouravam meus ouvidos... era um sinal... A tampa era de granito e estava bem cimentada, mas isso não ia me impedir: da minha mochila retirei um forte martelo, uma talhadeira e um pé-de-cabra. O suor escorria abundante quando comecei a trabalhar... atabaques, agogôs e outros instrumentos tocavam freneticamente... havia uma cantoria ao fundo, mas eu não entendia o que falavam. O desespero em que me encontrava era maior que o medo que eu estava sentindo! Com muito custo finalmente quebrei a pesada tampa, cujos pedaços caíram com um estrondo.

Um miasma fétido saiu de dentro da sepultura.

Um caixão quase desfeito, envolto por uma grossa corrente enferrujada jazia lá dentro. Arrebentei a madeira apodrecida intrigado com as correntes. Finalmente, um esqueleto envolvido em farrapos de roupas femininas se revelou. Uma densa nuvem de poeira, de uma cor esverdeada atingiu meu rosto, o pó entrou nas minhas vias aéreas me sufocando. Procurei desesperadamente por ar me arrastando pelo chão imundo. Em minha agonia achei que estava delirando quando vi alguém se erguer daquele túmulo... era a minha linda mulher... minha mestiça... ela removeu os trapos que cobriam seu corpo e se aproximou totalmente nua! O som da música continuava... e então ela se ajoelhou e me tocou! Sua pele tinha uma textura macia indescritível. Porém não havia calor. Ela segurou minha mão e murmurou em meu ouvido.

— Então você me encontrou, meu amor!

— Q-quem é você? — murmurei com muita dificuldade, ainda sem poder respirar direito. — V-você está... morta? Como...

— Sssshhhh, meu querido. Não estou mais morta... graças a você! Você me trouxe de volta.

— Como é possível? Você é mesmo real? Como é seu nome?

— Sou muito real, sinhozinho... você não acha? Fui batizada com o nome cristão de Catarina, pois nasci no dia desta santa. E você, sinhozinho, como se chama?

— Daniel...

Com muito esforço consegui me erguer.

— E você voltou... está aqui para mim?

Toquei seus seios... pele fria... seus mamilos enrijecidos... não sentia seu coração...

— Ainda não, meu amado Daniel... como pode

sentir, eu ainda não estou totalmente “pronta”. Mas estarei realmente viva com sua ajuda... PRECISO de você Daniel. Por favor, ajude-me. Nas salas secretas do engenho... há uma delas com alguns ingredientes... ervas, poções... traga-as para mim, Daniel.

— E-eu não entendo... o que é tudo isso?

— Eu sô uma amaldiçoada, Sinhô Daniel. Tô presa entre a vida e a morte faz muito tempo... Mas eu posso voltá a sê viva se ocê me ajuda!

O tom de súplica em sua voz me fez levantar. Um beijo em meus lábios me colocou prontamente a caminho do engenho. Eu precisava ajudar Catarina... mesmo que ela não tivesse me pedido desesperada... eu a amo! Isso tudo era tão fantástico, mas mais tarde eu teria tempo de entender o que aconteceu... junto com minha amada Catarina...

Sem que ela precisasse pedir uma segunda vez, saí em disparada da igreja. Dirigindo pela pequena cidade como um doido, em poucos minutos cheguei ao velho engenho.

Rapidamente eu invadi as catacumbas (a segurança continuava uma merda) e, como se estivesse sendo guiado por uma força misteriosa, encontrei a saleta atrás de um amontoado de pedras que a ocultava, exatamente como Catarina indicou, onde vários potes de barro e vidro ocupavam uma estante. Peguei tudo que Catarina precisava. Por via das dúvidas, passei em casa e trouxe a pintura comigo, as cores ainda pareciam fulgurantes. Corri de volta a cripta para libertar minha amada antes do amanhecer.

Mal entrei na igreja, uma mão pousou em meu ombro, me virando bruscamente. Era o sacristão, que ao mesmo tempo acendia as luzes.

— Então, meu jovem! Muito bonito, hã? Arrombando a porta de uma igreja, vandalizando túmulos... Eu já devia ter chamado a polícia! Vagabundo! E o que são essas coisas em suas mãos? Provavelmente são para vandalizar ainda mais nossa igreja!

— Não é nada disso, meu amigo— tentei dar uma explicação convincente —, olha, eu sou da família Barreiros... eu pago os prejuízos, não precisamos envolver a polícia, eu não sou vândalo...

— Uma ova, que não! Invasão é crime! Depredação e vilipêndio de cadáveres são crimes!

Merda, será que esse sacristão idiota viu a Catarina?

— E essas porcarias? Me dê aqui! — O sacristão tentou arrancar os potes das mãos de Daniel, quase os derrubando com a violência.

— Não! — berrou Daniel, chutando o abdômen do religioso.

O sacristão caiu para trás batendo com a cabeça contra a parede. Furioso por causa do homem quase ter derrubado os potes, Daniel desferiu outro chute contra seu estômago. Em seguida, depositou o material cuidadosamente sobre uma mesa e pulou sobre o coitado do sacristão que gemia. Daniel apertou suas mãos em torno do seu pescoço.

O religioso encarava Daniel com os olhos esbugalhados, perdendo as forças pela falta de ar. Quando o infeliz estava quase desmaiando, Daniel agarrou um crucifixo de metal em um nicho próximo e começou a marretar a cabeça do sacristão. Finalmente, uma das hastes do crucifixo penetrou por um dos olhos do homem, até o seu cérebro, fazendo-o soltar um último gemido.

Com as mãos e a camisa manchadas de sangue, Daniel recolheu seus objetos e desceu à cripta. Agora já eram duas mortes em nome de sua paixão por Catarina, morta há quase dois séculos e meio.

Quando entrei fui recebido com alegria e júbilo por Catarina.

— Daniel! Você conseguiu! Agora, em breve, estarei com você.

Catarina abriu os potes. Com um pedaço de laje ela rabiscava freneticamente desenhos no chão. A música e a cantoria aumentaram de volume, isso me assustava, pois não conseguia identificar de onde vinham os sons, eles estavam no ar e reverberavam nas paredes. Como se a câmara estivesse lotada de gente. De um dos potes elevou-se uma chama alaranjada, Catarina

dançava e volteava, cantando algo numa língua desconhecida, talvez um dialeto africano. Eu comecei a me sentir zozzo, o calor que sentia agora e a mistura de sons me fez vomitar. E então o som sumiu! Tudo estava quieto, e apenas a figura de Catarina permanecia na luz que ainda queimava no jarro. Ela se aproximou de mim novamente.

— Então, meu querido? O que sente agora?

Toquei novamente o espaço entre seus seios. A pele estava quente! E seu coração palpitava como os atabaques que há pouco preenchiam a sala com seu som!

— Agora você está completamente viva, meu amor! E vamos ficar juntos para sempre...

— Ainda não completamente... falta apenas mais um passo... por isso eu precisava tanto de você, meu querido Daniel...

A mulher empurrou Daniel contra o solo e sem muita cerimônia montou em cima dele, desabotoando suas roupas. Ela poderia ser a encarnação de uma súcubo, tamanha a excitação que induzia. O homem, tomado completamente pela luxúria, entregou-se ao prazer! Exausto depois do ato sexual, Daniel ainda encarava Catarina com desejo, seu corpo ansiando por mais...

Catarina moveu-se como se fosse beijar Daniel, mas de sua boca surgiram dois enormes caninos. Com força fenomenal ela segurou-o com firmeza e cravou os dentes em seu pescoço, sugando o precioso sangue. O jovem, perplexo, tentou falar algo, mas a voz se recusava a sair. Quando percebeu que Daniel estava no limite da vida, Catarina o largou. Ele a fitava espantado, lágrimas escorriam pela sua face.

— Acho que te devo uma explicação, meu anjo sal-





vador. Meu nome verdadeiro é Leezah, não este nome cristão... eu descendo da poderosa feiticeira N'gata, descendente de Anjujo, um dos maiores xamãs da África ancestral... Minha mãe foi uma poderosa mãe-de-santo, como vocês dizem atualmente. Quando chegou escravizada ao Brasil em um daqueles malditos navios negreiros, ela logo foi arrematada pelo seu ancestral. Um homem muito perverso com os negros, sabe, sinhozinho? Minha mãe era uma mulher linda. E imponente. Consciente de sua ascendência divina. O barão a violentou... e eu nasci! Herdeira de um grande poder... e ódio pelo Sinhô Branco! Com o tempo o barão passou a ter medo de nós, e um dia resolveu dar um fim nos sacerdotes negros... como faziam antigamente com as bruxas... com FOGO !

— Mas minha mãe também era uma vidente, previu a desgraça, e tentou nos salvar... pena que ela e os outros não conseguiram... mas eu... o feitiço que causou minha “morte” também assegurou meu retorno para este mundo. Com a magia correta e alguns ingredientes... mas o principal: para restaurar meu corpo plenamente, minha mãe precisou me conceder o dom do sangue... e minha primeira dose teria que ser fruto do AMOR! Sim, um homem apaixonado deveria me despertar. Obrigada meu amado Daniel.

— E agora, a melhor parte!

Catarina cravou sua mão em forma de garra no peito de Daniel, arrebatando seu esterno e arrancando seu coração. O órgão foi devorado rapidamente pela vampira, que inclinou a cabeça para trás num deleite sensual.

No chão, jazia um quadro desbotado, esmaecido pelo tempo e embolorado... suas cores já há muito perderam a tonalidade e a tinta descascava em vários pontos.

Algum tempo depois o guia apresentava a história do Engenho dos Barreiros para um grupo de turistas.

O turismo aumentou muito depois da divulgação das mortes brutais e misteriosas na pequena cidade, além do vandalismo na igreja com rumores de rituais macabros e profanos atribuídos a satanistas.

Uma bela morena acompanhava o grupo à distância. Leezah (ex-Catarina) lembrou-se de Daniel e riu mostrando seus alvos dentes. Havia muito para se ver e aprender neste novo mundo— e ela o adorava —, muito diferente daquele que ela conheceu em sua primeira vida, séculos atrás, embora o sofrimento da senzala ainda ecoasse em seus ouvidos. Um adolescente não tirava os olhos de cima de Leezah. Debaixo do chapéu que a protegia do Sol forte, a morena retribuiu o olhar e acrescentou mais um sorriso.

“Ótimo” — pensou. — “Acho que já encontrei minha próxima fonte para restaurar minhas energias”. Leezah ergueu sensualmente sua minissaia, pronto! Figara o garoto. Talvez lhe concedesse um momento de amor antes de beber seu sangue...

Roger Israel Feller é biólogo, com mestrado em genética. Natural de São Paulo, já foi vendedor, professor de faculdade e atualmente é funcionário público na Administração Estadual de São Paulo. Trekker de carteirinha desde 1992 e fã dos gêneros FC, terror, espada e magia e suspense há muitos éons.

Adora ler, principalmente obras dos gêneros já listados, e no seu tempo livre, um de seus hobbies é escrever, tanto histórias inéditas de sua criação (como o conto que segue) como fanfics.

Não é muito adepto de redes sociais, mas está presente com seu perfil no Facebook. É a primeira vez que tem uma obra sua publicada.

Especial Rubens F. Lucchetti

Noite diabólica – Contos macabros, de R. F. Lucchetti

Resenha de Dario Andrade

Rubens Lucchetti, uma das lendas da literatura de terror no Brasil, deixou uma obra de dimensões colossais. Mais de 1.500 livros publicados. Desses, muitos foram escritos como ganha-pão e podiam ter qualquer coisa como temática. Segundo ele próprio afirmou em entrevista, de caráter autoral seriam uns 200 livros, o que é algo impressionante. São milhares de páginas escritas ao longo de várias décadas. Uma carreira dedicada à literatura de horror e a outros gêneros geralmente ignorados. Algo raro, raríssimo no Brasil.

Além disso, boa parte de sua obra foi publicada em livros e revistas de banca de jornal. Está tudo muito disperso e muita coisa simplesmente não está disponível em lugar nenhum,



Dario Andrade

nem em bibliotecas, nem em livrarias, nem em sebos. Mesmo na internet, pouca, pouquíssima coisa está disponível em catálogo.

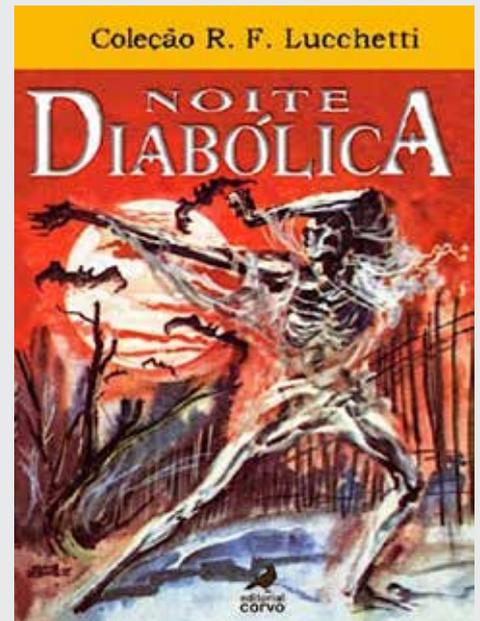
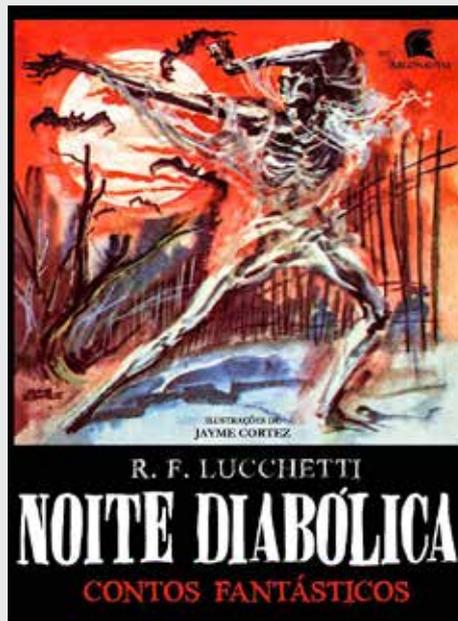
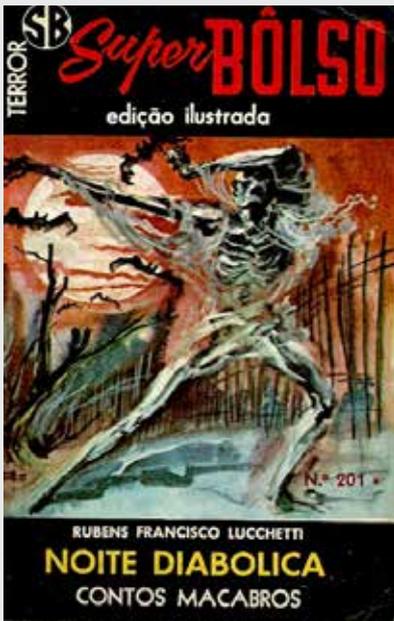
Assim, o primeiro passo é retirar os seus livros do limbo em que se encontram. Acho que a família está fazendo um pouco disso, mas a tarefa depende principalmente de nós leitores e fãs.

Esse “Noite diabólica” é um caso típico do que aconteceu com a obra dele. Originalmente foi editada pela *Editora Outubro*, da cidade de São Paulo. Segundo o site *Guia dos Quadrinhos*, a casa editorial existiu entre 1961 e 1966¹. No próprio livro não consta nenhuma informação editorial. Só se

descobre que o livro foi publicado em 1963 graças a uma entrevista concedida pelo autor em 2015².

1 Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/editora/outubro/213>. Acesso em 14 Ago 2024.

2 Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/rubens-francisco-lucchetti-o-papa-das-pulps-ateorizou-o-brasil/>. Acesso em 14 Ago 2024.



As três edições de “Noite diabólica”: a primeira, de 1963, a de 2016 e a mais recente, de 2020.

De qualquer modo, pela quarta capa é possível identificar que “**Noite diabólica**” era parte de uma coleção de livros de bolso, que se dividiam em séries de gêneros diferentes, caso, por exemplo, de terror e faroeste. Consta que o livro teria sido a primeira obra de terror escrita por um autor brasileiro.

Faz parte do capítulo pouco contado da vida editorial brasileira, em que muitos livros eram vendidos em bancas de jornal.

O exemplar conta, ainda com ilustrações de Jayme Cortez, que também foi diretor da editora até 1964³. Cortez foi um artista bastante conhecido entre as décadas de 1950 e 1980. Respeitado no mundo das ilustrações e dos quadrinhos, foi vencedor de vários prêmios, inclusive *Jabuti* e *Angelo Agostini*.

Existem informações de duas edições mais recentes de “**Noite diabólica**”. Uma de 2016, da *Editora Argonautas*; outra, de 2020, da *Editorial Corvo*. Sa-be-se pouco dessas duas versões.

“**Noite diabólica**” foi o primeiro livro publicado por Lucchetti. Todavia, ele já tinha uma carreira literária que remontava aos fins da década de 1940. Escreveu contos para várias revistas *Pulp*, principalmente aquelas dedicadas ao gênero policial, caso de *X-9*, *Meia-Noite*, *Suspense* e *Policial em Revista*. Em entrevista, ele revelou que teve uma de suas histórias publicadas no

exterior, na *Alfred Hitchcock’s Magazine*.⁴

Segundo o próprio Lucchetti, ele enviou os originais de “**Noite diabólica**” para a *Editora Outubro* com a intenção de que pudessem ser adaptadas para a revista em quadrinhos *Seleções de Terror*, que tinha histórias desenhadas por Nico Rosso.

Foi surpreendido quando chegou em sua casa um pacote com seis exemplares de “**Noite diabólica**”, primeiro número da Série Terror.⁵

São 19 contos distribuídos em 150 páginas: *Noite diabólica*, *O estranho caso de Paul Clossidy*, *A volta de Sir Braddon*, *No domínio do mistério*, *O monstro*, *A casa amarela*, *O vale do silêncio*, *A volta do despojo humano*, *A mais estranha história do mundo*, *O estranho doutor William Jeckie*, *Liana*, *Magda*, *A revelação do manuscrito*, *A revelação* (esta e as duas anteriores formam um conjunto), *Abkar* (uma poesia bem interessante em versos livres), *Um caso tenebroso*, *A história do lobisomem*, *No laboratório* e *A moça de negro*.

Os contos são narrados em primeira pessoa, às vezes temos um personagem que conta os acontecimentos ao narrador. São ambientados na Inglaterra ou nos Estados Unidos.

O estilo é gótico e os temas são típicos do gênero. Há cientistas loucos, seitas secretas, segredos terrí-

3 Disponível em <http://www.guiadosquadrinhos.com/editora/outubro/213>. Acesso em 14 Ago 2024.

4 Disponível em <https://www.vice.com/pt/article/rubens-francisco-lucchetti-o-papa-das-pulps-ate-terrorizou-o-brasil/>. Acesso em 14 Ago 2024.

5 Disponível em <https://www.vice.com/pt/article/rubens-francisco-lucchetti-o-papa-das-pulps-ate-terrorizou-o-brasil/>. Acesso em 13 Ago 2024.

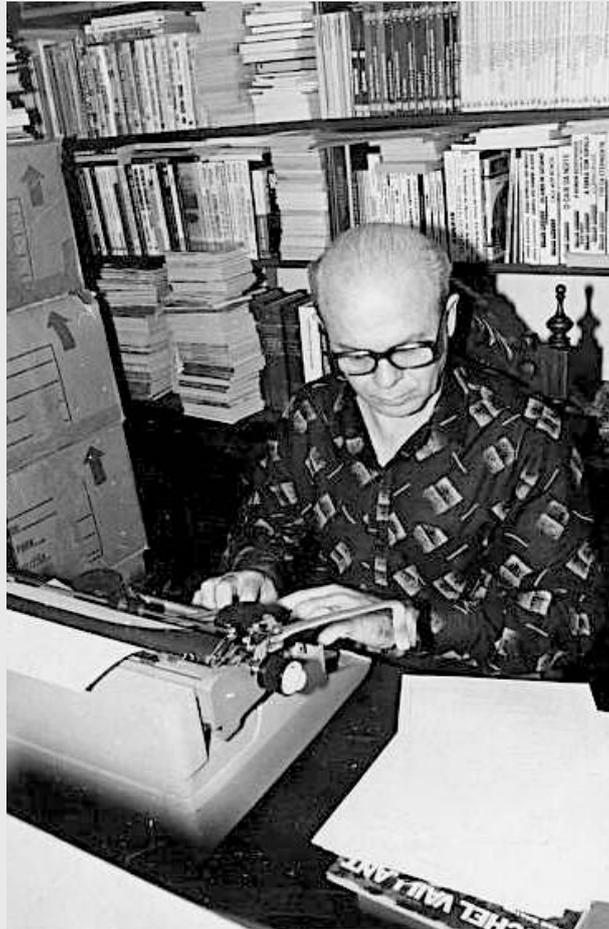
veis, noites chuvosas e frias, casas e mansões isoladas no campo, lugares escuros e sombrios e muitas situações em que os personagens deliram ou estão em estado de confusão mental diante dos fatos que presenciam.

Há, é verdade, muita ambiguidade nos fatos narrados. Podem ser delírios, fantasias ou até mesmo alucinações do narrador, o que sempre deixa alguma margem à interpretação do leitor. O início de *A volta do despojo humano* começa com “*Talvez eu tenha enlouquecido. O que vi, foi, quem sabe, apenas uma aparição...*”. O sentimento de enlouquecimento cresce: “*Como um doido, saí correndo pelas ruas. Julgava ver diante de mim formas fantasmagóricas que impediam meu caminho, demônios que riam... riam de mim, do escravo do medo e do pavor.*”

Em *Magda* há algo parecido, o narrador se vê enlouquecendo e em certo momento “*... meus pensamentos não estavam ali, vagavam pelas regiões abissais das sombras, pelos vales da morte*”.

De modo geral, as histórias vão em um crescendo de tensão. Pode-se começar com algo banal — um carro estragado no meio da noite, por exemplo — até se atingir o extraordinário. O início de *Noite diabólica* é algo assim: “*Eu era uma dessas pessoas incrédulas. Jamais acreditava no sobrenatural. Para mim só existia aquilo que via e que podia apalpar. Até que um dia ocorreu-me o inesperado, algo patético e sinistro...*”

Não existem exatamente reviravoltas, mas graças à ambiguidade, o leitor tem a sensação de que algo realmente fantástico aconteceu ou de que poderia ter acontecido, mas em vários casos faltam elementos para um veredito final. Os narradores, muitas vezes imersos na loucura ou no delírio, são incapazes de compreender inteiramente os fatos que acabaram de presenciar. É um pouco como acontece na vida real, em que as histórias fantasmagóricas são passadas de



Rubens F. Lucchetti trabalhando em sua casa.

boca em boca e não são passíveis de uma explicação clara e racional.

Em *O estranho caso de Paul Clossidy*, o personagem título revela ao seu interlocutor que “*O horrível é admirável*”. Parece ser esse o sentimento que Lucchetti tinha ao escrever.

Julio Cortázar, o escritor argentino dizia que o conto é uma luta de boxe ganha por nocaute, enquanto o romance é a luta ganha por pontos. Pode-se dizer que Lucchetti deixa vários nocautes pelo caminho.

“**Noite diabólica**” pode ser encontrada pela internet em versões digitalizadas por fãs. Lamento que essas como outras de suas obras não tenham merecido uma atenção das editoras.

Antes de concluir, destaque para a poesia *Abkar*. Em

versos livres, sem rima, é original e com um resultado final muito impressionante. Sinal da grande capacidade criativa do Lucchetti

Enfim, “**Noite diabólica**” é leitura altamente recomendada para os fãs, leitores e para os que desejam se aventurar na escrita de ficção. No livro há muito para se divertir e também para se aprender. Merece com certeza uma reedição atenta e cuidadosa.

Dario Andrade tem 51 anos e mora em Brasília, mas nasceu em Franca, no interior de São Paulo. É leitor de Ficção Científica há décadas. Alguns de seus escritores favoritos nesse gênero são Poul Anderson, Robert Silverberg e Clifford Simak. Pensa — às vezes — que “*Cidade*”, de Simak, é a melhor ficção científica já escrita. Já publicou em outros fanzines e também na própria Somnium. Mantém algumas obras na gaveta, mas quer publicar mais no futuro.. Contatos com o autor podem ser feitos pelo o seu perfil no Instagram: @darioandrade71.

Prêmio Argos 2024: finalistas

Uma tradição com mais de duas décadas

O Prêmio Argos de Literatura Fantástica é a mais importante premiação dedicada ao gênero fantástico no Brasil, englobando fantasia, ficção científica e horror. A premiação anual, que se iniciou no ano 2000, elege as melhores obras do ano anterior em 3 categorias - conto, antologia/coletânea e romance - e é promovida pelo Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC), entidade que existe desde 1985 e tornou-se a mais importante difusora do gênero fantástico no país.

FINALISTAS DO PRÊMIO ARGOS 2024

Melhor Romance:

Finalistas:

- * A diplomata, de G. G. Diniz. Plutão Livros.
- * A noite imperfeita, de Gilson Cunha. (autopublicação)
- * Um Milhão de Mim, de Cirilo Lemos. Ed. Draco
- * O nome dela é Luana, de Eberson Terra e Gustavo Nascimento. (autopublicação)
- * Rio 60 Graus, de Fábio Fernandes. Ed. Draco.
- * Silêncios Infinitos, de Nikelen Witter. Ed. Draco

Melhor Coletânea ou Antologia

Finalistas:

- * 16, org. Fábio Fernandes. ed. Caos e Letras
- * Estelar vol II: Edição especial de férias, org. Lu Evans. (autopublicação)
- * Mundos Paralelos: Ficção Científica, org. Ana Rüsche. Ed. GloboClube
- * O último dia do futuro, org. Lu Evans. (autopublicação)
- * Xuxa Preta, org. Alan de Sá. (autopublicação)

Melhor Conto:

Finalistas:

- * Breve Biografia de uma Cadeira Lúcida, de Renan Bernardo. Revista Samovar
- * Despertar na Aurora Sideral, de Juliane Vicente. Revista Suprassuma 2 : Fobias. Ed. Suma.
- * O Arquipélago, de Ursulla Mackenzie. Revista Histórias Extraordinárias 7. Ed. Mundo
- * O Grande Concerto, de Fábio Fernandes. 16. Ed. Caos e Terra.
- * Sete Horrores, de Fábio Fernandes. 16. Ed. Caos e Terra.

**PARABÉNS AOS
FINALISTAS DE CADA
CATEGORIA.**

**Comissão Prêmio Argos de
Literatura Fantástica 2024:**
Luiz Felipe Vasques
Eduardo Torres
Sid Castro



Conheça a nossa equipe!

A revista Somnium é feita por um grupo dedicado que tem muito amor pela ficção científica e a literatura fantástica em geral. Para quem não sabe, todos os contos enviados para a Somnium são lidos, primeiro, pelo GRUPO DE LEITURA CRÍTICA. Essa equipe é quem avalia a história, levando em conta aspectos como a originalidade da narrativa, a coerência e a técnica literária do autor(a). Em suma, o grupo decide se o texto submetido será ou não publicado, apresentando, em qualquer dos casos, argumentos e sugestões para possíveis melhorias no texto.



Dario Andrade

Os leitores críticos são a alma da revista. Quer conhecê-los? Eis a turma:



Valter Cardoso



David Machado



Silvio César



Hugo Sales



João Gomes



Nana Calimeris



Erick Rezende



Guilherme Xavier

Livro “Voltas ao redor do Sol”



O livro “Voltas” original, de 2005, ao lado da versão de 2023 e da futura versão de 2024.

O livro “**Voltas ao redor do Sol-2024**” é uma celebração dos 39 anos do CLFC – Clube de Leitores de Ficção Científica (criado em 1985). Quer participar? Envie seu conto de ficção científica e participe da seleção.

Confira a edição do livro “Voltas ao redor do Sol” edição 2023 aqui:

<https://www.amazon.com.br/dp/B0CQKRGFD9>

Voltas ao redor do Sol - 2024

REGULAMENTO

1 – Participantes

1.1 – O concurso destina-se a escritores de língua portuguesa, sendo livre para escritores iniciantes ou para autores já consagrados. Os escritores podem ser residentes de qualquer país, desde que maiores de 18 anos;

1.2 – A inscrição é GRATUITA e NENHUM VALOR SERÁ COBRADO dos candidatos para a participação no concurso, com revisão, preparação de texto ou posteriormente, para publicação da antologia;

1.3 – O que desejamos: essencialmente, histórias de ficção científica, como utopias, distopias, ucronia

(história alternativa), cyberpunk, steampunk, diselpunk, solarpunk, new weird, afrofuturismo, amazofuturismo, viagens no tempo, viagens espaciais, universos paralelos, alienígenas...

O que não desejamos: conteúdo pornográfico ou com violência extrema, linguagem vulgar, textos criados por IA (**Não utilize ferramentas de Inteligência Artificial, como o ChatGPT, para criar seu conto, mesmo que parcialmente. Nossas antologias têm por objetivo valorizar o autor nacional, e não inteligências virtuais**);

1.4 – O CLFC se reserva o direito de indicar alterações/revisões visando a melhora dos textos selecionados sempre que achar necessário. Os textos selecionados só serão publicados caso o(a) autor(a) altere seu texto conforme orientação do editor.

1.5 - O livro “Voltas ao Redor do Sol - 2024” tem como objetivo primeiro promover e valorizar a ficção científica nacional e seus criadores. O segundo objetivo é garantir a manutenção do CLFC (assim, a antologia será publicada na Amazon e os valores arrecadados ajudarão a manter as atividades do Clube, como a manutenção do site, da revista Somnium e do prêmio Argos). Dessa forma, os autores participantes do livro cederão os royalties de seus contos em benefício do CLFC.

2 – Orientações

2.1 – Antes de enviar seu texto, leia-o com atenção e revise toda a ortografia (apesar de termos revisores, um texto sem erros de português sempre tem mais chances de publicação);

2.2 – Os contos não precisam ser inéditos, podendo estar online em qualquer plataforma, ou já terem sido publicados anteriormente em outras coletâneas, sempre respeitando os direitos autorais adquiridos por outras editoras previamente, ou seja, o direito autoral do texto, para a participação no concurso, precisa estar 100% com o autor;

2.3 – Os textos deverão ser encaminhados para o e-mail indicado (envio-somnium@clfc.com.br) com o assunto “Voltas ao redor do Sol”, respeitando o seguinte formato:

Arquivo Word (.DOC ou .DOCX - NÃO ACEITAREMOS PDF) no tamanho A4; espaçamento 1,5 entre linhas; fonte Times New Roman (12);

O conto precisa ter um mínimo de 1.000 palavras e o máximo de 7.000 palavras;

2.4 – Cada autor(a) poderá participar do concurso com apenas 1 conto;

2.5 – O conteúdo precisa ser 100% original e qualquer indício de plágio acarretará desclassificação;

2.6 – Não serão aceitos contos que contenham conteúdo pejorativo, discriminatório ou que incitem ódio e preconceito;

2.7 – Não serão aceitos contos em coautoria.

2.8 – Evite notas de rodapé desnecessárias e não coloque qualquer dedicatória em seu texto.

2.9 - O prazo para envio dos contos é até o dia 15 de novembro de 2024.

3 – Publicação

3.1 – A antologia terá uma média de 10 (dez) contos

participantes. Dentre os quais, aqueles escritos pelos autores selecionados através deste concurso, podendo haver também a participação de autores convidados pelo Editor;

3.3 – A antologia será publicada em formato digital pela plataforma Amazon;

3.4 – A participação do autor no livro implica a concordância com todos os termos aqui estabelecidos.

4 – Direitos autorais

4.1 – Não há exigência de exclusividade para a antologia, ou seja, os autores poderão publicar seus contos em outros lugares ou coletâneas;

4.2 – Todo autor(a) receberá um exemplar do livro em formato digital.



O livro “Voltas” de 2024 contará com uma ilustração original de Rubens Angelo, que também é o organizador da edição.

Muita gente me pergunta o que é preciso para ser selecionado, mas a verdade é que não há fórmula nem regra rígida. Se você gosta de literatura de ficção científica, curte histórias instigantes que te faz pensar, então já está no caminho certo. Aceitamos todo o tipo de histórias fantásticas, sejam aventuras espaciais com monstros e robôs, sejam viagens intimistas entre dimensões paralelas. Você imaginou uma história que se passa em um outro mundo, onde os homens cavalgam dragões alados e se armam com cristais que emitem poderosos raios — como magia? Nós gostamos disso também! Os limites estão na sua imaginação e queremos mesmo que exercite ela. Publicamos textos grandes, médios e pequenos — quer mandar uma ficção-relâmpago com 500 palavras? Publicamos também! Então espero que tenha ficado claro: não há regras de tamanho nem temas melhores ou piores. Queremos boas histórias!

Bem, dito tudo isso, agora vamos a algumas dicas de ouro, que certamente farão seu conto ter mais chances de ser selecionado:

- Escreva de um jeito simples e direto, de forma que o leitor entenda tudo o que você quer dizer. Excessos de termos técnicos, frases longas ou descrições demoradas podem atrapalhar o entendimento do texto.
- Revise seu texto (ou peça para um amigo fazê-lo). Um conto bem escrito, sem erros de português, é sempre um conto melhor.
- Tenha consciência de que tudo que está no texto é necessário. Contos longos exigem mais técnica literária e suas chances de errar aumentam. Por vezes, menos é mais.
- Conte uma história, debata uma ideia, mas lembre-se que é sempre bom mostrar personagens que sintam, que desejem, que sofram, que vivam ou que morram. Bons personagens seguram o leitor e são os seus olhos e ouvidos no mundo ficcional que você criou.

É obrigatório falar do Brasil ou ter personagens brasileiros? É claro que não. Mas tenha em mente que grandes autores falam daquilo que conhecem bem, daquilo que têm alguma intimidade. Como brasileiros, conhecemos bem o nosso lugar, nossa cultura, nossa frustração. Esteja preparado para críticas e sugestões. Os textos publicados

passam por um processo de leitura crítica do editor junto ao autor, é assim que profissionalizamos nossa literatura. Mal posso esperar para ler e publicar suas histórias!

Envie seu texto para o email:

envio-somnium@clfc.com.br

E coloque no assunto a palavra “CONTO”.

Rubens Angelo, Editor